

POR QUE AS CRIANÇAS NÃO VÊM COM MANUAL?

*Método Saber Fazer: os Direitos da
Primeira Infância* concebidos pelo Dr.
Aventino Alfredo Agostini

MAURO GAGLIETTI

ALESSANDRA DA ROSA SIKORA

ARLÉIA BELLINI



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



MAURO GAGLIETTI

É “amigo” da Escola Saber Fazer. Na Academia Passo-

-Fundense de Letras estuda a obra do Dr. Aventino Agostini. Nas Faculdades João Paulo II é Professor e Coordenador do Núcleo de Mediação, atuando, ao mesmo tempo, como Professor de Pós-Graduação no RS e SC. Atua, ainda, junto ao Ministério Público no Movimento Sepé Tiaraju nas Escolas. Tem Doutorado em História/PUCRS, Mestrado em Ciência Política/UFRGS, Graduação e Especialização em História na UFSM.



ALESSANDRA DA ROSA SIKORA

Diretora e Sócia Proprietária da Escola Saber Fazer. Gradua-

da em Filosofia/UPF. Graduada em Pedagogia/UNOPAR; Pós-Graduada em Psicopedagogia/UPF. É Professora de Educação Infantil na rede pública municipal junto a SME – Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Passo Fundo. Assessorou, entre 2014 e 2018, o Dr. Aventino Agostini na preparação de palestras e em publicações. Considera o Dr. Aventino um grande ser humano, iluminado, um “verdadeiro pai afetivo e intelectual”.

Mauro Gaglietti
Alessandra da Rosa Sikora
Arléia Bellini

Por que as crianças não vêm com manual?

Método Saber Fazer: os Direitos da Primeira Infância
concebidos pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição, Setembro 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão de texto: Débora Facin

Capa: Tela de FERRARI, Ricardo - Série “Lembranças da minha infância” (2012).]- Foto: Tina Carvalhães. Fonte: <https://bit.ly/2IWvHzn>.

G135p Gaglietti, Mauro

Por que as crianças não vêm com manual? [recurso eletrônico] : método *Saber fazer : os direitos concebidos pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini* / Mauro Gaglietti, Alessandra da Rosa Sikora, Arléia Bellini. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

4,5 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-425-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Educação infantil. 2. Crianças – Direitos.
3. Agostini, Aventino Alfredo – Médico – Escritor.
I. Sikora, Alessandra da Rosa. II. Bellini, Arléia.
III. Título.

CDU: 373.2

*Permita que seu filho veja em você um exemplo. Nos primeiros anos de vida, a criança absorve muitas questões no ambiente em que vive. O que você faz é o que seu filho vai aprender e, por isso, preste muita atenção em suas atitudes e modos. Esteja pronto a admitir seus erros e aprender com eles, além de assumir a responsabilidade por seus atos. Peça desculpas. Pratique a justiça, a humildade, a honestidade e o cuidado com você mesmo e com todos ao seu redor. São esses valores que você ensinará ao seu filho. Uma criança somente o admirará se tiver confiança e respeito por você. **Ensine seu filho a se importar com os outros e ter expectativas morais altas. Incentive seu filho a apreciar e a agradecer***

Conclusão a sucata!... Fiz o cálculo,
Saiu-me certo, fui elogiado...
Meu coração é um enorme estrado
Onde se expõe um pequeno animálculo...

A microscópio de desilusões
Findei, prolixo nas minúcias fúteis...
Minhas conclusões práticas, inúteis...
Minhas conclusões teóricas, confusões...

Que teorias há para quem sente
O cérebro quebrar-se, como um dente
Dum pente de mendigo que emigrou ?

Fecho o caderno dos apontamentos
E faço riscos moles e cinzentos
Nas costas do envelope do que sou...

**“Meu coração é um enorme estrado”, de
Álvaro de Campos (In: *Poemas*, Heterônimo
de Fernando Pessoa).**

AVENTINO ALFREDO AGOSTINI

A natomopatologista e citopatologista de profissão, nasceu em Nova Bréscia, RS, Brasil. Formou-se, em 1962, em Medicina na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, e, em 1966, realizou residência médica na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro. Coursou, entre 1969 e 1976, Pós-Graduação em Citologia e Patologia junto à Associação Médica Brasileira no Rio de Janeiro. Professor colaborador nas Faculdades de Medicina na UFSM, na Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ) e, entre 1968 e 1973, tornou-se Chefe da Divisão de Patologia, Chefe de Internato em Patologia e Chefe de Residência em Anatomia Patológica na Universidade de Brasília (UnB). Atuou, como médico colaborador, em 1963 e 1968, em Santa Maria (RS), junto ao Hospital de Caridade Doutor Astrogildo de Azevedo. Dedicou-se, como Assistente Médico Domiciliar e de Urgência, entre 1962 e 1992, como profissional integrante dos quadros da Delegacia Regional de Saúde do Rio Grande do Sul. Além disso, tornou-se titular da disciplina de Patologia da Universidade de Passo Fundo (UPF), RS, entre 1977 e 2007. Suas descobertas científicas foram publicadas no Brasil e em outros países, tendo seu nome inscrito em dois dos manuais de Medicina (*Dinâmica das Doenças Infectocontagiosas e Método Diagnóstico nas Doenças Infecciosas e Parasitárias*, em português e espanhol, encontrando-se em sua terceira edição). Nesses manuais, o capítulo *Angiostrongilose abdominal* foi escrito com a colaboração do autor. Participou como simposista-conferencista sobre o capítulo em tela em congressos Internacionais de Parasitologia (Guayaquil, Havana e Tóquio). Soma-se, a tais conquistas científicas, a descrição dos primeiros casos de Angiostrongilose

abdominal no Rio Grande do Sul, parasitose sob forma de lesão anatômica, atualmente reconhecida e presente em casos humanos e animais de laboratório (Brasil e exterior). Descreveu, ainda, o primeiro caso de Protetocose observada no Brasil, o segundo da América Latina. Por fim, destaca-se a publicação dos seguintes livros: *A imunologia do comportamento; O cálice de Sophia; Para além dos répteis; A humanidade da natureza humana; O pecado da omissão e direitos da Primeira Infância; Nobel da convivência; Direitos da Primeira Infância* (ex educação infantil).

Artigos Científicos Publicados:

TEIXEIRA, C. G. ; RODRIGUES, R. ; AGOSTINI, A. A. . Estudo longitudinal clínico-sorológico da angiostrongilíase abdominal em Guaporé, sul do Brasil, de 1995 a 1999. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 38, p. 310-315, 2005.

AGOSTINI, A. A.; RODRIGUES, R. ; PORTO, S. M. ; OLIVARES, A. L. O. ; BRANCO, S. L. ; GENRO, J. P. ; LATINO, A. C. ; MAUER, R. L. ; TEIXEIRA, C. G. . Dog My Be a Reservoir Host For Angiostrongylus Costaricensis. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, São Paulo, v. 44, p. 45-310, 2002.

AGOSTINI, A. A.; RODRIGUES, R. ; MAZUCO, R. ; BORGES, J. ; STOBBS, J. ; BECKER, L. ; TEIXEIRA, C. G. . Angiostrogilose abdominal. Patologia Cirúrgica de Importância Regional. Jornal Brasileiro de Medicina, v. 80, p. 3-3, 2001.

AGOSTINI, A. A.. Angiostrongilose abdominal: patologia cirúrgica de importância regional?. Jornal Brasileiro de Medicina, 1999.

TEIXEIRA, C. G. ; AGOSTINI, A. A. ; CAMILOCOURO, L. ; CRUZ, M. F. . Serioepidemiology of abdominal angiostrongyliasis: the standardization of an immunoenzymatic assay and prevalence of antibodies in two localities in Southern Brazil. Revista Tropical Medicine And International Health, USA, v. 2, n.3, p. 254-260, 1997.

AGOSTINI, A. A.. Acometimento ósseo na paracoccidioidomicose crônica disseminada. Relato dos primeiros casos no Rio Grande do Sul. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 29, n.3, p. 241-244, 1996.

Capítulos de livros publicados:

1. TEIXEIRA, C. G. ; AGOSTINI, A. A. ; RODRIGUES, R. . Angiostrongilíase Abdominal. In: Walter Tavares; Luiz Alberto Carneiro Marinho. (Org.). Rotinas de diagnóstico e tratamento das doenças infecciosas e parasitárias. Ied.São Paulo: Atheneu, 2005, v. I, p. 104-107.
2. TEIXEIRA, C. G. ; AGOSTINI, A. A. ; RODRIGUEZ, R. . Angiostrongilíases. In: Coura, José Rodrigues. (Org.). Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias. 1ed.Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2005, v. I, p. 1077-1080.
3. TEIXEIRA, C. G. ; AGOSTINI, A. A. ; RODRIGUEZ, R. . Angiostrongilíases. Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias. 1ed.Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, v. 1, p. 1077-1080.
4. AGOSTINI, A. A.; ADRIANA, E. ; RODRIGUES, R. . Biópsias de Pele: Orientações do Patologista. In: REICHERT P; BECK A; SEVERO A; AGOSTINI A; BLANKEMBURG E; FARIAS F; OLIANI H; BORGES J; MOREIRA L; OLIVEIRA L; ALIMENTA J; TANG M; UGHINI M; SOUZA M; SPARTA de; BONADEO E; LECH O; FOGAÇA P; CORAL R. (Org.). Pequenas Cirúrgias Ambulatoriais. : , 1998, v. 1, p. 28-313.

(Fonte: <http://lattes.cnpq.br/247988675169296>)

LEITURA SOBRE A PRIMEIRA INFÂNCIA:
ASPECTOS CIENTÍFICOS, JURÍDICOS, CULTURAIS,
SOCIAIS E POLÍTICOS

Livros de autoria do Dr. Aventino Alfredo Agostini:

- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **A imunologia do comportamento.**
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **O cálice de Sophia.** Passo Fundo: Armando Araujo Annes Casa Editorial, 1994.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **Para além dos répteis.** Passo Fundo: Berthier, 2004.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **A humanidade da natureza humana.** Passo Fundo: Passografic, 2011.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **Angiostrongilíases: da Biologia ao enfoque clínico.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **O pecado da omissão e direitos da Primeira Infância.** Passo Fundo: Berthier, 2015.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **Nobel da convivência.** Porto Alegre: Nova Eva, 2016.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. **Direitos da Primeira Infância** (ex educação infantil). Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018.

Autor referência na área de educação na Primeira Infância: Dr. Roberto Andersen

- ANDERSEN, Roberto. **Afetividade na educação: psicopedagogia.** 3.ed. São Paulo: All Print, 2014.
- ANDERSEN, Roberto. **Estudos sobre educação: inclusão responsável.** São Paulo: All Print, 2019.

Textos de outros autores e legislação sobre o tema

- A lei da Primeira Infância: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm>.
- Coletânea de Textos sobre o Novo Marco Regulatório dos Direitos da Primeira Infância: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudios/pdf/obra-avancos-do-marco-legal-da-primeira-infancia>>.
- O Plano Nacional da Primeira Infância (até 2020): <<http://primeirainfancia.org.br/plano-nacional-pela-primeira-infancia-2/>>.
- Rede Nacional da Primeira Infância: <<http://primeirainfancia.org.br/quem-somos/>>.
- Regimento Nacional da Primeira Infância: <<http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2018/06/RegimentoRNPI.pdf>>.
- Carta de Princípios: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2018/06/CartaPrinc%C3%ADpiosRNPI.pdf>>.
- Plano Estratégico: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2018/04/RNPIrelatorio_FINAL.pdf>.

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos – Leiloeiro Oficial de Passo Fundo e representante da fortuna crítica do Dr. Aventino Alfredo Agostini junto à família e à comunidade científica.

Ao Dr. Roberto Andersen – Academia de Ciências de Nova York.

À editora da obra Projeto Passo Fundo.

À revisora de texto Débora Facin

À Direção da Escola de Educação Infantil Saber Fazer.

À Coordenação da startUpe Law Technology Solutions.

À Academia Passo-Fundense de Letras.

A propriedade intelectual do método *Saber Fazer: Direitos da Primeira Infância* é de responsabilidade científica e legal do Dr. Aventino Alfredo Agostini. Sua pesquisa abarca seu amplo conhecimento enquanto médico, anatomopatologista e citopatologista. Assegura-se, ao mesmo tempo, que o laborário humano que serviu para a observação da efetividade dos Direitos da Primeira Infância foi, entre 1998 e 2018, a Escola de Educação Infantil Saber Fazer, situada na rua João Catapan, 1345, na cidade de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul, RS, Brasil, sob a direção das professoras Alessandra da Rosa e Arléia Bellini, proprietárias da escola até agosto de 2019. Elas consideram que nossas crianças, também têm elementos de massa e energia do mundo físico. Sabem que todas as formas de vida do Planeta necessitam, direta ou indiretamente, dos efeitos da luz solar para as crianças viverem saudáveis e felizes. No caso dos humanos, além da manutenção da temperatura ambiente, a incidência dos raios solares permite processos químicos importantes, como a produção de vitamina D, responsável pela fixação do cálcio em nosso corpo. A luz solar é fundamental, ainda, para que as plantas possam realizar a fotossíntese, processo por meio do qual os vegetais transformam gás carbônico em glicose (que é absorvida por eles) e em oxigênio (liberado para a atmosfera). A glicose produzida nos vegetais irá transmitir energia a toda a cadeia alimentar que vem adiante, nas várias espécies de animais que se alimentarão das plantas, nos animais que se alimentarão desses mesmos animais, etc. Novamente, as nossas diretoras da Escola de Educação Infantil Saber Fazer sabem que os seres humanos acabam sendo beneficiados pela luz solar, já que também os seres humanos se alimentam dessas plantas e/ou animais ao transferir deles a nossa energia. O calor do Sol (que resulta de

partes da luz que não são visíveis aos nossos olhos) tem, também, a função de acelerar a quebra das moléculas de proteínas e, em alguns casos, regula diretamente a temperatura corporal de animais como peixes, anfíbios e répteis. Assegura-se, ao mesmo tempo, que a parte visível da luz solar tem a função de regular o ritmo biológico e todas as atividades humanas, como a liberação de hormônios durante as atividades diárias, no sono e proporciona a capacidade natural de visão. Por essa razão, as nossas queridas diretoras da Escola de Educação Infantil Saber Fazer solicitaram a ajuda do Sol, pedindo emprestada a luz para colaborar com a construção do método Saber Fazer para concretizar, logo no início da vida, os Direitos da Primeira Infância. A referida escola foi fundada em 1998, mais precisamente, o método em tela foi desenvolvido entre 2004 e 2017, contando, ainda, com a contribuição do médico Pedro Ari Verissimo da Fonseca (já falecido), integrante das Academias de Medicina e de Letras em Passo Fundo, RS, que se notabilizou, entre outras contribuições, por demonstrar a importância da amamentação do leite materno no desenvolvimento da criança.

Esse livro é um “manual” para as mães, pais, famílias, escolas de educação infantil e para os demais segmentos da sociedade. Na verdade, são linhas voltadas para quem ama as crianças de 0 a 6 anos de idade. Desse modo, a Primeira Infância representa a fase de maior abertura e absorção para se aprender coisas novas. Todo adulto precisa entender **como o cérebro da criança aprende** e armazena informações. Essa aprendizagem se dá por intermédio das brincadeiras entre as próprias crianças e com o uso dos cinco sentidos. Brincar é o verbo dirigido ao desenvolvimento integral das crianças. Dessa maneira, as brincadeiras sensoriais possibilitam que as crianças conheçam o mundo ao seu redor a partir de novas **texturas, cores, cheiros, sabores e saberes**. Percebe-se que essas atividades sensoriais ajudam no desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social dos pequenos. Desde o nascimento até os seis anos de idade, as crianças têm uma grande capacidade de absorver e reter novas informações que se transformam em habilidades sociais e emocionais. São muitas as informações que chegam pelo tato, olfato, visão, audição, gustação, movimentos e posições do corpo. E todos esses sentidos começam a se desenvolver desde a vida uterina. Mas é na Primeira Infância que eles se mostram essenciais para definir a vida adulta. Salienta-se, ainda, que já está comprovado que desenvolver atividades

sensoriais nos primeiros anos de vida aceleram a aprendizagem e estimulam a criatividade das crianças. São **cinco os sistemas sensoriais que devem ser observados** e trabalhados na primeira infância: **táctil** (toque), **auditivo** (identificar sons), **oral/gustativo** (experimentar sabores), **olfativo** (identificar cheiros) e **visual** (habilidades da visão). Cada criança tem alguns sentidos sensoriais mais desenvolvidos que outros. No entanto, cabe aos adultos oferecerem a possibilidade, sobretudo acesso a uma Escola cujo método seja o *Saber Fazer: os Direitos da Primeira Infância*, que faz muito bem o uso de ferramentas para que as crianças possam ter ao direito de acessar às várias dimensões do desenvolvimento dos sentidos sensoriais. **Movimentos, texturas, aromas e sabores são informações que podem ser muito bem integradas ao ouvir e ver, para enriquecer ainda mais a capacidade de aprendizagem do cérebro.** E apesar de os fatores genéticos entrarem na equação enquanto tendências intrínsecas, as experiências (fatores extrínsecos) também ditam os rumos de melhor ou pior **aproveitamento na aprendizagem**. Sendo assim, tanto os estímulos quanto sua falta irão impactar inclusive na estrutura do cérebro a longo prazo. O que vale tanto para o lado positivo quanto para o lado negativo, já que esse é um cérebro ainda vulnerável. Especialmente no que se diz respeito às condições emocionais, alguns eventos que ocorrem durante os primeiros anos, podem até serem esquecidos com o passar do tempo, mas impactam profundamente na maneira de viver e assimilar a realidade no futuro. Há estudos comprovando que **o amor materno** por exemplo, pode ter amplos benefícios. Mães mais afetuosas e que oferecem **apoio emocional**, ajudam no desenvolvimento do hipocampo, importante área cerebral, que cresce duas vezes mais rápido em crianças que recebem mais carinho e

amor do que aquelas que são tratadas com distanciamento. Mas ainda considerando a essência do papel familiar, não podemos esquecer que devido aos compromissos do mundo moderno, as famílias não estão o tempo todo com seus filhos pequenos. Diante disso, **a Educação Infantil por intermédio do método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* pode propiciar a ampliação das experiências de convivência com diferentes crianças no ambiente escolar.** Tal método está sendo construído há 40 anos pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini (médico patologista) a partir do estudo de 21 anos de experiência da Escola Saber Fazer e dos estudos acerca da combinação de princípios transdisciplinares que se encontram relacionados à Etologia, à Teoria do Apego (Bowlby) e à concepção do Cérebro Triuno em evolução (Paul McLean). Nesse caso, desejamos que esse “manual” possa contribuir para que tenhamos crianças mais amadas e muito bem cuidadas com afeto.

SUMÁRIO

PONTO DE PARTIDA	23
PARTE 1 - LOCALIZANDO O DR. AVENTINO ALFREDO AGOSTINI	31
PARTE 2 - OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA	43
2.1. FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA DO VALOR DOS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA	47
2.2. COMO SURTIU A LEI 13.257/2016 (MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA)	51
2.3. O MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA (LEI 13.257/2016)	53
2.3.1. O que é o marco legal da Primeira Infância?	54
2.3.2. Por que é necessária a lei da Primeira Infância?	54
2.3.3. Como efetivar materialmente e colocar em prática a lei da Primeira Infância?	55
2.3.4. Quais as áreas prioritárias para efetivar as políticas públicas associadas à Primeira Infância?	55
2.3.5. De quem é a responsabilidade?	55
2.3.6. Como fazer o monitoramento?	56
2.3.7. Qualificação	56
2.3.8. Gestantes	56
2.3.9. Brincar	57

2.3.10. Licença paternidade	57
2.3.11. Família Acolhedora	58
2.3.12. Consumo e meio de comunicação	58
PARTE 3 - O MÉTODO SABER FAZER NA PRÁTICA	59
3.1. OS OBJETIVOS DO MÉTODO <i>SABER FAZER: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA</i>	65
3.2. O MÉTODO <i>SABER FAZER: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA</i> PROPRIAMENTE DITO	65
Providências de ordem prática na Escola com o Método <i>Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância</i>	71
3.3. O MÉTODO <i>SABER FAZER: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA</i> NO COTIDIANO DA ESCOLA	78
3.3.1. Primeira fase (momento de sensibilização, capacitação e formação dos profissionais)	78
3.3.2. Segunda fase (período de adaptação das crianças à escola)	79
3.3.2.1. <i>Como a criança pode lidar com a agressão: o preparo necessário da escola e das famílias</i>	86
3.3.2.2. <i>A pulsão em virtude do prazer</i>	90

3.3.2.3. <i>Como a Escola da Primeira Infância pode desenvolver nas crianças a afeição pela família, pelas demais pessoas e pelos animais</i>	94
3.3.3. Terceira fase (o dia a dia na escola): período voltado ao atendimento das crianças e da busca do envolvimento das famílias com o método <i>Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância</i>	96
3.3.3.1. <i>O cuidado com a alimentação da criança em casa e na escola</i>	101
PONTO DE CHEGADA	109
4.1. INVESTIR EM EDUCAÇÃO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA É MELHOR ESTRATÉGIA ANTICRIME	112
4.1.1. Primeira conclusão	112
4.1.2. Segunda conclusão	114
P O S F Á C I O	117
REFERÊNCIAS DE AUTORIA DO DR. AVENTINO ALFREDO AGOSTINI	123
REFERÊNCIAS	125

PONTO DE PARTIDA

Muitas mães e pais desejam o melhor para os seus filhos, desejam que sejam saudáveis, tenham o dia preenchido com muitas atividades estimulantes e que recebam o seu amor incondicional. Muitas mães e pais atormentam-se com a típica pergunta: será que os nossos filhos são felizes?

Você poderá ficar surpreendida(o) com aquilo que faz uma criança feliz. Os especialistas em desenvolvimento infantil que estudam essa questão afirmam que a felicidade não é algo que se possa oferecer a uma criança como um presente bem embrulhado. Edward Hallowell, psiquiatra e autor de *The Childhood Roots of Adult Happiness*, afirma que as crianças excessivamente mimadas – quer sejam inundadas com brinquedos, quer sejam protegidas de qualquer desconforto emocional – serão mais provavelmente adolescentes entediados, cínicos e sem alegria. O psiquiatra atesta que os melhores fatores de previsão da felicidade são interiores, não exteriores. Ao mesmo tempo, sublinha a importância de ajudar as crianças a desenvolverem um conjunto de ferramentas interiores com que possam contar ao longo de toda a vida.

Pergunte à sua filha, por exemplo, como foi o dia dela, ouça atentamente e a auxilie a resolver os dilemas do cotidiano, lembrando que ela precisa aprender a lidar com seus próprios problemas, sem precisar terceirizar a busca de respostas aos proble-

mas emergentes. Sugira a ela dispensar as outras pessoas que se acostumaram a resolver tudo por ela. Separe um tempo para aprender o jogo favorito de seu filho, para ler uma história a ele antes de dormir e se interesse de forma sincera pelos afazeres dele. Há inúmeras formulações e indicações que os adultos têm o direito/dever de acessá-las para tornar a vida com uma qualidade melhor.

O Dr. Aventino Alfredo Agostini, por sua vez, descobriu, há 40 anos, que há elementos básicos que ainda são muito importantes quando o assunto é a educação das crianças¹. Nesse sentido, seus preceitos vão ao encontro do que já se sabe a partir das pesquisas no âmbito da psicologia².

Qual é o segredo para criar e educar uma criança ajustada aos tempos modernos? Essa leitura vai mostrar que há um modo sim, fundamentado nas ciências e nas artes de se criar um filho. Além de se preocuparem se estão fazendo o certo e se seus filhos serão pessoas “bem-sucedidas”, precisam, antes, preocupar-se

¹ MACLEAN, P. D. *The triune brain in evolution: role in paleocerebral functions*. New York: Plenum Press, 1990. O método Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância conta com a elaboração teórica que se encontra associada à Teoria do Cérebro Triúnico (do Cérebro Trino, do Cérebro Triuno ou dos Três Cérebros), originalmente denominada em língua inglesa *The Triune Brain Theory*, de Paul Maclean (1990 [1970]), aliada a outras teorias que serão citadas no presente trabalho, pode ajudar a esclarecer esses aparentes mistérios. Resumidamente: nosso cérebro é composto por três camadas que foram sobrepostas ao longo de uma demorada evolução sobre a Terra: o cérebro reptiliano (físico, ou reptilian brain – R-Complex), o cérebro mamífero (emocional, ou paleomammalian brain – limbic system), o cérebro lógico-racional (neocórtex, ou neomammalian brain).

² AMATO, PR.; BOOTH, A. *A generation at risk: growing up in an era of family upheaval*. Cambridge; Mass: Harvard University, 1997. PONTALIS, J. B. La chambre des enfants. In: PONTALIS, J. B. (Ed.). *L'enfant*. Paris: Gallimard, 1979. p. 7-17. Inspirados nos autores, podem-se atualizar algumas orientações para a educação infantil. **Passa momentos de qualidade com seus filhos. A base de uma boa educação infantil no âmbito familiar passa pelo bom convívio e comunicação entre pais e filhos, ouvir o que têm a dizer e fazer, juntos, coisas que eles gostam. Não use o celular quando estiver perto dos filhos. Tal procedimento oportunizará aos filhos que se desenvolvam por meio da internalização da noção de ter consideração com outras pessoas, respeitar e reconhecer as diferenças e, acima de tudo, acumular boas lembranças de sua infância.**

se seus filhos saberão se relacionar com outras pessoas por meios que não sejam os virtuais.

Nesse caso, este livro pode servir de “manual” também para mães, pais, avós, tios, professoras, educadores, profissionais da saúde e das demais áreas que trabalham com crianças até seis anos de idade. Isso porque o tempo passa e as atitudes consideradas adequadas mudam com a mesma velocidade para que se acomodem à nova realidade. Ocorre que tudo acontece tão rapidamente que, quando percebemos, as atitudes de hoje são muito distintas de quando eu ou você éramos crianças. Até parece que a cultura interage com a genética. Contemporaneamente, a geração internet desconhece o que é brincar na rua, na chuva, na terra, pisar na grama, andar de bike, subir em árvores e outras coisas simples que, para os mais maduros, faziam parte de uma infância feliz.

No entanto, essa mudança representa um verdadeiro desafio aos pais, escolas, famílias, profissionais que atuam com crianças que, de acordo com a garotada de hoje, não tiveram o privilégio de crescer com a tecnologia. Ao que parece, criar filhos 4.0 em plena era da quarta revolução industrial/tecnológica proporciona muitas incertezas e inseguranças de toda ordem aos pais e demais cuidadores.

As escolas, as professoras e as famílias dos alunos(as) podem proporcionar mais e melhores condições de aprendizagem emocional, se efetivamente, as suas missões sociais tão transcendentais se compatibilizarem mais com as emoções e as cognições dos alunos, filhos e se preocuparem mais com os seus níveis de satisfação com e para a vida.

Constata-se, ainda, algo muito devastador que se encontra associado a um modo de se acreditar apenas na supremacia da

razão, do conhecimento científico, técnico e enfatizando-se, sobremaneira, a especialidade. Tal paradigma têm sido muito valorizado em nossa cultura, associando-se ao processo educacional. Assim, são oferecidos às crianças estímulos intelectuais desde muito cedo enquanto seu corpo, suas emoções, sua intuição não são estimulados e valorizados como expressão viva da humanidade. A atenção e a observação da criança precisaria valorizar o seu corpo, seus sonhos, suas emoções, seu intelecto, sua espiritualidade e quantas demais dimensões. Portanto, a educação deve atender a todas as suas necessidades visando a uma formação integral. Assim, como sempre se refere Edgar Morin em suas conferências, é preciso “educar o educador”. O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança aprende com os amigos, a família, a escola e fazendo uso da internet. Diante disso, é necessário criar meios de comunicar o conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos. O modelo de educação, sobretudo, não pode ignorar a curiosidade das crianças.

Com esse objetivo, nasce este “manual” para valorizar quem cuida da criança, no âmbito familiar, escolar e comunitário, com suas múltiplas dimensões (corporal, intelectual, psicológica, afetiva, espiritual)³. Dito isso, este livro nasceu para demonstrar a relevância de toda a fortuna crítica do Dr. Aventino Alfredo Agostini para a ciência e para a sociedade. O destaque maior, dada a relevância do tema, fica por conta da sua obra escrita e revisada pelo autor em 2017 e publicada no ano seguinte. Trata-se do livro “Direitos da Primeira Infância (ex educação infantil)” de

³ Nas primeiras décadas do século XX, houve essa abordagem a partir das pesquisas orientadas pelo médico Carl Gustav Jung. Ver: JUNG, C. G. *O desenvolvimento da personalidade*. Tradução Frei Valdemar do Amaral. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

sua autoria e editado pelo Projeto Passo Fundo⁴. À época, o autor da referida obra assinalou que o objetivo maior do texto era alertar para um modo de possibilitar que a raça humana sobreviva no Planeta. No caso, o caminho apontado pelo médico patologista é a efetivação na prática dos Direitos da Primeira Infância para neutralizar a violência entre os seres humanos.

O Dr. Aventino Alfredo Agostini preocupa-se com a ampliação do acesso dessa orientação para as futuras mães, pais, professoras da Primeira Infância e para os cuidadores de crianças que se encontram com até 1 ano e 7 meses. É nesse período inicial da vida que a personalidade do indivíduo adulto é estruturada.

Percebe-se, em seus escritos, que os Direitos da Primeira Infância poderiam neutralizar (ou até mesmo anular) os fatores que estão contribuindo com o fim da espécie humana no Planeta. De acordo com o Dr. Aventino, todas as formas de violência têm origem nos seguintes fatores: sistema de urbanização inadequado (as crianças precisam do contato com o sol, terra, árvores, animais); agressão e concorrência intraespécie; elaboração ideológica voltada à produção de guerras; a invenção de armas de destruição.

Quando lhe dirigem a pergunta como seria possível aperfeiçoar a raça humana, tornando-a melhor, o Dr. Aventino responde: “basta conhecer os Direitos da Primeira Infância e colocar em prática como está sendo feito pela Escola de Educação Infantil Saber Fazer na cidade de Passo Fundo, RS, Brasil, desde 1998”.

De percepção bastante aguçada, o Dr. Aventino⁵ demonstra preocupação com a correção dos rumos da chamada “educação infantil”, a atuação das famílias e a formação das professoras e

⁴ AGOSTINI, Aventino Alfredo. *Direitos da Primeira Infância* (ex educação infantil). Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018

⁵ Ver Agostini (2018).

dos professores. De acordo com ele, “os pais têm o dever e o direito de contribuir com novas sugestões para melhorar nossa qualidade de orientação da Escola de Educação Infantil Saber Fazer, principalmente porque os programas atuais de ensino de pedagogia, psicopedagogia (biologia e demais cursos de licenciatura e bacharelado) não satisfazem nossos objetivos. Não constam, nessas disciplinas, as questões acerca das pulsões biológicas do medo e do prazer presentes na Primeira Infância. Assim, os programas atuais de ensino para a Primeira Infância conduzem as crianças como se fossem alienígenas, desprovidos de pulsões biológicas primitivas. Por essa razão, salienta-se que são adulterados e orientados, desde a Primeira Infância, para competir, brigar, vencer na vida e dominar. Ao contrário, como já vimos, as crianças devem, desde a Primeira Infância, conviver com as próprias pulsões biológicas e com as pulsões biológicas primitivas dos semelhantes, amar e proteger os mundos físico e biológico que nos precederam.

O Dr. Aventino, ao formular o valor da Primeira Infância, estabelece, pelo visto, uma ponte com Edgar Morin⁶ acerca da necessidade de se fazer uma revolução no sistema educacional brasileiro. O primeiro passo seria revolucionar a formação dos educadores – “educar os educadores”. Os professores precisariam sair de suas disciplinas para incorporar as descobertas de outros campos de conhecimento. E essa revolução ainda não aconteceu. O professor deveria prestar mais atenção em sua missão social, tanto a opinião pública quanto o cidadão, as autoridades precisariam ter a consciência dessa missão, reconhecendo e respeitando o ofício de professor(a)⁷.

⁶ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011. MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

⁷ CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre:

Contando com sabedoria, paciência e flexibilidade, qualquer mãe, pai ou professora podem criar as bases da qualidade de vida, saúde e felicidade para as crianças. Assim, um dos propósitos deste livro é incentivar as famílias e as professoras da Primeira Infância para que aprendam a transmitir a força interior e a sabedoria necessárias para lidar com os altos e baixos da vida que repercutem nas crianças.

Diante do exposto, desejamos a você, leitor(a), um ótimo aproveitamento de cada linha deste livro e que, na medida do possível, auxilie-nos na efetivação – na prática – do método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* idealizado pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini cujas bases se encontram em sua fortuna crítica.

PARTE 1

LOCALIZANDO O DR. AVENTINO ALFREDO AGOSTINI

■ nicialmente, assinalamos que o Dr. Aventino Alfredo Agostini é um cientista que conta com vasto conhecimento transdisciplinar e holístico, por ter superado, há quatro décadas, o paradigma cartesiano. Reside, desde 1974, em uma linda chácara no Bairro Santa Marta, em Passo Fundo, RS; é, também, um dos idealizadores, em Brasília, DF, do Instituto de Patologia da UnB e, em Passo Fundo, fundou o Instituto de Patologia e, posteriormente, a Escola de Educação Infantil Saber Fazer.

Fez residência médica no Serviço de Anatomia Patológica do Professor Manoel Barreto Netto, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde concluiu sua Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na década de 1960. Médico Especialista em Anatomopatologia e Citopatologia, publicou livros que transitam por diversas áreas do conhecimento humano: A imunologia do comportamento; O cálice de Sophia; Para além dos répteis; A humanidade da natureza humana; O pecado da omissão e direitos da Primeira Infância; Nobel da convivência; Direitos da Primeira Infância (ex educação infantil) e, para 2021, o público poderá contar com mais uma obra, na qual aborda, entre outros temas, o amor e os fractais. É, também, autor de vários capítulos em livros organizados por outros autores(as).

Enfim, tratamos de um ser humano ímpar, que, há mais de

50 anos, vem construindo um novo paradigma voltado a crianças e de como educar na Primeira Infância. Preocupado com os seres humanos cujas doenças decorrem – como é o caso da hipertensão arterial, atrofia renal e úlceras de estômago – da forma como as cidades se estruturam para fazer o mercado funcionar.

Parte de sua tese – verdadeiro legado para a humanidade – defende que: 1) a interação bebê/criança e o ambiente (mãe/pai) é o fator mais forte para o desenvolvimento de uma personalidade saudável; 2) na ausência dos pais, as crianças precisam ser cuidadas por profissionais preparados no âmbito da educação infantil, a fim de propiciar o convívio amoroso e o contato com a natureza; 3) interações positivas, carregadas de afeto positivo, facilitam o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, e as negativas terão efeito oposto; 4) essa interação começa desde o momento da concepção, ou seja, ainda no momento uterino; 5) o contato das crianças com os animais, com a terra, com o sol, com ar puro e plantas é fundamental para o desenvolvimento da humanidade da natureza humana.

Para que a espécie humana sobreviva no Planeta Terra, é necessário, segundo o Dr. Aventino Alfredo Agostini: lembrar que o ser humano não é de natureza má; alterar os objetivos do exercício do poder e da política; continuar desejando amar até que o amor se estabeleça entre os seres humanos; estabelecer e difundir universalmente os Direitos da Primeira Infância.

Dr. Aventino Alfredo Agostini é médico e escritor, nascido em Nova Bréscia, RS, Brasil, em 2 de agosto de 1937, formado em medicina pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vindo a atuar, posteriormente, como professor nos cursos de Medicina em diversas instituições, como: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal Fluminense (UFF),

Niterói, RJ; Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade de Brasília (UnB), onde se destacou pelo seu árduo trabalho na condição de Chefe da Divisão de Patologia, chegando a realizar mais de 700 autópsias entre 1966 e 1973.

Salienta-se ainda que, como se não bastasse à época, trabalhar por oito horas diárias realizando autópsias, ao retornar à sua casa, no horário reservado ao descanso, o Dr. Aventino, ao contrário, continuava estudando para buscar a explicação do funcionamento da vida e, sobretudo, o que mais o intrigava: o óbito infantil e a necessidade de políticas públicas que pudessem diminuir essas mortes. Pela ingerência do poder político em tempos da Ditadura, recusou-se a assinar a autópsia de uma criança que apareceu morta em uma piscina em Brasília. Em virtude disso, o Distrito Federal ficou para trás, cedendo lugar a Passo Fundo como local para o Dr. Aventino reconstruir sua vida profissional.

Assim, foi criado por ele, em 1975, o Instituto de Patologia de Passo Fundo, para servir aos hospitais e clínicas da cidade e região norte do Rio Grande do Sul, abrangendo mais de um milhão de habitantes. Posteriormente, entre 1981 e 2007, Dr. Aventino tornou-se Professor titular da disciplina de Patologia da Universidade de Passo Fundo (UPF), nos cursos de Medicina, Biologia e Enfermagem. Destaca-se, ainda, que suas descobertas científicas foram publicadas em renomados periódicos no Brasil e em outros países, tendo inscrito seu nome em alguns manuais internacionais de Medicina por intermédio da publicação dos trabalhos: “Dinâmica das doenças infecto contagiosas” e “Método diagnóstico nas doenças infecciosas e parasitárias”.

Nota-se, ao mesmo tempo, que o conjunto de sua obra científica traduz a busca da descrição do entendimento de quem somos, de onde viemos, a aventura de nascer, de renascer e a

felicidade de viver. Muito antes do reconhecimento da Etologia (pesquisa acerca do comportamento animal) como ciência em 1973, o Dr. Aventino já admitia, em suas investigações, que, desde a Primeira Infância, a humanidade da *Natureza Humana* manifesta-se no comportamento desse mesmo ser humano, como nos demais mamíferos, já demonstrando que o mal não é parte integrante da natureza humana. Se, por um lado, os animais conseguiram fazer do mal da agressão intraespécie um bem para preservar a espécie, de outro, o ser humano poderia fazer o mesmo se assim o desejasse. Ocorre que nós humanos precisaríamos observar mais os animais e adotar a sua inteligência cósmica para tentarmos viabilizar a continuidade da raça humana na Terra.

Soma-se, ainda, ao legado desse cientista – que já se encontra inscrito nos anais internacionais de medicina e nos institutos de patologia por ele criados – a Escola de Educação Infantil Saber Fazer (em Passo Fundo no bairro Menino Deus), que foi fundada em 1989. Nela, verifica-se a missão viva de facilitar que a humanidade da natureza humana possa se manifestar no comportamento desde a infância. Volta-se, a Escola, para a aquisição de habilidades de convivência com o mundo físico, biológico e social.

Esse empreendimento, no âmbito da educação na Primeira Infância, tornou-se possível em virtude da efetivação de práticas pedagógicas fundamentadas no método baseado nos princípios da Etologia, da Teoria do Apego de Bowlby e do Cérebro Triuno na formulação de Paul MacLean.

Em primeiro lugar, salienta-se que nessa escola os animais, por exemplo, ensinam-nos como conviver com o medo, agressão e, inclusive, desenvolver a afeição pelos familiares e semelhantes. Em segundo lugar, buscando possibilitar às crianças crescer

com sociabilidade, sem ansiedade e depressão, a Escola Saber Fazer propicia conforto físico, proteção e alimentação adequada, fazendo com que as crianças se afeiçoem às suas professoras, fundamentando-se no conceito de “Cérebro Triúnic” de MacLean, ao conceber o ser humano como resultado de uma evolução de bilhões de anos, ultrapassando várias fases no seu desenvolvimento que o fizeram uma espécie muito desenvolvida, com pensamento abstrato e racional, consciência, inteligência e cultura⁸.

O Dr. Aventino busca, em Paul MacLean, as três fases dessa

⁸ As bases neurobiológicas da conduta humana, o jogo entre o cérebro instintivo-emocional e o cérebro racional. O termo sistema límbico foi popularizado em 1952 pelo fisiologista americano Paul MacLean. De acordo com MacLean, a evolução de um sistema límbico permitiu aos animais experimentarem e exprimirem emoções, além de tê-los emancipado do comportamento estereotipado ditado pelo tronco encefálico. Esses dois “cérebros” formam um sistema instintivo-emocional e ajudam a garantir a sobrevivência. Preferimos, particularmente, manter a quantidade de três cérebros, como consta nos títulos das obras de Paul MacLean e como ele demonstrou em sua teoria (1990 [1970]). Recobrando esse cérebro emocional, desenvolveu-se o terceiro cérebro, o lógico-racional (o cérebro executivo, o neocórtex): essa área que nos permite o pensamento, a razão, a decisão, o controle dos impulsos, as estratégias e táticas, a linguagem, a motivação. Controlar os impulsos do sistema formado pelos dois cérebros mais primitivos (o sistema instintivo-emocional) é função do cérebro lógico-racional, típico dos mamíferos superiores. Essa área, mais ligada à racionalidade, faz os humanos diferentes das demais espécies (lobos pré-frontais). Daí viria nossa inteligência emocional (VILLENEUVE, 2016). Viria mesmo daí, ou viria da mediação feita pela razão a partir dos comandos emocionais-instintivos? Os cérebros ancestrais (mais inconscientes) têm grande peso e influência em nossos pensamentos e nosso cérebro lógico-racional ajuda nas decisões que temperam as emoções e os instintos com a inteligência. O neocórtex é encontrado apenas em mamíferos e muito mais desenvolvido nos humanos. Neocórtex: tipo de córtex cerebral de aparecimento recente na evolução, característico dos mamíferos. Apresenta um número maior de camadas do que os tipos corticais mais antigos. Referência à obra de MACLEAN, P. D. *The triune brain in evolution: role in paleocerebral functions*. New York: Plenum Press, 1990. Paul MacLean (1990 [1970]), que fala sobre a evolução, no estilo darwiniano, de três cérebros que foram se sobrepondo uns aos outros, a partir do mais primitivo: o reptiliano (instintivo, físico), incluídos nele o cerebelo, o tronco encefálico e o sistema reticular. Na origem, o modelo da serpente (espinha dorsal e um microcérebro, útil mais para a luta/fuga, sobrevivência, alimentação, procriação/sexualidade). Ele lida com as funções (conhecidas das neurociências) do cerebelo e adjacências: muitas delas do sistema nervoso autônomo parassimpático (respiração, frequência cardíaca, etc.), como escreve a pediatra Inés Merino Villeneuve (2016), em seu artigo *Una nueva vacuna: la vacuna del autoconocimiento. Bases neurobiológicas de la conducta humana. El juego entre el cerebro instintivo-emocional y el cerebro racional*.

evolução concebida no “Cérebro Triúnico”, segundo a qual há três cérebros em um só. A primeira parte é o paleocéfalo (herança réptil); esta é a menor parte do nosso cérebro, sendo responsável pelas necessidades básicas e essenciais, por exemplo, a digestão, o sono, a respiração e o batimento cardíaco. Essas ações são de carácter mecânico e instintivo⁹.

A segunda parte do “Cérebro Triúnico” é o mesoencéfalo ou sistema límbico, comum a todos os mamíferos, responsável pela proteção, emoções e sentimentos, capaz de aprender e transformar as emoções em memória. Finalmente, há a formação de um terceiro cérebro, o neocórtex¹⁰, que é a parte maior e mais evoluída do cérebro, a qual permite uma consciência e um raciocínio lógico ou argumentativo distinguindo os humanos dos outros animais. Essa terceira parte do cérebro, permite que os seres humanos sejam socioculturais e tenham um papel interventivo na sociedade e, também, tornando-se produto dessa mesma sociedade e da sua cultura¹¹.

⁹ Após esse “cérebro” primitivo originário, o segundo desenvolveu-se como um cérebro emocional (o sistema límbico): do qual fazem parte a amígdala, o hipocampo, o tálamo, o hipotálamo, entre outros componentes. É o cérebro dos mamíferos, que permite a formação de grupos (estabelecimento de vínculos), dada a emotividade requerida para esse tipo de aglomerado animal, como é o caso dos mamíferos inferiores, por exemplo, e de vários outros bandos de animais. Ele ajuda a trabalhar e a mediar o que se passa no meio exterior com o que se passa no interior do organismo (permite socialização). Ver: VILLENEUVE, I. M. Una nueva vacuna: la vacuna del autoconocimiento. Bases neurobiológicas de la conducta humana. El juego entre el cerebro instintivoemocional y el cerebro racional. Revista pediatría atención primaria, Madrid, v. 18, n. 70, abr./jun. 2016.

¹⁰ Diferentemente do hipocampo e do córtex olfativo, o neocórtex é encontrado somente em mamíferos. Assim, quando dizíamos, anteriormente, que o córtex cerebral se expandiu ao longo do curso da evolução humana, estávamos realmente querendo significar que o neocórtex sofreu essa expansão. De maneira semelhante, quando mencionamos que o tálamo é como um portal de entrada para o córtex, queríamos dizer um portal de entrada para o neocórtex (BEAR, 2002, p. 195). BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

¹¹ Embora esse cérebro de produção mais recente ocupe o volume de 85% do total encefálico, os pequenos cérebros ancestrais (reptiliano e emocional) dominam o racional nos momentos (críticos da vida e) das decisões – por uma questão óbvia de serem capazes de

O Dr. Aventino acredita, ainda, que é possível termos uma civilização que viva em paz. Para tanto, a cultura da convivência e da cooperação deve se sobrepor à cultura do ganhar/perder. No caso, a convivência e a proteção dos mundos físico e biológico originários também serão dinâmicas. Ele chama atenção dos políticos profissionais que decidem a vida dos demais seres humanos, ao destacar que o poder está sendo exercido de modo a colocar “o *Homo sapiens et sapiens* em um corredor, obrigado a andar para frente em direção à beira de um precipício, carregando nas costas ciência e tecnologia, megalomania e maldição do trabalho, acrescido dos fardos em que foi feita a confusão entre riqueza e economia. Noutros fardos, carregando também a confusão entre agressão e violência e, em outros, as ideologias políticas, religiosas, étnicas e a discriminação profissional”.

Com todo esse peso, caminham pela estrada da cultura do ganha/perde, de derrotar o outro, de vencer acima de tudo e, nesse caso, seus fardos poderão explodir, muito antes dos seres humanos perceberem que estão desaparecendo do Planeta enquanto raça, enquanto espécie, conforme pesquisa desenvolvida, há 40 anos, pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini, as quais demonstram a relação intrínseca entre vida e conhecimento: viver é conhecer, é relacionar-se, é estabelecer vínculos de cooperação.

fazer escolhas rápidas para a garantia da sobrevivência do organismo e da perpetuação da espécie (VILLENEUVE, 2016). O cérebro reptiliano visa às necessidades básicas: fome, frio, medo, sexo. O emocional busca afeto, ausência e presença (Fort Da – Ver: Freud. Conceito psicanalítico que refere-se aos jogos de ausência e presença (brincadeira infantil de aparecer/desaparecer) entre mãe e bebê (FREUD, S. Além do princípio do prazer. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, (1996 [1920]). v. XVIII, p. 13-78. Aprovação, segurança. A função executiva requer “una maduración del lóbulo prefrontal y sus múltiples conexiones corticosubcorticales”, diz a pediatra Inés Merino Villeneuve (2016, p. 87). Ao comentar o franco desenvolvimento desses três cérebros evolutivos nas crianças: até o primeiro ano de vida (o reptiliano), a partir do primeiro ano (o emocional-mamífero) e por volta dos três anos de vida (o lógico-racional), respectivamente.

Cooperar é muito mais apropriado, em termos da evolução humana, do que competir. Vínculos amorosos! Foi cooperando que a humanidade conseguiu desenvolver o afeto e a linguagem. Na conceituação de Maturana e Varela, biólogos respeitados internacionalmente, o que denominam de “autopoiese” (a capacidade de participar de sua própria criação), no sentido de que somos todos, da bactéria ao *homo sapiens*, seres determinados estruturalmente, e somente são plausíveis relações que possibilitem um encaixe, um acoplamento estrutural.

No entanto, essa estrutura não é fixa, estática; o ser vivo modifica-se ao longo de sua vida, em consequência das relações repetidas que mantém com outros seres vivos e com o meio ambiente. Reitera-se o que Gregory Bateson já havia dito a respeito das descobertas de Darwin e que, infelizmente, foram tão mal compreendidas: a evolução propicia a sobrevivência do organismo em interação com o meio ambiente.

Não é o mais forte (*the strongest*) que sobrevive, mas a unidade organismo e meio ambiente mais adaptados, mais encaixados (*the fittest*). Não há evolução ou sobrevivência de organismos isolados, mas apenas de organismos em relação com o meio e vice-versa. Quando essas características estruturais modificadas permanecem ao longo de gerações de uma linhagem, temos, então, uma herança, um processo histórico. E não são apenas as características genético-cromossômicas que são passadas de geração a geração, mas também as formas de se relacionar.

Assim, da estrutura e organização dos seres vivos, fazem parte não apenas aspectos biológicos, mas também as formas de condutas, aqui entendidas como as “mudanças de postura ou de posição de um ser vivo, que um observador descreve como sendo movimentos ou ações em relação a um ambiente determinado.” Dos acoplamentos estruturais recorrentes entre organis-

mos que têm sistema nervoso, origina-se o processo especial dos fenômenos sociais, entendidos exclusivamente sob a ótica das interações que se dão entre seres vivos, especialmente os humanos, aqueles em que se conserva uma emoção básica.

Quer-se destacar que todas as nossas condutas, mesmo aquelas que chamamos de racionais, dão-se sob o domínio básico de uma emoção, que se pode denominar amor: uma emoção, uma disposição corporal que nos possibilita ou não condutas estruturantes do humano. Percebe-se, nesses termos, que o ser humano surge quando se une uma série de características estruturais e organizacionais: o convívio em grupo, baseado na ajuda e proteção mútuas, o compartilhamento dos alimentos, o cuidado e proteção dos filhotes e o prazer sensual e sexual da convivência entre machos e fêmeas, independentemente da reprodução.

Todo esse processo dá-se dentro da linguagem, aqui compreendida muito além da expressão verbal. Trata-se da “biologia do amar”. O amor concebido como uma ação, uma atitude na qual o outro é aceito como legítimo outro na convivência. “O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano. Mais que isso, o amor é um fenômeno biológico tão básico e cotidiano no humano, que frequentemente o negamos culturalmente, criando limites na legitimidade da convivência, em função de outras emoções. [...] A emoção que define o que chamamos de relações sociais é o amor, porque as ações que constituem o que chamamos de social são as de aceitação do outro como legítimo outro na convivência [...] Nem todas as relações humanas são do mesmo tipo¹².”

Relações que não se baseiam na aceitação do outro como legítimo outro não são relações sociais. A essa altura, as tradicio-

¹²Ver Maturana, H.; Verdén-Zöllner, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

nais divisões e separações entre biológico e cultural, individual e social, emoção e razão não fazem mais sentido. Somos seres basicamente amorosos, em razão de nossa organização e estrutura, mas vivemos em uma cultura patriarcal que nega nossos fundamentos amorosos, matriarcais. Não nascemos capazes de discriminações étnicas (chamadas vulgarmente de raciais), culturais ou de gênero. As crianças naturalmente se aceitam, independentemente da etnia, classe social ou religião¹³.

Toda negação do outro em sua diferença é consequência de um aprendizado cultural e social. Dito isso, concebe-se que essa forma de ver o mundo e os demais seres vivos é aceita ao serem considerados os fundamentos amorosos do humano, fazendo surgir a obrigação de repensar todas as relações entre pessoas, seres vivos e com o meio ambiente. Até mesmo as práticas profissionais precisam ser revistas. Em que emoção se baseiam? Como ficam a educação, as psicologias e as terapias, as relações de trabalho nas empresas, as questões ambientais, as práticas de saúde?¹⁴

Essas novas possibilidades que cientistas como Varela, Maturana, Capra e o Dr. Aventino apresentam há quatro décadas retomam o Estrado referido no início desse livro, quando se vê, nos olhos do Dr. Aventino, sua família, seus amigos, seus colegas médicos, seus ex-alunos e alunas e as inúmeras famílias que se beneficiaram do seu trabalho à luz do seu microscópio. Vê-se o Instituto de Patologia de Passo Fundo com sua equipe de profissionais. Vê-se, sobretudo, o alcance da Escola Saber Fazer entre professoras, os alunos(as), os egressos e as suas famílias.

¹³ Ver MATURANA, H. R. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 1998; MATURANA, H. R. Da biologia à psicologia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

¹⁴ Idem. Ibidem

Sente-se que os olhos de Aventino, enquanto olhos de um cientista, consideram o campo microscópico a tela do comportamento social. Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar grandes os nossos pequenos! Em outros termos, as crianças têm o direito à Primeira Infância assim como os animais têm direito a serem animais, viverem desse modo, em contato com a natureza. Lembra o Dr. Aventino que toda privação de liberdade, mesmo que tenha fins educativos, contraria esses direitos dos animais e das crianças.

PARTE 2

OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Os primeiros seis anos de vida duram para sempre, sendo singulares dada a relevância do que pode vir a ocorrer nesse período. O período da criança poder estar em uma Escola de Educação Infantil que adota o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* não é apenas uma fase de recreação e de preparação para o aprendizado. Na verdade, essa fase representa a parte mais decisiva do próprio aprendizado, influenciando enormemente o desenvolvimento da criança nos próximos anos de vida. Evidências acerca das pesquisas sobre o tema apoiadas em dados empíricos no âmbito da Neurociências, Biologia, Medicina, Ciências Sociais, Psicologia, Economia, Educação atestam que esse é um período crítico para a formação de habilidades a serem desenvolvidas, contribuindo com os resultados do ciclo de vida. Assinala-se, sobretudo, que a acumulação de capital humano é um processo dinâmico no ciclo de vida, no qual capacidades geram determinadas habilidades. Entretanto, as políticas públicas na esfera da educação e treinamento para o trabalho são mal concebidas, tendendo a focar nas habilidades cognitivas racionais, mensuradas por meio do emprego de testes de QI, negligenciando, assim, a importância crítica das habilidades sociais, a comunicação humana, a autodisciplina, a motiva-

ção e outras “habilidades sutis” que determinam o sucesso na vida.

Essas conclusões esboçadas pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini há 40 anos encontram guarida nos mais recentes estudos do ganhador do prêmio Nobel James Heckman¹⁵, que realizou estudos de caso sobre a importância dos primeiros anos de vida das crianças. Essa pesquisa comprova que a formação de capacidades e de habilidades sociais demonstra que o retorno dos investimentos na escolarização é mais alto para as pessoas com habilidades mais altas quando essas capacidades são formadas nos primeiros anos de suas vidas. De outra perspectiva, o desenvolvimento humano pode ser um poderoso gerador de igualdade social ao propiciar benefícios significativos em longo prazo, que reduzem a lacuna entre alta e baixa renda familiar.

No caso, o pesquisador chegou em seus estudos a três conclusões que estabelecem excelentes interfaces com os postulados do Dr. Aventino Alfredo Agostini:

1. Atesta-se um relevante peso no papel da vida familiar e dos primeiros anos de vida na configuração das capacidades das crianças e adolescentes que se revelarão, posteriormente, nessas pessoas quando alcançarem entre 20 e 40 anos de idade. Assim, os fatores familiares nos primeiros anos de vida desempenham um papel crucial no estabelecimento das diferenças nas habilidades cognitivas e não cognitivas. Portanto, Heckman conclui que as capacidades não estão definidas ao nascer ou são

¹⁵ Texto extraído do blog formulado para Human Development Report Office 2014 Occasional Paper intitulado: Addressing and Mitigating Vulnerability Across the Life Cycle. In: UNDP's HDDialogue. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/content/case-investing-early-childhood>>.

apenas determinadas geneticamente, mas são condicionadas causalmente pelo investimento humano dos pais em suas crianças e que uma medida apropriada de desvantagem está mais relacionada à falta de qualidade do cuidado oferecido pelos pais, do vínculo, da consistência e da supervisão que da renda familiar por si só.

2. Heckman comprova a tese segundo a qual as intervenções sociais, familiares, escolares que ocorrem na Primeira Infância têm grande impacto essencial na promoção de habilidades não cognitivas no âmbito emocional, subjetivo. Assim, percebe-se o modo como as diversas capacidades configuram a habilidade dos indivíduos conviverem em sociedade. Tal habilidade social se desvela à medida que há o desenvolvimento ampliado de um conjunto nuclear de capacidades (cognitivas ou não cognitivas) cuja competência auxilia à promoção da vida exitosa em múltiplas dimensões.
3. O ganhador do Nobel afirma que a formação de capacidades é sinérgica. O que quer dizer que determinada habilidade humana cria as condições mínimas e necessárias ao favorecimento do desenvolvimento de outras habilidades sociais. Dessa maneira, as habilidades cognitivas e não cognitivas interagem dinamicamente para formar a evolução de capacidades subsequentes que se tornam demandas à obtenção de melhor qualidade de vida e de convivência em coletividade por meio da conscientização, auto-regulação, motivação, cooperação, persistência, decisões preferenciais de uso do tempo social e visão em longo prazo. Por decorrência, tais habilidades e capacidades humanas expressam o desenvolvimento

cognitivo e não cognitivo das crianças, refletindo no investimento familiar (no cuidado do que ocorre na vida escolar) no âmbito do capital humano feito nos primeiros anos de vida das crianças.

Por um lado, pode-se chegar à seguinte conclusão: investir em crianças na Primeira Infância em situação de desvantagem socioeconômica promove justiça e equidade social e, ao mesmo tempo, promove produtividade na economia e na sociedade como um todo.

Por outro, as políticas sociais frequentemente são remedia-tivas e fragmentadas, focando em apenas um problema por vez. Heckman assinala que é muito comum a atitude dos governan-tes que protagonizam programas para as crianças como se elas vivessem suas vidas em compartimentos, como se cada fase da vida da criança fosse independente da outra, desconectada do que ocorreu anteriormente ou do que virá na sequência. Desse modo, Heckman¹⁶ sugere a construção de políticas que superem os altos níveis de fragmentação e que possam estar preparadas para acolher e reconhecer que investimentos consistentes, por meio de políticas de Estado, com custo-afetivo nas crianças e jo-vens podem se pagar por si.

¹⁶ HECKMAN, J. Beyond Pre-K: Rethinking the Conventional Wisdom on Educational Intervention. *Education Week*, v. 26, Issue 28, p. 40. March 19, 2007. Disponível em: <<http://www.edweek.org/ew/articles/2007/03/19/28heckman.h26.html?tkn=PZMF-DxnG36OMv7YIX%2FiKfOi35%2BLyvtqPNnbK&intc=es>>.

2.1. FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA DO VALOR DOS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Buscando-se evitar o desaparecimento da raça humana do Planeta, os escritos do Dr. Aventino sugerem que sejam estabelecidos – universalmente - os Direitos da Primeira Infância. Justifica-se o investimento humano nos primeiros seis anos de vida dada a singularidade desse período que se encontra associada à definição da personalidade do adulto entre os três e cinco anos de idade.

Para tanto, faz-se necessário: alterar os objetivos do poder; desenvolver uma pedagogia adequada para a Primeira Infância com a participação do poder político do Estado, da Família, da Sociedade e da Escola; amar uns aos outros.

Os primeiros seis anos de vida da criança são fundamentais para o desenvolvimento de suas estruturas física e psíquica e de suas habilidades sociais. As experiências nesse período influenciam, por toda a vida, a criança e sua relação com as pessoas que a rodeiam. Essa é também uma fase de maior vulnerabilidade, que demanda proteção especial e um ambiente seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento de suas potencialidades. Pelas características dessa etapa de vida, a Primeira Infância carece de visibilidade social, sendo necessário criar situações em que as crianças sejam vistas e ouvidas.

Diante de tal perspectiva, o desafio traçado pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini no que se refere aos direitos da Primeira Infância é o seguinte: se a humanidade pretende sobreviver no planeta, deve:

1. Lembrar que o sistema nervoso começa a se desenvolver

no décimo oitavo dia da gestação. As células nervosas primitivas guardam na memória o ambiente onde está a mãe. Assim, no primeiro e segundo mês, a mãe deve ser tratada com todo o carinho possível, para a criança, após o nascimento, admitir que a vida extrauterina pode ser boa.

2. Durante a gestação, o cérebro desenvolve sucessivamente toda a evolução do sistema nervoso dos animais. Ao nascer, o cérebro réptil está praticamente adulto e domina o comportamento da criança.
3. A partir dos seis meses de idade da criança lembrar: nunca dizer para qualquer criança aquilo que não estamos sentindo, porque, a partir dessa idade, a criança percebe o fâcias do interlocutor e sabe se este está mentindo ou não. Perder a confiança da criança a partir dessa idade é trágico; começa também a se manifestar o segundo cérebro, o paleomamífero. Quem está com a criança deve receber e retribuir com alegria a afeição que a criança oferece. Se o desenvolvimento da afeição for estimulado nos primeiros anos de vida, o ser humano terá na vida adulta, pelo menos, afeição pelos mundos físico, biológico e social que o geraram, porque a personalidade do adulto fica praticamente estruturada dos três aos cinco anos de idade.
4. Nossos filhos não são alienígenas. Eles têm modalidades de comportamento denominadas pulsões biológicas primitivas (instintos primários). Lembrar que o Sol é um ser vivo rudimentar. Do nosso astro e também das crianças, emergem poder, atuam

sobre o meio (agredem o meio), realimentam-se e trabalham. O Sol é também gerador. A partir da fissão do átomo de hidrogênio, as partículas subatômicas são reagrupadas pela força gravitacional do astro. Assegura-se que, por intermédio do trabalho dessa força, o Sol gera 76 elementos atômicos diferentes. A criança, a partir dos dois anos, começa a desenvolver os órgãos responsáveis para preservar a espécie.

5. Como a criança é um ser vivo, deve: receber afiliação à prole da mãe. Além de conforto físico (saciar a fome, a sede, aliviar a dor...), deve ficar apertada ao colo para sentir-se segura e aliviar o medo. O alívio do medo é fator importante, para que, no futuro, a criança não transforme agressão em violência. Na ausência da mãe, as cuidadoras devem fazer o máximo para compensar a ausência da mãe, principalmente se as crianças estão no interior da creche desde os seis meses de idade; aplicar, desde o nascimento, as três regras que os animais usam para os filhotes não serem violentos: rito, desvio, parada. Essas condutas limitam também a agressão intraespecífica, todos devem saber que a agressão intraespecífica é uma das principais modalidades de comportamento que determina o desaparecimento do *Homo sapiens et sapiens* do planeta. Se os animais conseguiram fazer do mal da agressão intraespecífica um bem para preservar a espécie, o ser humano não poderia fazer o mesmo? Ou não é inteligente como os animais?
6. Na Primeira Infância, a pазinha e o baldinho para brincar na terra são infinitamente melhores do que qualquer celular. Na Escola de Educação Infantil Saber Fazer em

Passo Fundo, RS, também aprendem que os meios tecnológicos como computador, celular, *tablet* são meios para adquirir informações e realizar pesquisas. Todas as crianças preferem brincar na terra, nas árvores, criar suas próprias brincadeiras. Apenas utilizamos o computador ou o *tablet* nos momentos em que eles apresentam curiosidades, como já aconteceu, de ver os porquinhos, o bezerro, a ovelha mamarem em suas mães;

7. A criança deve ser amamentada ao seio até os seis meses. Após, além da amamentação, dieta complementar até os dois anos de idade. Os economistas ou administradores de qualquer organização social, caso tenham aprendido essa conduta e a impedem de ser praticada, são desumanos.
8. A criança deve ficar com a mãe durante dois anos para, no futuro, não desenvolver neuroses de angústia ou depressão. Lembrar que, anualmente, um milhão de seres humanos suicida-se por causa da depressão.
9. Durante a gravidez, evitar produtos de mar, para que os PCB's não mimetizem a ação da testosterona (Bifenilos policlorados, conhecidos por PCBs [*polychlorinated biphenyls*] ou por ascarel, são misturas de até 209 compostos clorados, que variam de nome de acordo com a posição relativa dos átomos de cloro na estrutura. Essas substância integram o grupo genericamente denominado de dioxina e foram sintetizados inicialmente por volta de 1800, na Alemanha, porém sua produção industrial teve início a partir de 1922. Não existem fontes naturais dos PCBs).

10. O prazer não deve se restringir às relações sexuais. Os núcleos hipotalâmicos do prazer e das atividades de reprodução da espécie estão muito próximos dos centros da agressão. O estímulo do prazer das relações sexuais pode estimular os centros da agressão e desencadear a violência. Por essa razão, desde a Primeira Infância, estimular o prazer proporcionado pelas artes, leitura, conhecimento, música, teatro, cinema, lazer, esportes, etc.
11. Permitir que a criança tenha o direito de manifestar no comportamento a Humanidade da Natureza Humana que lhe é singular. Se cão pode ser cão, gato pode ser gato, cabrito pode ser cabrito... por que nossos filhos não têm o direito de serem crianças humanas?

O Dr. Aventino Alfredo Agostini não tem dúvidas: “se assim procedermos, como já vimos, a criança na vida adulta amará a si mesma, os seus semelhantes e amará também os mundos físico, biológico e estará, praticamente, adulto ao dominar o comportamento da criança”.

2.2. COMO SURTIU A LEI 13.257/2016 (MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA)

O Brasil passou a contar desde 2016 com uma Lei da Primeira Infância (Lei 13.257/2016). Como chegamos até a sua formulação? Houve inúmeras discussões que ocorreram na Câmara dos Deputados para apreciação do Projeto de Lei n. 6.998, de 2013, de autoria do então Deputado Osmar Terra (hoje ministro da República) e outros parlamentares, que alterava o Estatuto da Criança

e do Adolescente, o ECA, para dispor sobre a Primeira Infância. Em março de 2014, foi formada uma Comissão Especial para analisar a proposição, presidida pela Deputada Cida Borghetti. O grupo trabalhou a passo célere, realizou audiências públicas, seminários regionais e reuniões técnicas, recebeu contribuições da sociedade civil, do governo, de especialistas e de universidades. Várias instituições disseminaram o debate em suas respectivas redes de atuação. Um ano depois, em março de 2015, a matéria foi remetida ao Senado Federal como Casa Revisora. O processo, que culminou com a sanção da Lei n. 13.257, em 8 de março de 2016, seguramente honrou a democracia brasileira, uma vez que a tramitação legislativa foi permeável ao conhecimento acadêmico do campo e às demandas dos atores que defendem os direitos da criança, e, ao mesmo tempo, foi responsável e coerente com os condicionantes que a realidade impõe às políticas públicas. O processo teve sua legitimidade fortalecida com a ampla participação social. O relator, Deputado João Ananias, por sua vez, mostrou enorme sensibilidade às contribuições apresentadas ao Congresso Nacional. Em sua maioria, elas invocavam que a Primeira Infância seja, de fato, tratada como prioridade nas intervenções de políticas, serviços e programas governamentais e tenha garantido seu pleno desenvolvimento. Sobre o advento da Lei n. 13.257, de 2016, que se convencionou chamar Marco Legal da Primeira Infância, merece destaque um aspecto que consideramos o cerne da nova Lei¹⁷. A novidade de trazer para a concepção e a normatização das políticas públicas uma cultura de cuidado integral e integrado com a criança, desde a concepção até os seis anos de idade, faixa etária abrangida pela legislação sancionada. Assegura-se, ainda, que há décadas a ciência

¹⁷ Ver: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudios/pdf/obra-avancos-do-marco-legal-da-primeira-infancia>>.

vem acumulando evidências sobre a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento do ser humano, desde os mais evidentes, como o crescimento físico e a aquisição da linguagem, até a criação das bases sociais e culturais que fundamentarão a vida adulta. Se por um lado o período da Primeira Infância é de grandes oportunidades para a plenitude da vida de uma pessoa, é também de muitas vulnerabilidades e de extrema susceptibilidade às influências e ações externas, como pobreza e violência. Em especial, a Primeira Infância no Brasil carece de uma atenção mais focada, de um olhar específico, de uma ação sensível às peculiaridades da idade.

2.3. O MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA (LEI 13.257/2016)

O marco legal da Primeira Infância (Lei n. 13.257/2016)¹⁸ contempla importantes avanços na proteção aos direitos das crianças brasileiras de até seis anos de idade ao estabelecer princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas voltadas a meninos e meninas nessa faixa etária. Trata-se do reconhecimento de que os primeiros mil dias (compreendendo a gestação e os dois primeiros anos de vida) configuram uma janela de oportunidade única para o desenvolvimento neurológico, cognitivo, psicomotor e emocional das crianças.

Entre os importantes temas abordados na nova legislação, estão o aumento da licença-paternidade e o direito da criança ao brincar e à estimulação. O Marco Legal estabelece ainda um

¹⁸ Ver: <<https://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/primeira-infancia>>.

conjunto de direitos das gestantes, como proteção a mães que optam por entregar seus filhos à adoção e a mulheres grávidas em privação de liberdade. Além disso, define como prioridade a formação e qualificação de profissionais envolvidos com a Primeira Infância e, por fim, prevê que sejam destinados os recursos financeiros necessários à efetivação do acesso das crianças a esses direitos.

2.3.1. O que é o marco legal da Primeira Infância?

Serão beneficiadas, diretamente, crianças de até seis anos de idade. Assinala-se que o Brasil tem mais de 20 milhões de crianças nessa faixa etária. O novo marco legal da Primeira Infância é a Lei 13.257/2016 voltada ao estabelecimento de princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a Primeira Infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano.

2.3.2. Por que é necessária a lei da Primeira Infância?

Os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Se, por um lado, o período da Primeira Infância é de grandes oportunidades para a plenitude da vida de uma pessoa, é também de muitas vulnerabilidades e de extrema susceptibilidade às influências e ações externas, como pobreza e violência. O Estado deve estabelecer políticas, planos, programas e serviços para a Primeira Infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando a garantir seu desenvolvimento integral.

2.3.3. Como efetivar materialmente e colocar em prática a lei da Primeira Infância?

O Marco Legal define quais são os direitos das crianças, quem tem a responsabilidade de garantir esses direitos e, de alguma maneira, como esses direitos devem ser assegurados. A Política Nacional Integrada para a Primeira Infância será formulada e implementada mediante abordagem e coordenação inter-setorial que articule as diversas políticas setoriais a partir de uma visão abrangente de todos os direitos da criança na Primeira Infância.

2.3.4. Quais as áreas prioritárias para efetivar as políticas públicas associadas à Primeira Infância?

As áreas prioritárias para as políticas públicas voltadas à Primeira Infância abrangem a saúde, a alimentação e a nutrição, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica.

2.3.5. De quem é a responsabilidade?

O pleno atendimento dos direitos da criança na Primeira Infância constitui objetivo comum de todos os entes da Federação, segundo as respectivas competências constitucionais e legais, a ser alcançado em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

2.3.6. Como fazer o monitoramento?

As políticas públicas terão, necessariamente, componentes de monitoramento e coleta sistemática de dados, avaliação periódica dos elementos que constituem a oferta dos serviços à criança e divulgação dos seus resultados. Para isso, o Comitê Intersetorial de Políticas Públicas para a Primeira Infância, já instituído no âmbito da União, tem se reunido periodicamente.

2.3.7. Qualificação

Os profissionais que atuam nos diferentes ambientes de execução das políticas e programas destinados à criança na Primeira Infância terão acesso garantido e prioritário à qualificação, sob a forma de especialização e atualização, em programas que contemplem, entre outros temas, a especificidade da Primeira Infância, a estratégia da intersetorialidade na promoção do desenvolvimento integral e a prevenção e a proteção contra toda forma de violência contra a criança. O objetivo é permitir que esses profissionais tenham as habilidades necessárias para conhecer os diversos estágios do desenvolvimento infantil.

2.3.8. Gestantes

As gestantes e as famílias com crianças na Primeira Infância deverão receber orientação e formação sobre maternidade e paternidade responsáveis, aleitamento materno, alimentação complementar saudável, crescimento e desenvolvimento infantil integral, prevenção de acidentes e educação sem uso de castigos físicos, nos termos da Lei 13.010, de 26 de junho de 2014, com o intuito de favorecer a formação e a consolidação de vínculos afe-

tivos e estimular o desenvolvimento integral na Primeira Infância. A ciência tem comprovado cada vez mais os efeitos benéficos para crianças e suas famílias de um acompanhamento pré-natal e de assistência ao parto e ao pós-parto adequados. O bem-estar da mulher, nesse momento da vida, é importante para receber um novo indivíduo que demanda cuidados intensos e ininterruptos.

2.3.9. Brincar

A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades. É importante reconhecer e respeitar que a ação de brincar é inerente às crianças e que, ao brincarem, desenvolvem suas singularidades e suas subjetividades, a sua capacidade de criar cultura, tão importante à sua formação.

2.3.10. Licença paternidade

Amplia a duração da licença-paternidade para 20 dias. A medida vale para os funcionários das empresas integrantes do Programa Empresa Cidadã. Para ter direito ao benefício, o empregado deve comprovar participação em programa ou atividade de orientação sobre paternidade responsável. Diversas pesquisas apontam a importância da participação do pai nos cuidados com o filho, desde a gestação e nos primeiros anos de vida, como fator que traz maior estabilidade emocional tanto para a criança quanto para a família. Assim, a legislação avança no sentido de reconhecer e proteger a presença paterna como um direito da

criança, além de possibilitar uma melhor divisão entre homens e mulheres nas tarefas de cuidado com a criança.

2.3.11. Família Acolhedora

A União apoiará a implementação de serviços de acolhimento em família acolhedora como política pública, os quais deverão dispor de equipe que organize o acolhimento temporário de crianças e de adolescentes em residências de famílias selecionadas, capacitadas e acompanhadas. O acolhimento em famílias acolhedoras é considerado pelas Diretrizes das Nações Unidas (ONU) uma modalidade prioritária para o atendimento de crianças menores de três anos. O acolhimento em ambiente familiar visa a propiciar um atendimento mais humanizado e prevenir os efeitos da institucionalização, aos quais as crianças na Primeira Infância são particularmente vulneráveis.

2.3.12. Consumo e meio de comunicação

Por se encontrarem em fase prematura de seu desenvolvimento cognitivo, as crianças na Primeira Infância ainda não possuem capacidade plena para discernir a publicidade voltada para o consumo. Além disso, a relação das crianças com os meios de comunicação e com a tecnologia deve ser realizada de forma mediada e de modo a não substituir a presença física dos cuidadores.

PARTE 3

O MÉTODO SABER FAZER NA PRÁTICA

Certo dia, perguntamos ao Dr. Aventino Alfredo Agostini o que é um ser humano. Meditou por segundos e deixou a seguinte construção oral e que agora passamos a colocá-la sob forma escrita tentando propiciar a maior aproximação possível do sentido e do significado de suas palavras: o humano do ser humano é mais o resultado de um devir do que o ápice de um acabamento biológico capturado e engessado por uma concepção tipológica de espécie. A partir do processo evolutivo e de algumas etapas da evolução humana, ressalta-se a importância da convivência cooperativa por meio do desenvolvimento de habilidades sociais para o surgimento da linguagem articulada e desta para a explosão da inventividade humana, o surgimento da cultura e a emergência da autoconsciência.

A pergunta que seguiu a resposta dada à primeira versou acerca do tipo de escola que seria mais ajustada à definição do humano do ser humano. Iniciou uma longa conversa sobre a Escola Saber Fazer¹⁹, que já conta com 21 anos de experiência tendo

¹⁹ A continuação deste livro virá, ao que tudo indica, entre 2020 e 2022, por meio da sistematização da experiência de 21 anos da Escola Saber Fazer. Assim, as Diretoras da Escola: professoras Alessandra da Rosa Sikora e Arléia Bellini poderão contar com o auxílio de pesquisadoras das mais diferentes áreas do conhecimento, como neurociências, biologia, medicina, psicologia, enfermagem, pedagogia, veterinária, agronomia e todas as licenciaturas e bacharelados no âmbito das ciências humanas e sociais. A Escola Saber Fazer foi fundada em 15 de agosto de 1998, localizada no Bairro Menino Deus em Passo

por parâmetro conceitual as diretrizes esboçadas pela própria teoria pedagógica do Dr. Aventino Alfredo Agostini. Assim, a referida escola serviu de laboratório para a formulação dessa preciosa teoria científica que aponta para um tipo específico de conduta de todos aqueles que trabalham com a educação infantil.

Nesse caso, o propósito do presente “manual” de como educar nos primeiros anos de vida que nos parece fundamental para o desenvolvimento de uma epistemologia científica que possa colocar em evidência a possível superação, ou tentativa de superação, entre a natureza e a cultura ou entre a biologia e a sociologia. Também consideraremos suas implicações para a educação. Ou seja, pretendemos avaliar as bases de sua teoria e a possibilidade de sua aplicabilidade subsequente na educação, porque é uma teoria que reconsidera a importância da experiência como promotora de conhecimento, assim como já demonstrou, do mesmo modo, Maturana, Varela, Morin, Jung, Capra, respectivamente, dois biólogos, um sociólogo, um médico psiquiatra e um físico quântico. Portanto, faz-se necessário continuar pesquisando, tendo em vista que, na esfera da longa duração, o dilema da nossa constituição humana, entre a natureza e a cultura, que, desde a Antiguidade, é uma problemática não fácil de solucionar.

Trata-se, agora, de enfatizar alguns aspectos dessa teoria que lembra um pouco a Pedagogia Wandorf²⁰ (voltada a todas

Fundo, RS, em uma chácara doada pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini, cujo endereço é Rua João Cattapan, 1339, Bairro Menino Deus (quase Bairro Santa Marta), CEP 99036-000, Passo Fundo. Salienta-se, ainda, que o cineasta Emiliano Ruschel (Los Angeles, EUA) está elaborando um projeto para resgatar a fortuna crítica da obra do Dr. Aventino Alfredo Agostini e, ao mesmo tempo, enfatizar os depoimentos das pessoas que hoje contam com idade entre 20 e 27 anos que estudaram na Escola Saber Fazer quando contavam com 3 a 6 anos de idade.

20 A Pedagogia Waldorf, baseada na Antroposofia, foi idealizada por Rudolf Steiner, na Alemanha. A primeira escola foi fundada em 1919 na fábrica de cigarros Waldorf-Astória. Tal fato se deu porque o Sr. Emil Molt, proprietário da empresa, tornou-se simpatizante da teoria social desenvolvida por Rudolf Steiner – a Trimemoração Social – e decidiu

as idades), porém não parte dos mesmos pressupostos centrados no mundo do trabalho, embora os resultados possam, em alguns casos, somente no âmbito da educação infantil, aproximar-se.

Na verdade, a teoria proposta pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini é única em sua singularidade transdisciplinar à medida que orienta os procedimentos para uma saudável educação infantil. Assim, as famílias e as escolas têm o direito e o dever de conhecer esse método revolucionário e, ao mesmo tempo, simples para os seis primeiros anos de vida de uma criança. Assinala-se, ainda, que o método Saber Fazer foi criado a partir do conhecimento do seu autor no âmbito da neurociência, da biologia, da medicina, da psicologia, da pedagogia, entre outras tantas áreas das ciências humanas e sociais. Percebe-se, desse modo, que a particularidade da teoria criada pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini reside em sua percepção que supera as formulações mais aceitas há 40 anos ao romper o paradigma mecanicista que sustentava o modo como os cientistas olhavam para a realidade humana. Não aceitando à época determinados pressupostos teóricos, o Dr. Aventino, ao examinar o conceito de humano compartilhado por biólogos e antropólogos, considerou um tanto limitado o nível tecnológico e de conhecimentos que a humanidade dispunha há quatro décadas. De modo geral, os cientistas à época afirmavam que o ser humano é um ser vivo animal, corda-

convidá-lo para criar uma escola que atendesse às questões levantadas por esse pensador. Steiner ministrava cursos e palestras aos operários e estes também ficaram interessados na possibilidade de verem seus filhos sendo formados dentro de um sistema de ensino que considerasse o ser humano e seu desenvolvimento cognitivo com bases no relacionamento social harmônico. Para o entendimento dessas questões, sugere-se a leitura atenta da teoria social desenvolvida por Steiner e sobre a pedagogia que ela fundamenta, além de descrever como a Trimemoração Social influencia a configuração administrativo-pedagógica das Escolas Waldorf. O objetivo principal dessa proposta é o desenvolvimento humano. Em Passo Fundo, a Pedagogia Waldorf é empreendida na Escola Municipal de Educação Infantil Toquinho de Gente. Ver: STEINER, Rudolf. *Waldorf Education for Adolescence*. São Paulo: Kolisko Archive Publications, Bournemouth, England, 1980.

do (animal que durante a vida tem notocorda, um cordão cartilaginoso flexível existente na fase embrionária e do qual se desenvolve a coluna vertebral), possuindo fendas branquiais e sistema nervoso dorsal como o anfioxo. Pertencente ao subfilo dos vertebrados por apresentar crânio e coluna vertebral segmentada, tendo, ao mesmo tempo, um cérebro enorme em relação ao peso corporal (voltando aos registros fósseis do gênero *Homo*, é importante ressaltar a descoberta do esqueleto de uma criança – o menino de Turkana – que media aproximadamente 1,62 metro quando morreu, mas que poderia atingir cerca de 1,80 metro se tivesse sobrevivido até a idade adulta. Esse fóssil foi classificado como *Homo ergaster* (MCHENRY; COFFING, 2000; KLEIN; EDGAR, 2005)²¹. Os membros dessa espécie apresentavam as mes-

²¹ A descoberta do fóssil do menino de Turkana teve um grande valor para a paleontologia e antropologia. Assim como Lucy (fóssil de *A. afarensis*) não deixou dúvida quanto ao fato de pertencer à categoria dos macacos bípedes, o menino de Turkana, igualmente, não deixou dúvida quanto ao fato de pertencer à linhagem que deu origem aos humanos. Algumas de suas características evidenciam isto: testa chata e recuada; nariz projetado para frente, com narinas orientadas para baixo. Nesse ponto, diferenciava-se do *H. habilis*, que possuía narinas embutidas no rosto, semelhantes às dos macacos. Apesar das mandíbulas serem muito projetadas para frente e os dentes de mastigação significativamente maiores do que os nossos, as feições do menino de Turkana forneceram uma demonstração inequívoca a respeito da estrutura corporal de nossos antepassados (MCHENRY; COFFING, 2000; KLEIN; EDGAR, 2005). Uma característica marcante do *H. ergaster* - a diminuição do comprimento dos braços, em relação às pernas - assinala o abandono final de qualquer utilização tipicamente símia das árvores, seja para alimento, seja para refúgio. É importante ressaltar que a exclusividade da vida no solo significou uma ênfase maior no andar bípede, o que poderia explicar, no decorrer do tempo evolutivo, o estreitamento dos quadris. Nas fêmeas, esse estreitamento acarretou, também, o estreitamento do canal vaginal, a diminuição do tempo de desenvolvimento intrauterino, o nascimento precoce e, por conseguinte, a expansão da neotênia e uma maior dependência do recém-nascido aos seus progenitores (LEAKEY, 1995; MCHENRY; COFFING, 2000; KLEIN; EDGAR, 2005). Essas duas últimas consequências serão ressaltadas quando discutirmos o processo de humanização. Alguns autores enfatizam a existência de uma relação inversa entre o dimorfismo sexual e o comportamento cooperativo. Essa ideia é fortalecida pela observação de que, em algumas espécies de símios, quando os machos são muito maiores do que as fêmeas, eles tendem a competir intensamente entre si pelas fêmeas sexualmente receptivas, mas não estabelecem com as mesmas o que os especialistas denominam de relações cooperativas. Assim, é sugestivo pensar que, pari passo à redução do dimorfismo sexual em nossa linhagem,

mas proporções corporais mostradas pelos seres humanos atuais quanto ao tamanho e às proporções entre braços e pernas. Em relação ao volume do cérebro, estimado em 880 cm³, ele era maior do que o do *H. habilis* (650 cm³) e menor do que o do homem moderno (1.350 cm³) em valores absolutos)²². O ser humano é um bípede terrestre, tendo pernas retas, duas mãos com polegar opositor, infância e maturação prolongadas, organização social complexa, graças à tendência e à cooperação. É capaz de elaborar pensamentos abstratos e construir diferentes culturas.

O Dr. Aventino concorda com todas essas características enumeradas e confirma que estas fazem parte da natureza humana. Porém, adverte o médico patologista que não se pode omitir que também fazem parte da natureza humana as emergências singulares de comportamento do sistema biológico como afiliação à prole, afeição pela prole e semelhantes e afeição seletiva independente de laços familiares. Destacando, o desejo de amar como um traço que pode servir para distinguir o animal humano dos demais animais.

Assim, o ponto de partida da teoria do Dr. Aventino é a

intensificou-se o comportamento cooperativo entre macho e fêmea. Se imaginarmos que a intensificação do comportamento cooperativo entre macho e fêmea tenha aumentado também a atenção e o cuidado dispensado à prole, teremos assim o embrião do núcleo familiar, fundamental ao processo de humanização, como discutiremos mais adiante.

²² Acredita-se que o *H. ergaster* - que significa homem trabalhador - tenha sido o ancestral comum do *H. erectus* e do *H. heidelbergensis* (MCHENRY; COFFING, 2000; KLEIN; EDGAR, 2005). As características do *Homo ergaster* e do *Homo erectus* são tão similares entre si que alguns autores preferem a denominação de «complexo ergaster/erectus». Outros utilizam de critérios temporais e geográficos para fazerem a distinção entre essas espécies e, assim, consideram a emergência do *Homo ergaster* como anterior à do *Homo erectus* e restringem, ao primeiro, o espaço geográfico que constitui o continente africano. É importante ressaltar que os indivíduos das espécies *Homo ergaster*, *Homo erectus* e *Homo heidelbergensis* possuíam uma anatomia, uma fisiologia e uma tecnologia (corpo robusto, inclusão da caça na dieta, produção de artefatos de pedra e uso do fogo) que lhes permitiam andar por longas distâncias e, portanto, migrar e habitar territórios nunca antes ocupados. Assim, por exemplo, o *Homo erectus* chegou à China e à Indonésia e, por algum desvio para o norte e/ou oeste, chegou, também, à Europa.

aceitação segundo a qual a estrutura corporal do ser humano está constituída por elementos de massa do mundo físico, como diferentes formas de energia, a força gravitacional e as forças eletromagnéticas, entre tantas outras.

Além disso, fazem parte do comportamento instintivo de todo o sistema biológico as modalidades de comportamento que se encontram presentes no mundo físico, como trabalho, poder, agressão, alimentação e atividades de reprodução.

Na primeira e na segunda infância, o Dr. Aventino lembra para pais, mães e professoras de educação infantil, que, ao nascer, domina no comportamento da criança as emergências do cérebro réptil, porque estas permitem a sobrevivência. Todavia, considerando-se que do mesmo modo como ocorre com as aves e mamíferos, sobre os núcleos hipotalâmicos e cortical primitiva dos répteis, desenvolve-se o andar por andar, o paleomamífero representado no ser humano pelo giro cingulado e núcleo caudado e, posteriormente, sobre estes, desenvolve-se o volume neocortex cerebral do animal humano.

Assim, na criança além do apego, que se manifesta para quem lhe oferece condições de sobrevivência ao nascer, posteriormente, manifesta-se a afeição pelos semelhantes, como ocorre entre aves e mamíferos. Essa emergência parece evoluir da Primeira Infância e também pode se desenvolver até a puberdade.

Quando o Dr. Aventino escreveu a primeira versão (sem as revisões posteriores), essas observações (em 2006), as descobertas sobre o neocortex, dava conta de haver manifestações à afeição seletiva (amizade) independentemente de laços familiares. Assim, as emergências citadas fazem parte da natureza humana e compete aos familiares e às professoras desenvolvê-las nas

crianças para que a cultura universal de vencer possa ser substituída progressivamente pela cultura de conviver.

3.1. OS OBJETIVOS DO MÉTODO *SABER FAZER*: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

1. Sensibilizar, capacitar e formar mães, pais, professoras, orientadoras da educação infantil, profissionais da saúde, proprietárias de Escolas de Educação Infantil, Diretoras de Escolas para a facilitação das condições mínimas e necessárias tendo em vista que a humanidade da natureza humana possa se manifestar no comportamento desde os primeiros anos de vida das crianças;
2. proporcionar às crianças que tenham uma infância criativa e criadora em ambientes familiares e escolas que possam adotar e internalizar o método Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância;
3. possibilitar às pessoas acesso à sabedoria para que percebam a importância para as suas vidas dos espaços temporais de convivência, contemplando as condições mínimas de compartilhar a vida com as demais pessoas nas dimensões do mundo físico, biológico e social.

3.2. O MÉTODO *SABER FAZER*: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA PROPRIAMENTE DITO²³

A concepção metodológica esboçada pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini passa pela capacitação e formação de mães, pais,

²³ Ver Agostini (2018).

professoras e de todos os profissionais que atuam com crianças para que tenham a sensibilidade e o preparo técnico em orientar as crianças à liberdade para manifestar no seu comportamento a humanidade da natureza humana. Para tanto, a originalidade do método pedagógico do Dr. Aventino ampara-se na combinação de princípios transdisciplinares que se encontram relacionados à Etologia, à Teoria do Apego (Bowlby) e à concepção do Cérebro Triuno em evolução (Paul McLean).

1. **Etologia**²⁴: examina os comportamentos inatos nas diversas espécies em ambiente natural. Atualmente, pode-se falar em duas tendências: a etologia tradicional e a ecologia comportamental, preocupadas, respectivamente, com as causas imediatas e evolutivas do comportamento. Superando concepções dualistas como inato-aprendido e natureza-cultura, a etologia tem contribuído para a compreensão do comportamento humano. O Dr. Aventino Alfredo Agostini, por sua vez, sugere a utilização da etologia como elemento de ponta para elaborar orientações para os filhos, netos, sobrinhos, alunos no âmbito da Primeira Infância. Pode-se pensar, como exemplo, o desenvolvimento do apego²⁵, relacio-

²⁴ Ver Bowlby (1990). O campo de estudo da etologia auxilia na ampliação da compreensão acerca de muitos aspectos do comportamento humano. Desvela-se, assim, a evolução humana ao permitir voltar nossas atenções para nossos parentes primatas que poderemos ter uma vaga noção de todos os fatores que nos trouxeram até aqui, e assim deliciarmo-nos com a incrível magia de sermos o que somos, com tantas possibilidades que poderiam ter nos levado para outros caminhos.

²⁵ Foi Bowlby (1969) que denominou o vínculo mãe-filho de apego. Para ele, o comportamento de apego mãe-bebê teria surgido para garantir proximidade segura entre adulto e bebê e é provocado pelo bebê desde seus gestos iniciais. É importante deixar claro que a vinculação afetiva não é somente o resultado automático da fisiologia, pois somos seres biologicamente culturais. Como já foi dito, o apego garante a proteção do bebê, mas é a interação entre mãe e filho que garante a construção do vínculo afetivo. Ver Gomide

nando pressões seletivas, neotenia²⁶, cuidados parentais e o surgimento da instituição familiar. Reconhece-se, assim, que os animais nos ensinaram (a nós, animais humanos), por meio da ciência veterinária e médica, como promover a saúde, prevenir doenças por intermédio das vacinas e também de como conduzir ou tratar doenças humanas hereditárias, congênitas, metabólicas, inflamatórias ou tumorais, ou picadas de cobras e escorpiões. Somam-se a tais aspectos os ensinamentos que se encontram associados ao aprendizado da convivência com o medo, agressão e ao desenvolvimento da afeição pelos familiares e semelhantes. Diante da perspectiva evolucionista no estudo do comportamento humano, frisam-se os aspectos gerais da evolução humana e suas relações com o desenvolvimento do apego.

(2003); Malagris & Castro (2000). Assegura-se que o apego é um tema frequentemente estudado por psicólogos que buscam compreender a importância do vínculo inicial da criança como fator de desenvolvimento saudável e preventivo para diversos problemas de comportamento, como ansiedade de separação, desordens de conduta, entre outros. No entanto, uma questão que permanece em aberto é como esse vínculo forma-se em crianças institucionalizadas que, não tendo figuras de apego disponíveis, o desenvolvem com seus pais adotivos ou com outras crianças, de forma tardia e sem prejuízos (resiliência). Outra questão que ainda não encontrou resposta no meio científico envolvendo o apego é como essa forma de vinculação na infância age sobre os relacionamentos afetivos no adulto, sendo este mais um campo para futuras pesquisas.

²⁶ Neotenia pode ser entendida como uma característica, em animais, de retenção, na idade adulta, de características típicas da sua forma jovem ou larval. Tal peculiaridade é estudada pela biologia do desenvolvimento. Em linhas gerais, na neotenia os animais têm seu sistema reprodutor maturado e se reproduzem normalmente, porém seu aspecto externo, como um todo, é o de um indivíduo jovem. A maturação do sistema gamético difere daquela do sistema somático, o qual é reprimido. Neotenia é uma forma de pedomorfose. O desenvolvimento dessas características pode estar relacionado ao mau funcionamento da glândula tireoide; fatores genéticos; exposição excessiva ao frio; ausência de luz ou falta de iodo no organismo. A neotenia também é encontrada no homem e está ligada à falta de acabamento ontogenético. A neotenia ocorre em salamandras. Por exemplo, o axolote conserva durante toda a vida brânquias externas e mantém em geral a morfologia larval. Ver Leakey, 1997.

2. Teoria do apego²⁷: J. Bowlby (1989)²⁸ considerou o apego como um mecanismo básico de comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema de controle homeostático, que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais. O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação.

Desse modo, o relacionamento da criança com os pais é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam proximidade. Com o passar do tempo, um verdadeiro

²⁷ Ver Bowlby (1990). Embora com 8 meses tendam a aparecer as reações mais típicas de apego à mãe e medo a estranhos, às vezes observa-se isso muito antes, com as crianças reagindo com medo a estranhos e mantendo a mãe como base de segurança

²⁸ Como Bowlby (1979/1997) assinala, até meados da década de 1950, predominava uma concepção segundo a qual a formação e manutenção dos vínculos se sustentavam na necessidade de satisfazer certos impulsos, como a alimentação na infância e o sexo na vida adulta. Em contrapartida, esse autor postulou que existe nos bebês uma propensão inata para o contato com um ser humano, o que implica a “necessidade” de um objeto independente do alimento, tão primária como a “necessidade” de alimento e conforto, alicerçando sua teoria no relato de farta pesquisa empírica (BOWLBY, 1969/1990). Para Bowlby (1988/1989), a teoria do apego foi desenvolvida como uma variante da teoria das relações objetais. Como seu ponto de partida foi a observação do comportamento, foi tomada por alguns clínicos como uma versão do behaviorismo, equívoco que decorre, para o autor, da confusão entre apego e comportamento de apego. Apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está estreitamente ligado à figura de apego. No relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados na sua presença permitem que seja usado como uma “base segura”, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo (BOWLBY, 1979/1997). Em 1969/1990, Bowlby assinalou que apego-cuidado é um tipo de vínculo social baseado no relacionamento complementar entre pais e filhos. O apego tem sua própria motivação interna, distinta da alimentação e do sexo, como postulado pela teoria freudiana, e de igual importância para a sobrevivência (BOWLBY, 1988/1989). Sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada por meio dos comportamentos de apego. Tais comportamentos possibilitam ao indivíduo conse-

vínculo afetivo se desenvolve, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores. Por isso, um dos pressupostos básicos dessa teoria é de que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (BOWLBY, 1989).

A função principal atribuída ao comportamento de apego é biológica e corresponde a uma necessidade de proteção e segurança (BOWLBY, 1973/1984) à medida que se ampliam as ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo, claramente identificado e considerado como mais apto para lidar com o mundo (BOWLBY, 1989; CASSIDY, 1999). B. Golse (1998) ressalta que o comportamento de apego é instintivo, evolui ao longo do ciclo da vida, e não é herdado; o que se herda é o seu potencial ou o tipo de código genético que permite à espécie desenvolver melhores resultados adaptativos, caracterizando sua evolução e preservação. Evidências de que as crianças também se apegam a figuras abusivas sugerem que o sistema do comportamento de apego não é conduzido apenas por simples associações de prazer. Ou seja, as crianças desenvolvem o comportamento quando seus cuidadores respondem às suas necessidades fisiológicas, mas também quando não o fazem (CASSIDY, 1999).

Atesta-se a relevância e a emergência do comportamento da

guir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego, ou seja, um indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo. Sorrir, fazer contato visual, chamar, tocar, agarrar-se, chorar, ir atrás são alguns desses comportamentos. Uma diferença importante entre “apego” e “comportamento de apego” é que, se o “comportamento de apego pode, em circunstâncias diferentes, ser mostrado a uma variedade de indivíduos, um apego duradouro ou laço de apego é restrito a poucos” (BOWLBY, 1988/1989, p. 40). A teoria do apego ocupa-se de ambos. Um conceito-chave dessa teoria, para o autor, é o de sistema comportamental.

mãe para com os filhos para que estes se desenvolvam bem educados para a convivência, sem ansiedade ou depressão. Assim, faz-se necessária a apresentação sintética de quatro observações acerca da teoria do apego de Bowlby. Em primeiro lugar, o reconhecimento da importância das experiências reais do ser humano, além das fantasias e da dimensão do seu mundo interno, é integrador e oferece subsídios significativos à compreensão do desenvolvimento e da psicopatologia. Segundo, o exame das interfaces entre os componentes afetivos e cognitivos na constituição dos modelos representacionais, proposto pela teoria do apego, também se revela como integrador e promissor em termos de ações de prevenção e intervenção no campo do desenvolvimento e da saúde mental. Em terceiro e quarto lugares, o crescente reconhecimento da importância da dimensão representacional e o seu papel regulador das emoções e construtor de significados e da realidade, respectivamente, mostram-se como contribuições decisivas para a compreensão dos processos de constituição psíquica, do desenvolvimento emocional e para a definição do rumo de estudos futuros. Esses aspectos – importância da dimensão representacional e seu papel regulador das emoções – implicam uma nova compreensão do processo terapêutico e do seu potencial, especialmente se considerarmos o tratamento de pacientes com histórias de apego desfavoráveis e, no extremo dessas, daqueles que foram vítimas de violências e/ou traumas diversos. Esse constitui o quinto ponto a ser assinalado nessa síntese final. Supõe-se que a saliência do foco no comportamento de apego está relacionada aos estudos dirigidos aos bebês e às crianças pequenas na primeira fase da teoria, conforme assinalado por Main (2000). A pesquisa crescente com adultos lançou luz sobre a importância da dimensão representacional do apego, permitindo

vislumbrar a sofisticação crescente do equipamento psíquico humano. Conforme ele se desenvolve e se complexifica, a dimensão interna ganha relevo sobre o comportamento observável. Assim, em sexto lugar, destaca-se a necessidade de superar a dicotomia entre comportamento e representação, compreendendo ambos como dimensões indissociáveis de um processo único e cada vez mais complexo. Por último, cumpre salientar que reconhecer e atribuir determinado padrão de apego a um indivíduo, em que pese a importância que tal atribuição possa ter, talvez implique uma utilidade limitada para esse indivíduo. Além disso, pode-se questionar a existência de padrões de apego únicos, “puros” e imutáveis como foi discutido aqui. Destaca-se a necessidade de superar a ênfase na avaliação e classificação dos padrões de apego, empreendendo um movimento no sentido da intervenção, seja em nível de promoção e prevenção, seja no nível das intervenções clínicas.

Providências de ordem prática na Escola com o Método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*

1. Considerando-se que, na atualidade, a maioria das mães fica muito tempo longe dos filhos em virtude das necessidades de sobrevivência, soma-se a esse fator, outro, até mesmo mais abrangente que se encontra associado aos vínculos empregatícios das mães que – via de regra – trabalham em empresas que não atentam para a real necessidade de as mães poderem estar próximas de seus filhos. Considerando-se, ainda, que as crianças, nos primeiros meses de vida, não reconhecem a mãe (ou pai

ou avó ou outra pessoa com vínculo biológico), vindo a se apegar a quem lhe oferecer conforto físico, proteção, amor, cuidado, carinho, afeto e alimentação adequada, as pessoas que atuam na Escola cujo método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* primam pela oferta de tais condições tendo em vista a construção de vínculos.

2. Nas Escolas cuja atuação se encontra amparada no método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*, as crianças vivem a maior parte do tempo em uma dinâmica de sociabilidade, desenvolvendo habilidades e capacidades de convivência com as demais crianças, professoras, funcionárias(os), e, ao mesmo tempo, em contato direto com a terra, com animais, árvores, flores, frutos, hortas, chuva..... observando, por exemplo, as formigas em um formigueiro.

3. **Cérebro triuno em evolução**²⁹: de acordo com Paul McLean³⁰, o cérebro humano passou por um processo

²⁹ Ver Agostini (2018).

³⁰ A Teoria do cérebro triuno foi elaborada em 1970 pelo neurocientista Paul MacLean, apresentada em 1990 no seu livro “The Triune Brain in evolution: Role in paleocerebral functions”. Discute o fato de que nós, humanos/primatas, temos o cérebro dividido em três unidades funcionais diferentes. Cada uma dessas unidades representa um extrato evolutivo do sistema nervoso dos vertebrados. O Cérebro Reptiliano ou cérebro basal, ou ainda, como o chamou MacLean, “R-complex”, é formado apenas pela medula espinhal e pelas porções basais do prosencéfalo. Esse primeiro nível de organização cerebral é capaz apenas de promover reflexos simples, o que ocorre em répteis, por isso o nome. Conhecido como “cérebro instintivo”, tem como característica a sobrevivência, responsável pelas sensações primárias, como fome, sede entre outras. O Cérebro dos Mamíferos Inferiores: ou cérebro emocional, ou “Paleommalian Brain”, é o segundo nível funcional do sistema nervoso e, além dos componentes do cérebrereptiliano, conta com os núcleos da base do telencéfalo, responsáveis pela motricidade grosseira; pelo Diencéfalo, constituído por Tálamo, Hipotálamo e Epitálamo; pelo Giro do Cíngulo; pelo hipocampo e parahipocampo. Esses últimos componentes são integrantes do Sistema Límbico, que é responsável por controlar o comportamento emocional dos indivíduos, daí o nome de Cérebro Emocional. Esse nível de organização corresponde ao cérebro da maioria dos mamíferos; Cérebro acional, conhecido também como neocórtex, é compostos pelo córtex telencefálico.

de evolução muito parecido com uma casa à qual novas alas e superestruturas foram sendo acrescentadas no decorrer da filogênese³¹. Tal evolução agregou ao ser humano – ao que tudo indica – uma herança de três cérebros, considerando-se, ainda, que a natureza – no processo de evolução – aproveita todos os níveis de experiência. Desse modo, os seres humanos foram providos de um cérebro mais antigo, semelhante ao dos répteis. O segundo foi herdado dos mamíferos inferiores e o terceiro é uma aquisição dos mamíferos superiores, o qual atinge o seu máximo desenvolvimento humano, proporcionando-lhe o poder ímpar de linguagem simbólica.

Percebe-se, então, que os seres humanos possuem três cérebros que foram o resultado de três fases do processo de evolução da humanidade: 1) o cérebro réptil, o eixo cerebral, hipotálamo, a sede primitiva dos comportamentos de autopreservação da espécie – alimentação, agressão e fuga, território e sexualidade; 2) o cérebro mamífero (complexo límbico), contemplando os instintos de rebanho, cuidados com a prole e hierarquias sociais; 3) o neocórtex seria a camada mais recente, na qual se proces-

Este, por sua vez, é dividido em lobos: Frontal, o mais derivado dos lobos cerebrais, responsável pelas funções executivas; Parietal, responsável pelas sensações gerais; Temporal, responsável pela audição e pelo olfato; Occipital, responsável pela visão; Insular, responsável pelo paladar e gustação. O cérebro racional é o que diferencia o homem/primata dos demais animais. Segundo Paul MacLean, é apenas pela presença do neocórtex que o homem consegue desenvolver o pensamento abstrato e tem capacidade de gerar invenções.

³¹ Os planos genéticos concebidos como uma matriz de entendimento dos fenômenos que compõem as etapas da evolução humana. A filogênese estuda a evolução das espécies, por meio da adaptação progressiva desde os seus primórdios, abordando tanto as predisposições biológicas quanto as características gerais do comportamento humano. A ontogênese refere-se à evolução humana, iniciada na concepção, seguida de transformações sequenciadas até a morte, de tal forma que cada estágio apresenta determinado nível de maturidade. A sociogênese estuda as interações sociais como

sam a linguagem simbólica, as abstrações, o cálculo matemático e o cruzamento heurísticos e a concentração dos arquivos, bem como potencializando a criatividade e inventividade. Além disso, enfatiza-se, ainda, que o cérebro humano triádico, em sua formação, possui uma divisão de dois hemisférios: esquerdo (racional) e o direito (intuitivo e emotivo).

O cérebro humano construído pelo embrião está assim constituído:

1. Prosencéfalo: Cortez cerebral (Sistema límbico e Gânglios basais);
2. Tronco encefálico: Diencefalo (Tálamo e Hipotálamo), Mesencefalo (Teto e Tegumento), Rombencefalo (Cerebelo, Ponte, Bulbo e Formação Reticular).

O cérebro humano é composto de camadas sobrepostas, tendo três camadas principais: o arquicórtex (arquipálio, cérebro primitivo ou cérebro reptiliano), o paleocórtex (paleopálio ou sistema límbico) e o neocórtex (ou neopálio). O córtex cerebral (o neocórtex) tem como funções “criar” o mundo perceptivo, isto é, “percebe” o mundo em que vivemos (vemos ou sentimos), também gera o mundo imaginário e comanda como se comportar nesse mundo. De acordo com MacLean, além das funções referidas desse cérebro, emerge a afeição seletiva (amizade) independentemente do círculo familiar e provavelmente o desejo de

sendo as raízes das funções mentais superiores, que só passam a existir no indivíduo na relação mediada com o mundo externo. A microgênese é caracterizada pela emergência do psiquismo individual no cruzamento dos fatores biológico, histórico e cultural, sendo crucial na questão da afetividade e no conceito de personalidade. Portanto, é de suma importância adensar estudos acerca de conhecimentos sobre essa perspectiva do desenvolvimento, os planos genéticos, que, uma vez juntos, vão caracterizar a gênese dos processos psicológicos no ser humano. Ver: VIGOTSKI, L. S (2007, 2010, 1996).

amar (Teríamos massa encefálica para tanto?). O córtex límbico é o sistema cortical relacionado com as emoções (secundárias) e também tem funções de memória. Segundo MacLean, do córtex límbico (paleomamífero), emerge a afeição pela prole e semelhantes, mecanismo de mutação-seleção das espécies de aves e mamíferos.

O tronco encefálico, composto pelo rombencéfalo, representado, principalmente, pelo cerebelo, controla os movimentos delicados como a dança e movimento respiratórios. Essas áreas participam em várias funções do corpo humano, como a respiração e função do sistema cardiovascular. Somam-se, como parte integrante nessa área do cérebro, os colículos superiores e inferiores, os quais participam de funções auditivas e visuais. Também participam de funções motoras, como viram a cabeça para descobrir de onde vem o som. O tegumento também faz parte dessa área e tem funções no controle de movimentos oculares.

Por fim, o Dr. Aventino Alfredo Agostini destaca que, ao nascer, o paleoencéfalo ou cérebro réptil está praticamente pronto e predomina no comportamento da criança. Segundo McLean, desse cérebro emergem nossos instintos básicos para dominar o meio, preservar a vida e a espécie. Notamos que a estrutura do cérebro reptiliano é razoavelmente parecida nas mais diversas espécies vertebradas ao longo da árvore filogenética. Isso é passível de observação por estudos de paleontologia, neuroanatomia comparada e biologia do desenvolvimento.

MacLean, por seu turno, apresentou em 1970 a teoria do cérebro triuno que definia essa divisão do cérebro em três camadas e tentava explicar o funcionamento do cérebro humano a partir delas: 1) o cérebro protoreptiliano (ou reptiliano), o eixo mais básico do sistema nervoso, composto de medula espinal, tronco

cerebral, cerebelo, diencéfalo e gânglios basais, responsáveis por comportamentos estereotipados geneticamente determinados e funções parassimpáticas (involuntárias); 2) o cérebro paleomamífero, composto pelo sistema límbico (hipocampo, amígdala, giro cingulado, giro parahipocampal, tálamo, hipotálamo e fórnix), que é responsável pela regulação de emoções, motivações, bem como algumas funções instintivas. Memória e aprendizado também fazem parte das funções mais sofisticadas do sistema límbico; 3) o cérebro neomamífero, que é aquilo que chamamos propriamente de córtex cerebral, responsável por análise complexa de estímulos internos e externos, racionalidade, linguagem, resolução de tarefas e controle de comportamento flexível. Se, por um lado, os cérebros dos vertebrados apresentam camadas que, na sua sobreposição, remontam à história evolutiva, por outro, damos-nos conta de que as unidades fundamentais que compõem os cérebros das mais diversas espécies atuais de vertebrados, como neurônios, neurotransmissores, as moléculas cerebrais e sinapses, são, em sua maioria, quase idênticas nas espécies.

O que parece permanecer de interessante na teoria de MacLean é a sua estrutura hierárquica fundada numa perspectiva evolutiva. O problema é simplesmente entender que o cérebro humano seja um conjunto de estruturas sobrepostas. A evolução, no que concerne ao cérebro, não é simplesmente uma sobreposição de novas estruturas por sobre as pré-existentes. Relações mereológicas fazem que o todo seja qualitativamente distinto da simples soma das partes. Observa-se que a intenção de MacLean é focada no ser humano e que as relações parentais e sociais em seres humanos são muito mais desenvolvidas quando comparadas com pássaros e peixes. A própria constituição social comple-

xa da vida humana, o papel das diferentes línguas e mesmo da capacidade de abstração e das redes semânticas (ou semióticas) com diferentes níveis de interpretação e autonomia semântica seriam grandes diferenciais humanos. Também, a capacidade humana de fundar instituições sociais complexas. Ainda que isso seja verdade, não devemos perder de vista os comportamentos complexos de tais espécies, mesmo que nosso foco de estudo seja o ser humano. Essas inter-relações podem ser elucidativas das diferenças e das similitudes e esclarecedoras de como é possível entender evolutiva e adaptativamente a gênese de tais capacidades.

Esse ponto é importante porque, ao vermos o sistema límbico como o sistema emocional, perderíamos de vista a especificidade de conexões entre o sistema límbico e outras áreas do cérebro na lida com processamento de informação emocional complexa. Mas o próprio MacLean entende que as três camadas interagem entre si. Sua posição, ao tratar das três camadas de maneira diferenciada, é um atalho para buscar o entendimento de como as estruturas mais antigas do cérebro se relacionam com as mais novas³². E isso tem o mérito de fundamentar a estrutura do cérebro humano claramente dentro da perspectiva da evolução enquanto processo que fez emergir novas estruturas com vantagens adaptativas.

Um dos pontos centrais para MacLean é a ideia que estruturas evolutivamente mais antigas se relacionam com mais novas e que, por isso, o ser humano é capaz de comportamentos altamente controlados por um lado; por outro, reações extrema-

32 Além disso, MacLean, em sua obra de 1990, acaba por considerar em detalhe essas relações entre diferentes áreas pertencentes a cada uma de suas três camadas em interação constante de troca de informação. PANKSEPP, J. Neuroevolutionary sources of laughter and social joy: modeling primal human laughter in laboratory rats. *Behavioural Brain Research*, v. 182, n. 2, p. 231-244, 2007a.

mente instintivas que carecem de controle e consciência podem demonstrar profunda “animalidade”.

3.3. O MÉTODO *SABER FAZER: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA* NO COTIDIANO DA ESCOLA³³

Considera-se que há uma grande diferença para a vida das crianças entre estarem (ou não) em uma escola de educação infantil guiada pelo método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*. Assim, para àquelas escolas que desejarem adotar o referido método devem contemplar as seguintes etapas: a) conhecer o método e entrar em contato com os profissionais autores desse livro; b) sensibilizar, capacitar e formar todas as pessoas que irão ter contato com as crianças na escola (e, também, fora dela); c) preparar a equipe que irá atuar na escola para os procedimentos singulares no que tangem à adaptação das crianças à escola, para o posterior atendimento das crianças no cotidiano da escola e, por fim, no esboço das estratégias tendo em vista buscar garantir o envolvimento das famílias junto à cultura do *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*.

3.3.1. Primeira fase (momento de sensibilização, capacitação e formação dos profissionais)

As professoras são preparadas por uma equipe de professoras e professores, especialistas, mestres e doutores com experiência prática no método *SABER FAZER: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA*. Assinala-se, ainda, que a equipe de formação e de capacitação em habilidades sociais voltadas à edu-

³³ Ver Agostini (2018).

cação infantil tendo por base os preceitos do Método *Saber Fazer idealizado* pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini é integrada por:

- Prof. Dr. Mauro Gaglietti (Integrante da Academia Passo-Fundense de Letras, Professor Universitário, Cientista Político e Mediador de Conflitos);
- Professora Alessandra da Rosa Sikora (Diretora da Escola Saber Fazer, Filósofa, Pedagoga e Psicopedagoga);
- Professora Arléia Bellini (Diretora da Escola Saber Fazer, Pedagoga e Psicopedagoga);
- Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos (Orientações acerca da sustentabilidade da implementação da Escola da Primeira Infância Saber Fazer em termos administrativos, financeiros e estruturais).

3.3.2. Segunda fase (período de adaptação das crianças à escola)³⁴

A capacitação e a formação da direção da Escola que irá utilizar a metodologia Saber Fazer, bem como dos proprietários da Escola, da coordenação pedagógica, das professoras, das estagiárias, dos pais, das mães (avós e demais responsáveis) e do corpo de funcionários volta-se, como segunda medida, aprender a aplicar no cotidiano da Escola Saber Fazer os pressupostos da Teoria do Apego de Bowlby. O acolhimento na Escola é um momento ímpar e extremamente importante. Destaca-se que há uma regra compartilhada entre os profissionais que atuam na Escola Saber Fazer: qualquer gesto, som, atitude deve expressar – obrigatoriamente – os sentimentos dos envolvidos.

³⁴ Ver Agostini (2018).

Nesse particular, aprender a expressar os sentimentos, as necessidades, os desejos, os interesses e saber fazer um pedido é a essência do método *SABER FAZER: OS DIREITOS DA PRIMEIRA INFÂNCIA*. Para tanto, são utilizados, no procedimento de capacitação e de formação (primeira fase), as orientações da Psicologia Positiva, Psicologia Analítica, Psicologia Humanista e as técnicas culturais para aprimorar os relacionamentos humanos pautadas na Comunicação Não Violenta (CNV), formulados pelos Psicólogos Carl Roger e Marshall Rosenberg.

Saber expressar as necessidades, os sentimentos, os desejos, os interesses e saber fazer um pedido a alguém são os principais fatores para a implantação de uma cultura da paz em uma escola e com as famílias. Isso ocorre devido ao fato de que as práticas de violência iniciam por meio de uma comunicação não adequada. Quem não sabe expressar seus sentimentos por meio de uma comunicação adequada é produtor de violência simbólica e/ou física. Assim, tendo como meta enriquecer a subjetividade e ampliar a qualidade de vida nas famílias e nas escolas, é que se busca a fundamentação sistêmica no âmbito da física quântica (F. Capra).

Dessa maneira, percebe-se que a criança, como vimos anteriormente, não sabe dizer se está sendo enganada ou não quando ela chega à “escolinha” de educação infantil³⁵. Entretanto, reconhece se estamos sendo sinceros ou não³⁶. Há, ainda, a percepção

³⁵ Segundo Lise Eliot, neurocientista pediátrica e autora de *What's Going On in There? How the Brain and Mind Develop in the First Five Years of Life*, “os centros corticais das emoções” do cérebro do bebê só começam a funcionar aos 6 ou 8 meses de idade, quando começa a sentir as emoções que se refletem tão claramente na sua expressão facial.

³⁶ Sabemos que a criança se desenvolve em vários contextos com características específicas, isto é, com regras, atitudes, valores e modos de estar e ser concretos. Desde o primeiro dia em que vem ao mundo, o ser humano começa a ter consciência de que existe um mundo externo a si. É nesse mundo que aprende sobre si, a estar e a comunicar-se com os outros. Nesse sentido, a primeira infância é um período de mudanças significativas no que

da criança que, pelo que indicam alguns estudos, já inicia após os

diz respeito ao desenvolvimento social. Como afirma Brazelton (2006), uma criança entre as seis e as oito semanas utiliza o sorriso como um meio para captar a atenção dos seus pais (linguagem não verbal). Para além do sorriso, o choro é uma das principais formas da criança contatar com o que a rodeia (MATTA, 2001). Nos primeiros meses de vida, a criança tem grandes oscilações de humor (BOUFFARD, 1982; BRAZELTON, 2006). Ao aproximar-se dos três anos, vai se tornando (mais) obediente, arrumada e amável (BOUFFARD, 1982), (re)conhecendo, em fotografias, as pessoas mais chegadas e demonstrando sentimentos de afeto, compaixão e culpabilidade (ROJO et al., 2006). A capacidade de ser terna, confiante e estabelecer intimidade, quer com adultos, quer com pares, aumenta entre os quatro e os seis meses (BRAZELTON, 2006). Com um ano de idade, a criança ainda manifesta um apego excessivo com a mãe ou de quem cuida dela e ainda a perturba a separação ou ausência materna (BÉBE, 1981; PAPALIA et al., 2001). Contudo, começa a tomar consciência que é alguém distinto da mãe e com vontade própria. Os dois anos são uma idade de conflito, pois a criança vive entre a necessidade de afeto e a necessidade de independência. Como afirmam Papalia et al. (2001, p. 169), “os terríveis dois anos são uma manifestação normal da necessidade de autonomia”, o que ocasiona um período de oposição em duas áreas fundamentais: nas brincadeiras (demolir e construir) e na alimentação (repugnância e preferências por alimentos) (BOUFFARD, 1982). Aos dois anos, a criança demonstra, também, dificuldade em partilhar - normalmente brinca sozinha (GESELL, 1979). Aos dois anos e meio, já brinca com outras crianças embora em paralelo. Por vezes, acontece de entusiasmar-se e morder o melhor amigo (BRAZELTON, 2006), revelando esses comportamentos o início da socialização (UNESCO, 1978); gosta da companhia de outras crianças, mas tem dificuldade em se relacionar com elas (ROJO et al., 2006; UNESCO, 1978). Ainda que haja especificidades próprias de cada dimensão do desenvolvimento da criança, uma mudança numa dimensão provoca muitas outras nos restantes domínios. Observar um bebê que ainda gatinha e observá-lo um mês depois permite espantarmos-nos, pois são notórias as inúmeras conquistas já alcançadas! Talvez já ande sozinho ou se aventure a dar passos agarrado ao mobiliário ou à mão de alguém. Essa capacidade de se deslocar mais autonomamente permite ver o mundo de outra perspectiva e ter acesso a realidades até então desconhecidas. Tudo isso desperta o desejo da criança por novas formas de interação com os objetos e com as pessoas que fazem parte da sua vida. Uma conquista situada no domínio do desenvolvimento físico-motor, como foi o caso apresentado, permite à criança outras possibilidades de aprendizagem e de, conseqüentemente, outros processos de desenvolvimento nos restantes domínios. Não há padrões de desenvolvimento verdadeiramente iguais em todos os seres humanos, uma vez que “cada criança é semelhante às outras crianças em alguns aspectos, mas é única em outros aspectos.” (PAPALIA et al., 2001, p. 9). O processo de desenvolvimento do ser humano toma em si as singularidades humanas, as especificidades hereditárias do indivíduo e aquelas que são resultantes da sua experiência de interação com a realidade social e física. O processo de desenvolvimento da criança é um processo pessoal, único, situado num contexto histórico e cultural que, também, o influencia. A criança desenvolve-se em diferentes ambientes, mais ou menos familiares, que lhe oferecem as suas primeiras experiências de vida. Por isso, importa debruçarmo-nos um pouco sobre o papel desse contexto e dos seus profissionais (particularmente os educadores de infância).

seis meses do nascimento acerca do reconhecimento dos fácies³⁷ de quem fala e convive com ela³⁸.

³⁷ Fácies é palavra latina do gênero feminino, com o mesmo sentido de face em português. Foi incorporada ao vocabulário médico com um duplo significado. Tanto designa a face em sua estrutura anatômica quanto indica a superfície de determinadas partes do corpo, como ossos e vísceras: fácies anterior, fácies posterior, fácies medialis, fácies lateralis, fácies parietalis, fácies visceralis. Nessa acepção, deve traduzir-se por face anterior, face posterior, face medial, face lateral, face parietal, face visceral. Em Semiologia, a palavra fácies adquiriu outro significado, expressando o aspecto geral do rosto do paciente, em que se espelham sinais sugestivos de determinadas doenças ou situações clínicas. Ver: FEDERATIVE COMMITTEE ON ANATOMICAL TERMINOLOGY. *Terminologia anatomica*. Stuttgart, Georg Thieme Verlag, 1998. BARBOSA, P. (1917). PINTO, P. A. (1962).

³⁸ Emerge uma responsabilidade acrescida de reflexão e estudo sobre os contextos educacionais que proporcionamos às crianças nessa primeira fase da sua vida. Contextos que ofereçam à criança oportunidades para aprender ativamente são determinantes para que a criança possa se desenvolver de forma harmoniosa. A escola que pretende adotar a metodologia Saber Fazer precisa se constituir em uma instituição dedicada à primeira infância. Apresentar-se, para além da família e de outros ambientes, como um potencial contexto de desenvolvimento/aprendizagem para a criança pelos desafios que lhe pode proporcionar. Na verdade, a forma como as crianças são cuidadas e respeitadas nas “suas necessidades, características e interesses, a forma como são encorajados os sucessos e fracassos, a forma como a creche responde à criança e à sua individualidade terá efeitos significativos para o desenvolvimento” (CARVALHO, 2005, p. 43). Como refere Didonet (2001), a creche é o contexto que se organiza para, de forma intencional, apoiar o desenvolvimento das crianças levando-as a ir mais longe possível neste processo. Para se caminhar nesse sentido, é necessário que os profissionais de educação possuam conhecimentos específicos e que planejem sustentando-se no conhecimento do desenvolvimento nos primeiros anos de vida e das finalidades educativas de todo o trabalho que potencialmente se pode desenvolver em uma escola de educação infantil, cujo método apontado quer-se implantar. Esse conhecimento da criança, daquilo que ela é, permite ao educador de infância maior segurança nas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que é capaz de proporcionar às crianças. Nesse sentido, conhecer as características e os processos de desenvolvimento nos três primeiros anos de vida é um saber essencial ao exercício da profissão. O processo de desenvolvimento, marcado por inúmeras e rápidas conquistas, transparece a imagem de um ser altamente competente, capaz e com iniciativa própria (BARBOSA; FOCHI, 2012). Para que a criança se sinta feliz e se desenvolva de forma integral em contexto de creche, solicita-se um educador que reconheça cada criança como um ser único, rico, com potencial para construir seu conhecimento a partir das suas ações. Assim, constata-se que a qualidade da relação que o educador é capaz de estabelecer com a criança influencia a qualidade do desenvolvimento da criança. Nesse sentido, as relações estabelecidas com a criança devem ser relações autênticas e de confiança, que vão ao encontro do ser humano que ali existe. Nesse caso, percebe-se que, ao mencionar a temática da escola de educação infantil (pública e privada) antes de tudo, é concentrar-se na abordagem da primeira infância. No caso, a criança nos seus seis primeiros anos de vida é a razão, o conteúdo e a metodologia em tela. Assim, falar sobre a criança implica um conhecimento sobre as suas característi-

Perder a confiança no primeiro encontro com a criança pode ser trágico, assinala o Dr. Aventino em seus escritos à luz da experiência acumulada desde 1998 junto à Escola Saber Fazer³⁹.

cas de desenvolvimento, bem como uma observação atenta às singularidades individuais desse mesmo processo de desenvolvimento. Será esse conhecimento que sustentará a planificação realizada pelo educador, tanto ao nível das experiências educativas quanto na organização dos tempos, espaços, mobiliário e materiais que, por sua vez, proporcionam outras experiências à criança. Os princípios educativos apresentados por Gonzalez-Mena e Eyer (1989 apud PORTUGAL, 2000) para o contexto de creche evidenciam, entre vários aspectos, a necessidade de se investir tempo para construir a pessoa “total”. Isso significa que um educador de infância deve conhecer de forma aprofundada o que acontece com as crianças nos diferentes domínios de desenvolvimento para, assim, garantir que as oportunidades de aprendizagem proporcionadas facilitem o desenvolvimento holístico. Muito facilmente se poderá cair na tentação de valorizar determinados domínios em detrimento de outros. Os mesmos autores também chamam atenção para a necessidade de se respeitar o processo natural de desenvolvimento em cada faixa etária. Não tem sentido apressar a criança a atingir outros níveis de desenvolvimento, cada criança tem o seu ritmo próprio ao qual o educador deverá ser responsivo. Essa responsividade prende-se com o encorajamento que o educador oferece à criança, dando-lhe espaço para que ela faça as coisas que lhe interessam e lhe dizem respeito. Envolver as crianças nas coisas que lhe dizem respeito é outro princípio educativo que os autores assumem para o contexto da educação para a primeira infância e que implica, obrigatoriamente, o conhecimento das características desenvolvimentais. As necessidades físicas, de afeto, de segurança, de reconhecimento e afirmação, de competência, de significados e valores que a criança, nos três primeiros anos de vida, precisa satisfazer (PORTUGAL, 2012) assumem uma importância crucial no contexto educação infantil. Investir tempos de qualidade, estar disponível para as crianças, respeitá-las enquanto pessoas e valorizar as suas formas de comunicação únicas são princípios educativos essenciais (GONZALEZ-MENA; EYER, 1989 apud PORTUGAL, 2000). Nesse sentido, torna-se importante uma formação de educadores de infância que aposte numa reflexão aprofundada sobre o papel desses profissionais nesse contexto.

³⁹ PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. 24. ed. Tradução M. A. M. D’Amorim e P. S. L. Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. Piaget divide o processo de desenvolvimento mental da criança em seis estágios: sensório-motor ou período de lactância, composto por três subestágios (do nascimento aos dois anos), pré-operacional (dois aos sete anos), operações concretas (sete aos doze anos) e operações formais (a partir dos doze anos, marcando o início da adolescência). As estruturas progressivas dos estágios (formas sucessivas de equilíbrio) são maneiras de organização da atividade mental da criança nas dimensões individual e social, sob um duplo aspecto: motor ou intelectual e afetivo. Nesse estudo, o estágio pré-operacional (dois a sete anos) é destacado por ser a faixa etária caracterizada pelo surgimento da linguagem, pelas relações sociais de submissão aos adultos e pela inserção da infância no consumismo. Com a linguagem, os comportamentos da criança são profundamente modificados nas dimensões afetiva e intelectual. Piaget (2001) enfatiza que a troca e a comunicação entre os indivíduos são a consequência mais evidente do surgimento da linguagem. Ressalta três consequências essenciais para o desenvolvimento

Destaca-se, ainda, que esse período de adaptação é muito difícil à medida que há diversas diferenças nas reações da criança à separação materna, seja prolongada, seja de curta duração. Essas reações podem estar associadas a inúmeros fatores; entre eles, as diferenças individuais do bebê ou criança pequena (temperamento, idade, sexo) a qualidade da relação que mantém com os pais antes e depois da separação, as condições nas quais a criança recebe cuidados, a duração da separação e grau da privação e os sentimentos e atitudes dos pais. O período entre seis e 12 meses, quando se estabelece o apego e aparece a reação frente a estranhos, e o período entre 15 e 22 meses, quando, em pleno processo de individuação, a criança caminha para longe da mãe e depois necessita retornar a ela para reabastecer-se emocionalmente. Nesses períodos, tenderia a ocorrer um pouco mais de dificuldades durante a adaptação, e bebês que já se apresentam adaptados podem, inclusive, apresentar retrocessos. Na verdade, independentemente da idade de ingresso em cuidado alternativo, a qualidade do atendimento é fundamental e interage com todos os outros fatores, constituindo um importante fator mediador da adaptação. Constata-se que a adaptação à escola de educação infantil é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação⁴⁰. O período de adap-

mental da criança nesse estágio: início da socialização da ação (troca entre os indivíduos), pensamento (interiorização da palavra com base na linguagem interior e nos signos) e intuição (interiorização da ação, que se reconstitui no plano intuitivo das imagens e das experiências mentais). Se a criança se relacionava apenas com o universo físico, agora está diante de dois mundos novos: o mundo social e o das representações interiores. Piaget evidencia o desenvolvimento de uma submissão inconsciente, intelectual e afetiva, devida à coação espiritual exercida pelo adulto. Um eu ideal se propõe à criança, e os exemplos vindos do alto serão modelos que a criança deve procurar copiar ou igualar.

⁴⁰ AVERBUCH, A. R. *Adaptação de bebês à creche*. O ingresso no primeiro ou segundo se-

tação pode ser mais longo para bebês recebendo cuidados alternativos de má qualidade ou vindo de famílias com problemas. Além disso, faltas frequentes ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam a adaptação, que pode se estender por mais tempo. São comuns também regressões no processo de adaptação depois de a criança já ter se mostrado adaptada. Dentre as reações manifestadas na adaptação aos cuidados alternativos, o choro tende a ser a mais comum entre crianças durante esse período, especialmente na chegada quando a criança é deixada pelos pais, como na saída, quando os pais retornam para buscá-la. Mas o choro não é a única reação de perturbação possível por parte da criança. Gritos, mau humor, bater, deitar no chão, passividade, apatia, resistência à alimentação ou ao sono, comportamentos regressivos e a ocorrência de doenças também são indicadores frequentes de dificuldades na adaptação.

Além da chegada e da saída, vários outros momentos e eventos são particularmente estressantes, por exemplo, a hora de comer, dormir, troca de fraldas ou ida ao banheiro, mudanças de horário e hábitos, mudança de ambiente, ser cuidado por adultos desconhecidos, brincar com crianças desconhecidas. Para lidar com esses momentos e situações potencialmente estressantes, os bebês e crianças pequenas utilizam estratégias de enfrentamento, que podem ser mais ou menos efetivas.

Em razão das limitações do bebê e da criança pequena para enfrentar as situações estressantes, é importante que se procure reduzi-las ao máximo ou, ao menos, tentar torná-las menos estressantes, além de se buscar formas para ajudar o bebê a enfrentar-las⁴¹. Propostas simples podem ser introduzidas pela es-

mestre de vida. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

⁴¹ BALABAN, N. *O início da vida escolar: Da separação à independência*. Porto Alegre: Artes

cola de educação infantil, por exemplo, aumento gradativo no número de horas que o bebê fica na creche ao longo da primeira e segunda semana. A cada dia da semana, começar a adaptação de apenas uma ou duas crianças, evitando que todas cheguem no primeiro dia; permitir a presença de um familiar durante a adaptação, no início na própria sala e depois na sala de espera da “escolinha”; permitir que o familiar participe das primeiras refeições na creche; manter o número reduzido de bebês e crianças pequenas por cada educadora; evitar ao máximo a troca de educadoras facilitando uma relação estável. Essas práticas auxiliam o bebê e a criança pequena na familiarização com a nova rotina e permitem que o familiar adquira confiança e esteja seguro quanto aos cuidados dispensados⁴². Essa segurança do familiar acabará refletida positivamente na adaptação do bebê e da criança pequena que terão mais confiança no ambiente e nas pessoas que os cercam.

3.3.2.1. *Como a criança pode lidar com a agressão: o preparo necessário da escola e das famílias*⁴³

A escola pode lembrar permanentemente que, para que haja o desenvolvimento do cérebro, faz-se necessário que ocorram ações voltadas à motilidade de um lado e à sensibilidade de outro. Além disso, buscando-se aliviar o medo, na ausência da mãe, as professoras na escola podem gerar segurança, proteção, conforto físico, para substituir a afiliação à prole da mãe. Essa conduta é fundamental no período de adaptação para aliviar o

Médicas, 1988.

⁴² CASTOLDI, L. *As configurações familiares e a história de perdas e separações na família: implicações para a adaptação da criança à pré-escola*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 997.

⁴³ Ver Agostini (2018).

medo da criança, e ela pode aprender a conviver ou defender-se da agressão do meio ambiente, evitando também que, futuramente, a criança não transforme a agressão em violência. Ainda! A agressão da criança deve ser conduzida, segundo as regras, que aves e mamíferos com organização social obedecem.

Nota-se que o Dr. Aventino buscou muitos subsídios para aprimorar seu método junto ao desenvolvimento da ecologia comportamental, da etologia e da cognição comparativa. Tais áreas do conhecimento, nos últimos anos, têm contribuído para enriquecer o conjunto de mecanismos cognitivos e problemas funcionais. Hoje, é sabido que as concepções que as pessoas têm em relação ao comportamento e às funções cognitivas em animais tornaram-se um tema relevante para a compreensão do relacionamento entre outros animais e seres humanos, com implicações epistemológicas.

Percebe-se que - ao se compreenderem os mecanismos que determinam os padrões de comportamento natural dos animais e suas respectivas funções, que lhes conferem valor adaptativo para sobrevivência - os programas de conservação, produção animal, criação em cativeiro (zoológicos), relação médico-paciente (veterinária) e de educação ambiental podem ser eficientemente desenvolvidos, respeitando-se os aspectos psicobiológicos das espécies.

- **Rito:** essa característica permite aplicar as regras existentes desde os peixes que vivem em cardumes (cérebro réptil) até os mamíferos (paleomamífero), a fim de não se trucidarem na disputa pelas fêmeas e pelo alimento. Quando um predador assalta um cardume, os peixes se dispersam desesperadamente. Muitos são devorados.

Cessado o ataque, os peixes se reagrupam novamente e a espécie se perpetua. Essa ação de defesa é denominada rito (Lorenz). As crianças têm rito para as refeições, para dormir, para a higiene, para entrar e sair das salas de aula, para a aquisição de conhecimento, ritos que precedem as atividades lúdicas, esportivas, ou as atividades que estimulam o trabalho do polegar opositor com os elementos do meio ambiente escolar.

- **Desvio:** outro mecanismo importante utilizado pelos animais é o desvio. Quando uma criança tem atitude de raiva ou de agressão contra objetos ou indivíduos do ambiente, desviamos a atenção da criança para outra pessoa ou para outros elementos do meio. Ao que parece, o estímulo causal é enviado para outras áreas cerebrais, por meio do desvio, antes de alcançar a amígdala, que dispara a resposta contra o agente agressor. A repetição desse método diminui significativamente a agressão das crianças para colegas, professores, funcionárias da escola, pais ou vizinhos.
- A **“parada”** : imaginamos que, como nós, os leitores já tenham visto o encontro inesperado entre dois cães desconhecidos. Contudo, como nós, talvez não tenham reconhecido as diferentes cenas que se sucedem. No momento do encontro, param em virtude da emoção. Nessa fase, podem partir para o ataque... Entretanto, se a emoção não determina atrito, sobrevêm os sentimentos, ou seja, as modificações corporais que se sucedem à emoção e a convivência se estabelece. Quanto à razão, para convivemos com a agressão tolerável preconizada

por Lorenz, temos restrições. Primeiro, porque a criança nessa idade não tem condições de raciocínio abstrato. Em segundo lugar, quem teve a agressão melhor instrumentalizada pelo conhecimento sempre teve “razão” para perpetuar a discriminação profissional ou para discriminar povos desenvolvidos de povos subdesenvolvidos. Ainda! Certos povos utilizam a razão ou a fé para usurpar território ou para roubar a riqueza dos povos que não têm condições de defesa.

Assim, o método criado pelo Dr. Aventino sugere a todos nós, enquanto humanidade, munidos de uma “evolução” cultural, tecnológica e pensando já em tecnociência, respeitarmos os animais como seres vivos, também dotados de “alma”, de sentimentos, de um mundo que já lhes pertencia muito antes de aqui chegarmos, como pretensiosos senhores de tudo e de todos⁴⁴.

⁴⁴ Nos dias atuais, cientistas acreditam que realmente os animais pensam e têm sentimentos, apesar de a mente deles não ser tão complexa quanto a nossa existe mais do que se pode imaginar acontecendo em suas cabeças. Os animais não humanos não são objetos. Eles são seres sencientes. Portanto, têm sentimentos. Consequentemente, não devem ser tratados como coisas. Na Declaração de Curitiba, documento assinado por 26 cientistas durante o III Congresso Brasileiro de Biomédica e Bem-estar Animal realizado em Curitiba em 2014, consta que o objetivo é passar uma mensagem clara de que os animais têm sentimentos, assim como os seres humanos, e, por isso, não devem ser usados como instrumento em pesquisas, experimentos nem para fins de entretenimento. As evidências se dividem em quatro categorias: comportamentais, neurológicas, farmacológicas e evolutivas. Elas mostram que os animais se comportam como seres humanos, além de apresentarem estrutura nervosa semelhante a dos humanos. Por exemplo: algumas das substâncias liberadas diante de sensações de medo, ansiedade e alegria nos seres humanos também estão presentes nos animais. A explicação evolutiva para isso: tais sentimentos auxiliam na sobrevivência das espécies e, por isso, eles predominaram nos seres humanos e nos outros animais. Ver https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2014/09/21/interna_ciencia_saude,448119/cientistas-brasileiros-afirmam-que-os-animais-tem-sentimentos.shtml

3.3.2.2. *A pulsão em virtude do prazer*⁴⁵

Não temos imaginação suficiente nem pensamentos indutivo ou dedutivo para justificar por que a vida agregou no comportamento a emergência de comportamento que interpreta “sexualidade infantil” e, por essa razão, conservou o termo prazer porque todos sabemos o significado do termo. Todos os que foram pais e mães de crianças do sexo masculino viram que, durante a micção, a criança tinha ereção peniana. Talvez ainda existam autores que interpretam esse fato como “sexualidade infantil” ou Complexo de Édipo⁴⁶.

Nas crianças de sexo masculino, há células de origem desconhecida que se intercalam entre as células do conjuntivo do cordão fibroso que denominamos de células de Leydig. Essas

⁴⁵ Ver Agostini (2018).

⁴⁶ A descrição do estudo que segue explica a ereção peniana do recém-nascido. Desde 1965, o Dr. Aventino Alfredo Agostini não aceitava como diagnóstico anatômico de testículo pré-puberal para testículos ectópicos que não apresentassem células germinativas nos túbulos seminíferos, ou seja, células responsáveis pela geração de espermatozoides. A partir de 1967, o médico iniciou as atividades como professor de patologia no Hospital de Sobradinho, Hospital da Faculdade das Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. Na época, Dr. Aventino integrou uma equipe que trabalhou abortamentos, natimortos, crianças ou adultos eram todos necropsiados, aproveitando a oportunidade para estudar os testículos desde o quarto mês de gestação até os três anos de idade ou mais. Participou desse trabalho o interno da patologia e atual patologista e Professor de Anatomia Patológica da Faculdade Federal de Goiânia, o Dr. e Professor Helbio Candido de Paula. Para nossa surpresa, sem outras anomalias, os testículos dos recém-nascidos eram mais desenvolvidos que os testículos de crianças com dois anos de idade. Testículos com estrutura semelhante aos recém-nascidos somente foram observados a partir dos três anos de idade, época que inicia a “sexualidade” infantil. Melhor seria considerar que, a partir dos dois anos de idade, os testículos evoluem para as atividades de reprodução da espécie. Esse trabalho foi apresentado em São Paulo no III Simpósio Mundial de 13 de outubro de 1974 com o título “Estudo Histológico Comparativo de Testículos Tópicos e Distópicos”. Suporte para Orquiopexia Precoce. Trabalho semelhante, com resultados iguais, na mesma ocasião, foi apresentado por pesquisador austríaco. A partir da quarta semana de gestação, de cada lado da coluna vertebral, próximo ao diafragma, aparece um cordão fibroso que vai gerar de cada lado as gônadas e rins. A partir da sexta semana, aparecem células de origem ainda desconhecida, que se introduzem nesse cordão e vão gerar os espermatozoides. Seriam células-tronco?

células são responsáveis pela secreção de testosterona (hormônio masculino). Esse fato explica por que a criança recém-nascida tem ereção peniana quando há distensão vesical e, às vezes, por infecções do trato urinário inferior. Somente aos três anos de idade, o testículo torna-se muito desenvolvido. Sexualidade infantil?

Quanto à fase oral-anal da criança, não temos qualquer objeção. A criança, como qualquer máquina, necessita de combustível e também deve eliminar as cinzas resultantes do trabalho de viver. Para nós, entretanto, a fase oral-anal perpetua-se pelo resto da vida.

Assim, por onde entra o combustível e o oxigênio para gerar o calor que mantém o trabalho de viver, concentra-se o maior número de sentidos que reconhecem o mundo exterior. Nessa área, além de fibras nervosas para o tato, pressão, temperatura, dor e gosto, logo acima estão as narinas, responsáveis para captar os odores do ambiente. O sentido do olfato está na parede do nariz, como um verdadeiro prolongamento do cérebro, semelhante à retina do globo ocular.

Essas considerações facilitam compreender também como o cheiro é importante no desenvolvimento inicial da afiliação à prole, afeição mamífera e também importante nas atividades de reprodução da espécie. O cheiro da criança não é motivo de alegria para mãe? O cheiro da mãe não é significativo para a criança? Além desses fatores mencionados, deve ser considerada também a pele, o maior órgão do sistema corporal da criança e do adulto. Além de eliminar “cinzas” resultantes do trabalho de viver, não podemos esquecer que, na nossa pele e na pele do bebê, estão as terminações nervosas que percebem o tato, a pressão, o calor, o frio, a dor ou a carícia. Todas essas sensações percebidas pela

criança também são oferecidas à mãe pelas crianças. Por essa razão, no chamado período de adaptação à Escola da Primeira Infância, receber e oferecer carinho é importantíssimo para que a criança não se sinta rejeitada⁴⁷.

Com o passar dos dias e dos meses, muito próximo da regição oral, estão os olhos que percebem a expressão facial da mãe ou dos parentes e também os ouvidos, que percebem o som. Além de a expressão facial ser fundamental para a criança, são muito importantes as cantigas de ninar. Os sentidos da criança, que identificam o mundo exterior, têm os principais centros no paleoencéfalo, com exceção dos olhos e do olfato, que, como já vimos, são verdadeiros prolongamentos do cérebro para fora da caixa craniana.

Como ser vivo, a criança também busca o prazer. Ao nascer, a criança poderia lembrar o “ninho” que abandonou voluntariamente e já não tem condições de voltar para o conforto que perdeu. A afiliação à prole, que é oferecida ao bebê pela mãe por intermédio do aconchego e alimento, ou pelo conforto que são oferecidos pelos parentes e/ou pela babá, pela professora na escola, desenvolve o apego da criança para os circunstantes. Por esse motivo, a criança, quando chega na nossa escola, além de agasalhada e bem alimentada, deve ficar apertada ao colo para sentir-se segura. Essa maneira de aconchegar a criança apertada ao colo alivia o medo e, conseqüentemente, também limita a evolução da agressão futura.

Contudo, a criança é um ser vivo com inteligência privilegiada e descobre precocemente que o choro mobiliza o ambiente para lhe proporcionar conforto, prazer e alimento. Por essa ra-

⁴⁷ Agostini (2018). Imaginem uma cadela que não aceita o carinho dos filhotes. Seria ela uma boa mãe? No interior, ovelhas, vacas, cabritas ou fêmeas de outros animais que não aceitam os filhotes são sacrificadas, porque não são boas de cria.

ção, estabelecemos rito para o alimento, para a proteção e para o conforto. Isso é feito para o prazer não se transformar em tirano. Inicialmente, a tirania faz-se presente no interior da família e, progressivamente, tiranizará o ambiente familiar, escolar e social. Lembramos que a satiríase, a ninfomania e/ou o homossexualismo podem ser desencadeados na Primeira Infância. Recorda-se também que o testículo do recém-nascido é mais desenvolvido que uma criança de dois anos. Progressivamente, a partir dessa idade, cérebro, glândulas e estrutura corporal preparam progressivamente o testículo da criança para as atividades de reprodução da espécie.

Por essa razão, na Primeira Infância, as eventuais manifestações de prazer geradas pela genitália externa são minimizadas e estimulamos a satisfação prazerosa que o ambiente pode oferecer: o prazer no comer, no conhecer, o prazer de demonstrar afeição pelos colegas e, às vezes, até o prazer que simula a agressão. Nesses casos, a agressão não deve ser coibida. Infelizmente, nos dias atuais e em qualquer horário das 24 horas do dia, a indústria do prazer estimula o erotismo. Ainda!

Assinala-se, sobretudo, que os centros do prazer estão muito próximos dos centros de agressão. Não nos causa nenhum espanto o comportamento agressivo da nossa sociedade. A mídia televisiva, de um modo geral, exhibe incansavelmente filmes ou desenhos animados em que a agressão é constante. Também são constantes cenas eróticas e diálogos chulos em qualquer horário. Sem dúvida, essas cenas proporcionam prazer para adultos e crianças. Porém, devemos lembrar que os centros do prazer e agressão estão muito próximos no interior do paleoencéfalo. Por essa razão, o estímulo para o prazer pode estimular também a violência, que atualmente, em nosso meio, está se tornando intolerável.

3.3.2.3. *Como a Escola da Primeira Infância pode desenvolver nas crianças a afeição pela família, pelas demais pessoas e pelos animais*⁴⁸

Para desenvolver a emergência da afeição, as professoras da escola procuram sempre receber com alegria a afeição que a criança oferece a partir dos seis meses de idade por intermédio de aperto de mãos, abraços, beijos e carinho. As crianças são orientadas a se envolverem em projetos que propõem o desenvolvimento da afeição pelos animais. Aprendem com facilidade o quanto inúmeras espécies de animais convivem com os seres humanos, o quanto os animais são importantes para nós, não só como fonte de alimento, vestuário e outros benefícios, como também são companhias importantes para a nossa felicidade. Devemos ressaltar que as atividades desenvolvidas dentro do tema não se restringem aos limites escolares. São realizadas entrevistas nas casas da comunidade e nas residências das famílias das crianças que têm animais de estimação como as únicas companhias. O estímulo, para que essas manifestações se acentuem no comportamento das crianças, pode fazer parte da rotina da escola da Primeira Infância. Também os pais são orientados para que essas atitudes sejam estimuladas no âmbito familiar, entre colegas, vizinhos, entre orientadoras e crianças da instituição. As crianças também aprendem como os animais servem de guia para as pessoas cegas e como é importante o trabalho desses animais na vida desses indivíduos. Entrevistam carroceiros, que contam o trabalho que exercem para transportarem leite ou outras utilidades, com o auxílio dos cavalos. Também aprendem que o lixo coletado pelas famílias dos bairros pobres, ou das famílias de

48 Ver Agostini (2018).

favelados é transportado pelas carroças puxadas por burros, ou cavalos. Esse lixo é, muitas vezes, a única fonte de renda para essas famílias. Para elas, sem dúvida, o trabalho desses animais é fundamental para a sobrevivência. Por ocasião das entrevistas, perguntam ao dono qual é o tratamento dado ao animal.

- O senhor trata o animal com carinho?
- O senhor o alimenta bem?
- Gosta dele?
- Onde ele dorme?
- O senhor compra roupa quentinha para ele vestir?

Sempre que as respostas forem negativas, as crianças reprovam a conduta do proprietário do animal. Todas as perguntas relacionadas, que foram ou são feitas espontaneamente pelas crianças, demonstram que, na intimidade, os seres humanos, inconscientemente, desde os seis meses de idade, têm aptidões para desenvolver a afeição pelos mundos físico, biológico e social que os geraram.

Por fim, destaca-se que os estudos revisados contribuem para maior compreensão sobre o processo de adaptação, mas sugerem que muito ainda precisa ser feito para facilitar a adaptação de bebês e crianças pequenas à escola. Novos estudos poderiam contribuir investigando para cada faixa etária quais as rotinas na creche mais adequadas, como organizar o espaço físico, o planejamento pedagógico, como deve ser a formação do educador e como acompanhar a família cujo bebê ou criança pequena ingressa na escola⁴⁹.

⁴⁹ MAHLER, M. *O processo de separação-individuação*. Tradução H. M. Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

3.3.3. Terceira fase (o dia a dia na escola): período voltado ao atendimento das crianças e da busca do envolvimento das famílias com o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*⁵⁰

Há muitas professoras que atuam no Brasil no âmbito da educação infantil que já são mães. Nesse caso, tem-se a fusão de duas experiências extremamente relevantes e significativas à medida que uma expertise interage com a outra. Assim, mais ainda se justifica que haja iniciativas voltadas à capacitação e formação dos profissionais (e familiares) que convivem com crianças, sobretudo nos primeiros anos de suas vidas.

Desse modo, as orientações metodológicas *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* que vêm sendo formuladas nas últimas quatro décadas pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini encontram amparo em alguns integrantes da comunidade científica na atualidade. Esses tópicos de procedimentos metodológicos apresentados nesta obra vão ao encontro dos resultados de pesquisas, entre outros tantos, dos seguintes cientistas: Lise Eliot, neurocientista da Universidade de Medicina e Ciência Franklin Rosalind, em Chicago, nos Estados Unidos; Edward Hallowell, psiquiatra e autor de *The Childhood Roots of Adult Happiness*; Paul C. Holinger, professor de psiquiatria no Rush-Presbyterian-St. Luke's Medical Center em Chicago; Carrie Masia-Warner, pedopsicóloga e diretora adjunta do Anxiety and Mood Disorders Institute da New York University School of Medicine.

Salienta-se, ainda, que a equipe que trabalha com o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* no Brasil prepara e capacita as famílias e as escolas por meio dos livros cuja produção

⁵⁰ Ver Agostini (2018).

intelectual tem sua autoria no Dr. Aventino Alfredo Agostini. Em virtude de tais aspectos arrolados até aqui, busca-se capacitar e formar profissionais, mães e pais para que desenvolvam a percepção para captar o sistema de sinalizações criado pelos bebês e, ao mesmo tempo, oportunizar recursos sensitivos e racionais para interpretar as mensagens enviadas pelas crianças nos primeiros momentos de suas vidas. Chama atenção à medida que vai amadurecendo de recém-nascido até se tornar um bebê mais interativo, por volta dos seis meses, a criança também passa a dominar as formas de sinalizar quando alguma coisa a satisfaz ou a incomoda⁵¹. Se parecer que o bebê passa mais tempo chorando do que rindo, isso acontece porque ele sente mais cedo a angústia do que a felicidade. O choro e as expressões faciais de desconforto servem como um pedido de socorro para motivar os adultos a resolverem um problema.

Caso o bebê chore, como saber se há um presentinho nas fraldas, se sente dores, se está com fome ou simplesmente entediado? Uma mãe sensibilizada consegue perceber a diferença entre os diferentes tipos de choro e de expressões faciais, as sobrancelhas, a boca e as vocalizações compõem o modo como o bebê cria um sistema de comunicação⁵².

Pelo visto, seria precipitado interpretar apressadamente os estados de espírito do bebê à medida que não estamos

⁵¹ A cara ilumina-se com um sorriso de derreter qualquer um quando a mãe entra na sala ou desata a chorar quando alguém lhe tira o brinquedo favorito. E é provável que já tenha reparado que passa do choro ao riso antes que lhe consiga pôr uma chupeta na boca.

⁵² Por exemplo, quando um bebê chora por se sentir incomodado fisicamente, os cantos da boca ficam virados para baixo e as sobrancelhas arqueiam ao centro. Quando está zangado, ele fica com a cara vermelha, vira as sobrancelhas para baixo, cerra os maxilares e emite como que um rugido. A maioria dos pais reconhece que um bebê medroso - e que fique facilmente incomodado - não é uma companhia agradável (pode ocorrer que mães, pais, demais familiares e professoras de educação infantil não reconheçam que a fúria é simplesmente a expressão de um bebê muito perturbado).

autorizados a concluir que os bebês são felizes ou infelizes. O que se pode examinar com mais rigor é que existem bebês satisfeitos ou insatisfeitos, com base nos elementos presentes no seu ambiente imediato. Apesar de os bebês mais pequenos não se sentirem realmente felizes quando parecem contentes, a boa notícia é que, quando gritam, também não têm ainda qualquer consciência emocional.

O que faz mais feliz uma criança é a presença sensível dos pais e da escola na construção de uma “infância ligada”. Assim, o Dr. Aventino orienta para que as famílias e as escolas criem espaços para as crianças se divertirem no convívio com as outras pessoas. Por intermédio da brincadeira, ocorre uma poderosa ligação entre pais e filhos, professoras, alunos(as) e colegas. Esse é o aspecto mais importante para criar uma criança feliz. Se os adultos que atuam associados ao trabalho com educação infantil se divertirem como criança, as crianças, também, irão se divertir muito. Assegura-se que muitos pais ficam preocupados em demasia quando veem as crianças correndo livremente, batendo-se aos encontrões, caindo ou até mesmo machucando-se ao esbarrar nos elementos do ambiente da Escola Saber Fazer. Na verdade, as crianças necessitam dessas atividades e é por isso que as crianças usam roupas muito simples. Escoriações, pequenos traumas musculares são acidentes considerados “normais”. Acredita-se que, durante as brincadeiras, as crianças adquirem coragem para superar obstáculos, medos e criam as condições mínimas para o desenvolvimento amplo da afeição aos familiares e aos integrantes da comunidade escolar. Percebe-se, dessa maneira, que a brincadeira gera alegria, mas é também a forma de a criança desenvolver capacidades essenciais para a sua felicidade no futuro. À medida que vai crescendo, as brincadeiras

livres permitem descobrir aquilo que gosta de fazer – construir cidades com blocos, fazer “poções” com ingredientes de cozinha, pintar e bordar – e tudo isso pode indicar o caminho para uma carreira profissional que parecerá uma brincadeira que dura a vida inteira. Brincar é quando as crianças inventam, criam e sonham acordadas.

Diante disso, a metodologia que abriga a concepção do *Saber Fazer* considera que uma boa educação infantil, além dos tópicos já desenvolvidos, envolveria as crianças, à semelhança dos adultos, na busca dos seus próprios interesses; caso contrário, não terão qualquer satisfação com seus êxitos. Diante disso, torna-se preciso que as famílias e as escolas encontrem formas de instigar a facilitação do acesso ao desenvolvimento dos potenciais talentos das crianças.

A justificativa plausível para essa adequação são as pesquisas sobre as pessoas felizes. Os resultados apontam, em certa medida, para as pessoas que dominam uma competência específica, amam o que fazem e sabem fazer bem feito aquilo que adoram fazer. Trabalhar, nesse caso, não é sinônimo de escravidão, mas sim algo criativo que tem sentido e que proporciona significado à vida em sociedade⁵³.

Outro aspecto a ser levado em consideração na prática cotidiana na Escola Saber Fazer refere-se à tomada de medidas que se encontram associadas à saúde do corpo e da mente das crianças. Muitas horas de sono, exercícios e uma alimentação saudá-

⁵³ Por exemplo, quando descobre como levar a colher à boca ou quando consegue dar os primeiros passos vacilantes sozinho, o bebê começa a aprender com os erros, aprende a ser persistente e disciplinado e, depois, sente a alegria do êxito com base no seu próprio esforço. Ganha também a recompensa do reconhecimento de outros relativamente àquilo que alcançou. Mais importante ainda, descobre que tem algum controle sobre a sua vida: se tentar fazer alguma coisa, irá acabar por conseguir. Investigações demonstram que essa sensação de controle por intermédio do domínio das coisas constitui um fator importante para a felicidade na idade adulta.

vel são importantes para o bem-estar de qualquer pessoa, especialmente das crianças. Se a criança tiver muito espaço e tempo para gastar suas energias, isso ajuda na busca do equilíbrio por meio do bom humor.

Nada melhor do que ver uma criança com alegria e o prazer de arrancar, de lavar e de comer uma cenoura, rabanete, alface, moranguinho ou couve, sobretudo, se ela ajudou a plantar e observou o hortifrutigranjeiro crescer e se desenvolver e, agora, servindo-lhe como alimento. O fato de a Escola Saber Fazer incentivar que as crianças estejam em permanente contato com os raios de sol, com a chuva, com a terra, sobremaneira plantando frutas e hortaliças, pode vir a facilitar que sejam adquiridas as verminoses nessa fase da vida. O conhecimento a que se tem acesso no presente momento indica que essas verminoses sejam bem conduzidas, chegam a diminuir as reações inflamatórias alérgicas. Tem algum ovo de parasita? Como vimos, isso tem importância relativa se a parasitose não determina sintomas.

No caso, vermes transmitidos pelo solo, incluindo lombrigas, ancilostomídeos (o bicho que causa amarelão) e tricuros são comuns em áreas tropicais e subtropicais e afetam particularmente crianças de baixa renda que vivem em lugares onde não existe saneamento básico (água encanada e esgoto). Uma criança infectada por muitos vermes pode ficar desnutrida, crescer menos e ter anemia⁵⁴. Portanto, tratar crianças sabida-

⁵⁴ Assinala-se que a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que todas crianças em idade escolar que vivem em áreas endêmicas sejam tratadas regularmente com medicamentos que matam esses vermes (vermífugos). Os vermífugos conseguem eliminar completamente ou reduzir muito a quantidade de vermes das crianças infectadas. Mas uma dúvida ainda persiste: será que os vermífugos, como muitos alegam, também seriam capazes de reduzir a anemia e melhorariam o crescimento das crianças e, conseqüentemente, provocariam melhora na frequência e no desempenho escolar e no desenvolvimento econômico? Já os estudos que trataram todas as crianças de áreas endêmicas mostram que os vermífugos tiveram pouco ou nenhum efeito sobre o ganho médio de peso (evidência

mente infectadas por vermes pode proporcionar alguns benefícios nutricionais para o indivíduo. Entretanto, existe – contemporaneamente – evidência substancial de que o tratamento em massa de todas as crianças de áreas endêmicas não melhora seu estado nutricional, os níveis de hemoglobina, a cognição, o desempenho escolar ou a sobrevida média dessas crianças.

Não temer o ambiente físico, biológico e social e com ele conviver torna-se relevante para limitar o excesso da agressão e, ao mesmo tempo, permite que essa emergência não se torne elemento para desencadear a angústia, a ansiedade e depressão.

3.3.3.1. *O cuidado com a alimentação da criança em casa e na escola*⁵⁵

Pelo visto, há uma intrínseca relação entre a alimentação e o comportamento das crianças. Destacam-se, assim, a presença de alguns determinantes do comportamento e hábitos alimentares

de qualidade moderada) sobre a quantidade de hemoglobina no sangue (evidência de qualidade baixa) e sobre a cognição (evidência de qualidade moderada). O uso de vermífugos de rotina a cada três a seis meses pode também ter pouco ou nenhum efeito sobre o ganho médio de peso (evidência de qualidade baixa). Os efeitos variaram entre os estudos. Enquanto um estudo feito em 1995 numa área de baixa prevalência de verminoses encontrou que o tratamento aumentou o peso das crianças, nove outros estudos realizados desde então, em áreas de prevalências moderada e alta, não mostraram esse efeito. Existe boa evidência de que tomar vermífugos de rotina provavelmente não tem efeito na média da altura da criança (evidência de qualidade moderada), nos seus níveis de hemoglobina (evidência de qualidade baixa), nos exames que avaliam sua capacidade cognitiva (evidência de qualidade moderada), ou nos resultados de exames (evidência de qualidade moderada). Não sabemos se existe efeito na frequência escolar (evidência de qualidade muito baixa). Os estudos que trataram apenas crianças sabidamente infectadas indicam que os vermífugos podem aumentar o ganho de peso delas (evidência de baixa qualidade), mas não ficou claro se o tratamento teria efeito sobre a função cognitiva (capacidade de aprender) ou sobre o bem-estar físico das crianças (evidência de qualidade muito baixa. Ver: <<https://www.cochrane.org/pt/CD000371/tratando-os-vermes-das-criancas-em-idade-escolar-que-vivem-em-paises-em-desenvolvimento>>.

⁵⁵ Ver Agostini (2018).

ao longo do desenvolvimento, da infância à adolescência. Percebe-se que são as experiências com diversos alimentos e sabores, incentivadas por aspectos de ordem afetiva e social, os principais fatores do comportamento e hábitos alimentares. Entre as influências mais importantes das escolhas de crianças e jovens, contam-se os níveis de satisfação com o corpo, o tempo despendido diante da TV, redes sociais e a publicidade sobre alimentos.

No método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*, há um espaço de valorização do processo de aprendizagem na formação do comportamento alimentar da criança por intermédio do condicionamento associado da sugestão do sabor dos alimentos, da consequência fisiológica da alimentação e do contexto social. Evidenciam-se as estratégias alimentares dos pais na hora da refeição para aquisição das preferências alimentares da criança e para o controle interno da fome e saciedade. Verifica-se, também, a influência das estratégias utilizadas pelos pais nos padrões de alimentação da criança e constata-se que a maior preocupação dos pais centra-se na quantidade de alimento, e não em desenvolver hábitos e atitudes direcionados a padrões de alimentação mais adequados do ponto de vista qualitativo. Recomenda-se que a Escola que contar com o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* envolva as famílias sobre como deve ser uma alimentação saudável para a criança e sobre os métodos de aprendizagem das preferências alimentares, a fim de que possam ampliar a variabilidade dos alimentos, reduzindo a neofobia alimentar infantil (medo de provar alimentos novos). Além disso, os pais devem ser orientados para permitir que a criança aprenda sobre a sugestão interna da fome e da saciedade, desenvolvendo o autocontrole do seu consumo alimentar, minimizando problemas de sobrepeso. Assegura-se, por fim, que há

uma ampla necessidade de estudos nessa área, se possível envolvendo uma perspectiva transdisciplinar, para maior entendimento do fenômeno do comportamento alimentar infantil, permitindo o desenvolvimento de ações e programas de prevenção com base na realidade psicossocial e cultural brasileira, levando, assim, para uma efetiva mudança dos padrões alimentares infantis, contribuindo na promoção de sua saúde.

Além do exposto, percebe-se que o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* busca atentar para possíveis ligações entre o estado de espírito da criança e determinados alimentos. Alguns pais notam que, embora o açúcar possa dar à criança um grande impulso de energia, a verdade é que também pode causar certa agitação. As alergias e sensibilidades alimentares também podem ter um papel a desempenhar no comportamento e na disposição da criança. Se a mãe estiver amamentando, poderá notar que o bebê fica agitado depois de ingerir determinados alimentos⁵⁶.

Salienta-se, ainda, que a criança, ao nascer, deveria ter como alimento primeiro o leite materno (colostró). Somente este contém as enzimas necessárias para estimular o funcionamento de todas as glândulas que segregam os diferentes sucos digestivos: as enzimas. Tal estímulo é fundamental para a digestão posterior de outros nutrientes. Somente o colostro deve ser oferecido à criança nos primeiros trinta dias. O colostro é também fundamental para despertar o estímulo imunológico das crianças. Ao mesmo tempo, destaca-se a importância da função da lipase gástrica na digestão das gorduras e do fígado. Constam, entre as gorduras oferecidas na alimentação, os lipídios da gordura dos

⁵⁶ Sugere-se entrar em contato com o pediatra caso a família (e/ou a Escola) suspeitar de que o leite de substituição ou a alimentação do bebê estão associados a sinais de perturbação.

suínos que deveriam fazer parte da dieta alimentar das crianças, pelo menos nos sete primeiros anos de vida. Isso porque essas gorduras de difícil absorção, quando passam para o intestino grosso, formam sabões. No intestino grosso, as gorduras saturadas de cadeia longa estimulam a liberação de um hormônio, a colecistocinina, que inibe o centro da fome localizado no cérebro, evitando, assim, a obesidade precoce.

Essas gorduras inibem e, também, evitam reações alérgicas cutâneas ou respiratórias e conferem imunidade contra as infecções virais. Desse modo, percebe-se que a gordura é a única fonte de trabalho muscular. Entretanto, os óleos derivados de sementes ou as gorduras poli-insaturadas decompõem-se rapidamente com o calor e também poluem o ambiente. Nesse período da vida, não são recomendadas.

Desde a decisão de engravidar, a gestante deverá evitar os agrotóxicos e as dioxinas, ressaltando-se que toda a alimentação nessa etapa deveria conter em sua composição água, sal, temperos verdes e sucos de frutas feitos em casa. Tudo adoçado com açúcar não refinado nem purificado; não usar produtos químicos sintéticos estranhos ao organismo humano, como margarinas, gorduras hidrogenadas e realçadores do sabor. O mais adequado seria evitar comer em restaurantes, rejeitar salgadinhos em aniversários ou encontros sociais, não consumir caldos de carne e adoçantes. A mãe, caso almeje alcançar um patamar de boa saúde, deve preparar todo o alimento que irá consumir, incluindo-se as bebidas à medida que será este o material que a criança irá utilizar para se desenvolver.

Na sexta semana de gestação, ainda não se tem uma explicação plausível, a bioquímica determina a formação dos testículos, os quais passam a produzir os hormônios masculinos,

determinando a formação dos órgãos reprodutivos. Nessa fase, não poderia haver a interferência de pseudo-hormônios (ou mimetizadores hormonais) ou até mesmo de disruptores (desorganizadores hormonais). Os alimentos com modificadores de sabor estão repletos dessas substâncias.

Observa-se que o sistema nervoso começa a se desenvolver no décimo oitavo dia da gestação. Se houver deficiência alimentar nessa fase, o cérebro pode apresentar malformação congênita. A deficiência alimentar mais comum é a do ácido fólico (ácido das folhas). Orienta-se para que as gestantes não comam frutos do mar e peixes em virtude dos PCBs⁵⁷). A preferência absoluta é para a carne do boi criado em pastagens naturais⁵⁸. Atesta-se, dessa maneira, que os programas de saúde destinados ao amparo das crianças, por sua vez, priorizam o peso da criança como índice de nutrição. Em resumo, preocupam-se com a parte física, não com a formação perfeita do ser humano, com a sua capacidade de compreender os problemas complexos e de tomar decisões e de ser apto a fim de se preservar a espécie.

O Dr. Aventino Alfredo Agostini (2018, p. 31-32) busca um bom suporte para comprovar sua tese. Trata-se dos estudos

⁵⁷ Os PCBs não são biodegradáveis, ou seja, se dispersos no meio ambiente, eles permanecem intactos por muitos anos, não se degradando. Os PCBs (bifelinas policloradas), também conhecidos popularmente como Ascaréis, são compostos sintéticos utilizados como óleo isolante em equipamentos elétricos, mais especificamente em transformadores e capacitores. Entre uma série de características técnicas e econômicas que justificaram o seu largo emprego no mundo todo como fluido dielétrico em equipamentos elétricos, os PCBs apresentam algumas características que lhe conferem um significativo potencial de risco ao meio ambiente e diretamente à saúde humana, a saber:

⁵⁸ É tão importante essa observação que mais recentemente os bezerros criados no Brasil, destinados ao abate para a exportação e criados em pastagem natural, são assinalados com um brinco que leva um chip para controle por satélite – nada de carne de boi confinado. Nesse aspecto, há um conflito entre importadores, criadores e o movimento político-religioso da reforma agrária. Esse movimento exige a lotação máxima dos campos, as pastagens artificiais. Priorizam a fome, como se a fome tivesse como causa a escassez de alimentos.

realizados por Colborn, Dumanoski e Myers (2002, p. 26-27), que apresentam o impacto de um pseudo-hormônio feminino (PCB's⁵⁹) com efeito cumulativo, isto é, entra na estrutura da matéria, seja animal, seja vegetal, e nunca mais sai. O acúmulo no organismo da cadeia alimentar superior se dá assim: a água poluída contamina a microalga; esta última contamina o micro ser vivo que dela se alimenta; o micro ser vivo alimenta o camarão; este, o peixe; este, a gaivota. Da alga até a gaivota, a contaminação aumenta 125.000 vezes.

Os mesmos pesquisadores destacam ainda:

[...] a formação da mentalidade, será masculina ou feminina, dependendo da influência hormonal dominante, independentemente da formação física do indivíduo já estabelecida pela genética na sexta semana de vida embrionária. Se a mãe estiver contaminada por um desses produtos (PCBs), os receptores hormonais do feto recebem estas substâncias que são mimetizadoras dos hormônios. Moldam um cérebro feminino num corpo masculino. A tragédia da contaminação alimentar pelos PCB's, foi observada por primeiro no comportamento sexual da *águia cabeça pelada*, símbolo dos Estados Unidos da América do Norte. Quase simultaneamente foi observada em gaivotas e seguiram-se muitos rela-

⁵⁹ Os PCBs são bioacumulativos, isto é, eles se acumulam nos tecidos dos organismos vivos. Os organismos vivos, através da ingestão de alimentos e/ou águas contaminados com PCBs, não conseguem eliminar esse composto, acumulando-os nos seus tecidos. Como os seres humanos se encontram no topo da cadeia alimentar, seriam estes os mais afetados pelo efeito da bioacumulação. Os PCBs são comprovadamente cancerígenos para animais e suspeito cancerígeno para os humanos, segundo a OMS. Os PCBs, embora não sejam inflamáveis, no caso de um incêndio em que a temperatura atinja 400 graus °C, decompõem-se formando substâncias altamente tóxicas, conhecidas como dioxinas e furanos. Em decorrência de uma série de acidentes ocorridos com PCBs ao redor do mundo, estes sofrem de um forte estigma popular, sendo considerados mundialmente como o resíduo número 1, logo após o resíduo nuclear, o que tecnicamente e cientificamente não tem sustentação. Mas, nesses casos, o que vale é a percepção da sociedade como um todo. Fonte: <<http://www.tecori.com.br/pdfs/artigos/Passivo%20Ambiental%20-%20PCBs.pdf>>.

tos de observações nos animais citados e outros no mundo todo. Causa? Inicialmente desconhecida. Entretanto, os pesquisadores trabalhando em conjunto em todo o mundo, observavam o estranho fenômeno da homossexualidade e da atrofia do membro reprodutor dos machos. A atrofia peniana observou-se primeiro nos jacarés que em determinado ambiente natural para preservar a espécie, entraram a caminho da extinção. A causa era a pequenez do pênis desses jacarés, impossibilitando o depósito de espermatozoides no fundo de saco vaginal. “Trouxeram jacarés machos, de regiões ainda não-contaminadas e a reprodução dos répteis voltou ao normal, evitando-se, assim, a destruição da espécie”. (COLBORN; DUMANOSKI; MYERS, 2002, p. 25).

Para muito além dos fatores mencionados sobre alimentação, salienta-se que, nos primeiros meses de vida, a estrutura da personalidade do indivíduo está sendo definida; nesse período, a amamentação e a presença da mãe são fundamentais para evitar neuroses futuras. Na obra do Dr. Aventino Alfredo Agostini⁶⁰, há um destaque para o ato de amamentar a criança. Na verdade, é salientado que, ao mamar no peito, a criança ingere afiliação à prole e também *afeição pelos familiares, parentes e também afeição pelos semelhantes*, professores, colegas e vizinhos. As considerações feitas sugerem sistematizar as seguintes perguntas:

1. Se a legislação brasileira se perpetuar como está, permitindo que a criança de, um modo geral, fique apenas seis meses com a mãe, quantos milhões de neuróticos (principalmente ansiedade e depressão) e quantos milhões de adultos terão dificuldade de aprendizado no nosso país?

⁶⁰ AGOSTINI, Aventino Alfredo. *Direitos da primeira infância (ex educação infantil)*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018.

2. Não é necessário que a indústria de alimentos faça uma revisão e se disponha priorizar a criança e a saúde da mulher em lugar do sabor e do lucro?
3. Não é obrigação de quem orienta na Primeira Infância saber dos fatos apontados e orientar também legisladores?
4. Existe dieta melhor que o colostro e leite maternos para crianças recém-nascidas até os dois anos de idade desde que, a partir dos seis meses, acrescente-se dieta complementar?
5. Economistas e legisladores não deveriam elaborar uma lei para que a mãe pudesse alimentar a criança ao seio e depois dos seis meses, leite materno e dieta complementar até os dois anos de idade, para que a criança na vida adulta não desenvolva neurose de angústia ou depressão? Economistas e legisladores ignoram que amamentação e gravidez precoce diminuem a incidência de câncer de mama?⁶¹

⁶¹ No Instituto de Patologia de Passo Fundo, RS, Brasil, a média de câncer de mama entre 2013 e 2017 foi de 350 casos anuais. Essa incidência é apenas superada pelas neoplasias malignas da pele determinadas pela radiação solar.

PONTO DE CHEGADA

COMO UTILIZAR ESTE “MANUAL” PARA
GARANTIR UMA SOCIEDADE DIALÓGICA,
COM QUALIDADE DE VIDA E PACÍFICA

Se você chegou até aqui, é porque você é uma pessoa especial, diferente, por se preocupar com as nossas crianças. Para fazer um bom uso deste manual, além dos preceitos científicos, éticos, morais e legais, faz-se necessário uma certa dose de empreendedorismo na busca da efetivação material do marco regulatório da Primeira Infância (Lei 13.257/2016).

O primeiro passo, buscando a capacitação e a formação tendo por base o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância*. Para tanto, pode-se estabelecer contato com a equipe de professoras e de professores que se encontram responsáveis para a capacitação e formação no referido método, tendo por base os Direitos da Primeira Infância contemplados pela legislação e fundamentados cientificamente pelas obras do Dr. Aventino Alfredo Agostini. O contato poderá ser realizado por meio do whatsapp (54) 999782049, com o Prof. Dr. Mauro Gaglietti.

Que tipo de escola se desenhou até aqui? Uma escola que privilegia a liberdade de escolha, a autopropulsão das crianças de 0 a 6 anos e a crença no interesse natural pelo conhecimento (“saber com sabor”). A professora que atua em uma Escola da Primeira Infância pode ficar responsável por pequenos grupos de crianças, atuando, sempre que possível, no pátio da escola, na terra, junto aos animais domésticos, formigueiros, hortas, ár-

vores. Essa professora atenta para os aspectos pedagógicos, sem descuidar das dimensões emocionais, afetivas e culturais. O referido formato conta com mestres, que são pessoas de fora da escola e que têm paixão e expertise específicas em alguma área temática de interesse dos alunos(as). Assim, o conhecimento e a sabedoria são construídos articuladamente com os interesses demonstrados pelas crianças.

Sim, é possível uma Escola da Primeira Infância funcionar mediante a escolha por parte das crianças do que desejam aprender. Ao indicarem o que lhes interessa, as crianças abrem o diálogo com inúmeros itens dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). A Escola da Primeira Infância pode e deve ter registro em uma plataforma digital por meio de uma monitoria algorítmica contemplando informações acerca da trajetória de cada aluno em relação aos PCNs, de forma que toda a matéria, competência ou habilidade exigida pelo MEC possa ser contemplada. Em outras palavras, atende integralmente às exigências do MEC, ao envolver as crianças nos projetos que têm interesse em participar, elas abrem a possibilidade de desenvolverem as competências e as habilidades estabelecidas como necessárias pelas diretrizes do MEC.

Você leitora (leitor) pode perceber, ao longo do livro, que um dos maiores sonhos do Dr. Aventino Alfredo Agostini é que o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* seja conhecido, assimilado e posto em prática. Em uma expressão: difundido ao mundo. Nesse caso, os próximos passos associam-se às iniciativas no âmbito da sensibilização dos gestores, dos empresários e da população da cidade sobre a importância do investimento na Primeira Infância como fator determinante ao desenvolvimento humano, social e econômico.

Para tanto, é preciso conjugar vários tipos de esforços voltados à busca de reforços acerca da importância do trabalho intersetorial e transdisciplinar como condição básica para atender a criança de forma integral. Destaca-se, ainda, a relevância da participação da sociedade na criação, na possível implementação e no acompanhamento de um Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI). Nesse caso, a atitude mais consequente será efetivar a capacitação e formação ao entendimento do que venha ser a Primeira Infância, principalmente junto aos pais, educadores e agentes sociais.

Assim, assinalamos que cuidar, estimular, orientar e proteger as crianças é a forma mais eficaz para compor uma sociedade mais justa, democrática e equilibrada. No caso, nossa singela contribuição está sendo elaborar este “manual”, cujo conteúdo se destina tanto para os setores públicos quanto privados, ações direcionadas a mães, pais, avós, demais familiares, cuidadores e educadores, como também orientações voltadas às empresas, além de atuar em parceria com empreendedores sociais.

Ao mesmo tempo, o referido “manual” proporciona acesso à equipe técnica que pode ser acionada para contribuir com a capacitação, formação e implementação da Escola da Primeira Infância Saber Fazer para a implantação de ações nos municípios que darão concretude aos benefícios construídos em favor de seus pequenos cidadãos.

Quando as iniciativas privadas e/ou públicas em uma cidade decidem adotar cuidado especial com suas crianças, desde a gestação até os seis anos de idade, auxiliam as gestões municipais em seus diversos níveis, possibilitando compor a interação com a sociedade civil, além de oferecer programas de capacitação direcionados aos agentes que lidam com as crianças do município, alcançando pais e cuidadores.

Diante disso, o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* compõe ações adaptadas às necessidades, à estrutura, às particularidades e aos recursos locais disponíveis para a implementação da Escola da Primeira Infância Saber Fazer com as empresas e prefeituras.

A partir do apoio à governança, um trabalho de mobilização da população local é sempre empreendido, além da execução de atividades focadas na formação de profissionais vinculados à rede de atendimento às crianças visando compor e implantar programas e políticas públicas em prol da infância.

4.1. INVESTIR EM EDUCAÇÃO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA É MELHOR ESTRATÉGIA ANTICRIME

4.1.1. Primeira conclusão

Parte-se da constatação segundo a qual a maioria das famílias, professoras, diretoras, gestores públicos e proprietárias de escolas tem boas intenções, mas não tem o conhecimento necessário. Nesse sentido, seria crucial que tais segmentos pudessem conhecer melhor o desenvolvimento da Primeira Infância e dos direitos advindos dessa fase do desenvolvimento humano⁶². Investir no desenvolvimento de crianças na Primeira Infância pode ser mais eficiente no combate à desigualdade do que políticas de distribuição de renda⁶³. O investimento na

⁶² O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Essa Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Ver: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>.

⁶³ Essa é a conclusão que James Heckman, vencedor do Nobel de Economia, quando começou a se dedicar ao assunto pelo qual passaria a ser realmente conhecido: a primeira infância, sua relação com a desigualdade social e o potencial que há nessa fase da vida para

Primeira Infância é uma estratégia eficaz para o crescimento econômico.

Consideram-se as limitações das finanças públicas e a necessidade de usá-las de forma muito eficiente, o investimento no desenvolvimento cognitivo de crianças entre 0 e 6 anos é mais eficiente como forma de combate à desigualdade e incentivo à mobilidade social do que mecanismos tradicionais, como a distribuição de renda de ricos para pobres. Justifica-se a adoção de tais medidas em razão de que, durante a Primeira Infância, o cérebro das crianças está se desenvolvendo em ritmo acelerado. Nessa fase, seria preciso foco e muita dedicação por parte do sistema educacional, das autoridades constituídas, do conjunto da sociedade e das famílias⁶⁴.

mudanças que possam tirar pessoas da pobreza. Ele calcula que o retorno financeiro para cada dólar gasto é dos mais altos. O caminho deve ser trilhado, de acordo com Heckman, com auxílio do setor privado e de governos. O economista acredita que o setor privado, por mais que invista, não será capaz de mudar esse jogo. Por isso, é preciso que governos mudem a forma como encaram a educação na primeira infância. Para o setor privado, portanto, fica como papel auxiliar governos na elaboração de políticas de educação. O primeiro e decisivo passo, para que haja mudança, é entender a economia do desenvolvimento de habilidades e formular políticas que reconheçam como essas habilidades são desenvolvidas. Se os governos pudessem mirar seus investimentos nos lugares certos, economizariamos bastante. Como evidência, o economista oferece casos de países com baixa desigualdade e altos investimentos em educação, como a Dinamarca. O cientista afirma que, mesmo nesses cenários, a educação e o preparo dos pais trazem impactos para o desenvolvimento de habilidades das crianças. Nesse cenário, Heckman vê grande importância no papel de pais e tutores. “Pais, muitas vezes, não sabem que interagir e encorajar a criança traz resultados positivos para o desenvolvimento. Nesse caso, as considerações que se encontram ancoradas na obra do Dr. Aventino Alfredo Agostini vão ao encontro do Nobel de Economia. Ver: <<https://exame.abril.com.br/economia/investir-na-crianca-e-mais-eficaz-que-distribuir-renda-diz-nobel/>>.

⁶⁴ O Art. 227 da Constituição Federal: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Ver artigo completo: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_227_.asp>.

Um conjunto de habilidades e boa educação traz melhor desempenho e ganhos para as pessoas. A grande questão, porém, é em qual momento do desenvolvimento pessoal é melhor fazer investimentos com recursos públicos, da sociedade e das famílias. O leque estende-se desde a fase pré-natal até a preparação para o mercado profissional, passando por todos os estágios da educação. Pelo que foi exposto, o melhor momento para isso seria durante a Primeira Infância. Investimentos somente na preparação para o mercado profissional trarão baixo retorno. Por outro lado, com investimentos em anos iniciais do desenvolvimento na Primeira Infância, o retorno será mais alto⁶⁵.

4.1.2. Segunda conclusão

Pelo exposto do que vem acontecendo desde 1998 na Escola

⁶⁵ No início dos anos 2000, Heckman começou a se debruçar sobre os dados do Perry Preschool Project, experimento social que mudou a vida de seus participantes. Ele funcionou assim: em 1962, na pequena cidade de Ypsilanti, no Estado do Michigan, nos Estados Unidos, 123 alunos da mesma escola foram divididos aleatoriamente em dois grupos. Um deles, com 58 crianças, recebeu uma educação pré-escolar de alta qualidade e o outro, com 65, não. Esse último é o grupo de controle. A proposta era testar se o acesso a uma boa educação infantil melhoraria a capacidade de crianças desfavorecidas de obter sucesso na escola e na vida. “O consenso quando comecei a analisar os dados era de que o programa não tinha sido bem-sucedido porque o QI dos participantes era igual ao de não participantes”, destaca o Nobel de Economia. Heckman e colegas resolveram analisar os resultados do experimento por outro ângulo. “Nós olhamos não para o QI, mas para as habilidades sociais e emocionais que os participantes demonstraram em etapas seguintes da vida e vimos que o programa era, na verdade, muito mais bem sucedido do que as pessoas achavam. Constatamos que os participantes tinham mais probabilidade de estarem empregados e tinham muito menos chance de ter cometido crimes”, diz o economista. Sua análise do programa Perry chegou à conclusão de que houve um retorno sobre o investimento de 7 a 10% ao ano, com base no aumento da escolaridade e do desempenho profissional, além da redução dos custos com reforço escolar, saúde e gastos do sistema penal. Mais de 50 anos depois do início desse programa, Heckman divulgou, recentemente, nova pesquisa, feita com seu colega na Universidade de Chicago, Ganesh Karapakula, que confirma esses resultados e mostra que não apenas os participantes se beneficiaram do programa pioneiro, mas também seus filhos, estes mais escolarizados e bem empregados do que seus pares. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48302274?ocid=socialflow_twitter>.

de Educação Infantil Saber Fazer, percebe-se que as crianças são tratadas como uma família ampliada. São grupos pequenos de crianças, recebendo muita atenção, orientação e muitos estímulos das professoras da Primeira Infância. Na verdade, pode-se ser, na prática nas escolas da Primeira Infância, pais e mães à medida que as professoras passam muito tempo com a criança. Levar as crianças ao parque, passear no cinema, comer pipoca, pedalar, andar, correr e brincar com elas. Isso proporciona à criança a oportunidade de interagir com seus pares. A presença dos pais e mães em algumas atividades mensais na escola é um fator que também pode vir a contribuir com o desenvolvimento das crianças.

Constata-se que as mães e os pais, ao se envolverem com o envolvimento dos seus filhos nas atividades escolares, sentem muita gratidão. A criança, ao retornar para casa, encontrava-se muito entusiasmada. Por decorrência, os pais acabavam estimulando a criança ainda mais. As lições desse programa também podem ser transferíveis para programas de visita (às casas dos pais, nos quais um educador ensina os pais como estimular seus filhos pequenos), ainda que eles pareçam ser diferentes. Nesse caso, destaca-se a importância da vida doméstica e escolar no desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais que os participantes demonstraram em etapas seguintes da vida⁶⁶.

Ao mesmo tempo, sugere-se estabelecer um programa para o educador passar uma hora por semana com a mãe ensinando

⁶⁶ Os colaboradores deste livro entrevistaram em 2018 cerca de 7 ex-alunos(as) da Escola de Educação Infantil Saber Fazer, 5 pais, 8 mães acerca do excelente papel da referida escola na vida afetiva, familiar, profissional e escolar dos egressos (os entrevistados tinham entre 25 e 47 anos de idade no momento da entrevista). Foi constatado que nenhum dos egressos se envolveu com crimes de qualquer natureza. As entrevistas foram realizadas nas dependências da Academia Passo-Fundense de Letras e foram gravadas para a elaboração de um documentário a ser produzido em 2020 e 2021.

como ela pode interagir com as crianças – desafiá-la, engajá-la. O preço não é tão alto e o retorno é enorme. E, ainda, pode-se correr o risco de eles desenvolverem habilidades executivas – de planejamento, de interação, de cumprimento de tarefas, seguir instruções.

Crianças pequenas são muito maleáveis e mutáveis. Há uma flexibilidade nessa etapa que não se vê em outras. É uma questão de eficiência econômica. Conclui-se, por fim, que a desigualdade na Primeira Infância se perpetua e se mantém nas etapas posteriores da vida. Assim, o ambiente nos primeiros anos é muito importante. Nessa fase, a criança se desenvolve ao construir uma base de habilidades e capacidades que vão servir-lhe para construir o futuro.

POSFÁCIO

UM BELO ENCONTRO ENTRE O DR. AVENTINO ALFREDO AGOSTINI E O DR. ROBERTO ANDERSEN (ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE NOVA YORK) PARA SALIENTAR O VALOR DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Em 2018, o Dr. Aventino recebeu a visita do neurocientista Roberto Andersen⁶⁷, representante da inteligência brasileira junto à Academia de Ciências de Nova York⁶⁸. Houve, assim, um profícuo diálogo acerca da Primeira Infância, destacando-se, em primeiro plano, a necessidade de se estimular as dimensões sensoras da criança tendo em vista a busca do desenvolvimento de suas redes neurais de forma mais perfeita possível. Desse modo, ficou evidenciado que a adoção de procedimentos que auxiliem tal desenvolvimento facilita à criança acessar a ampliação de um bom entendimento acerca do mundo à sua volta. Essa parece ser uma das garantias mais seguras para que a criança tenha facilidade de conhecer o texto e o contexto. Em segundo lugar, é nos seis primeiros anos de vida do ser humano que as mães, os pais e as demais pessoas que se encontram

⁶⁷ Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=PfaLupFJ3Jo&feature=youtu.be>>. ANDERSEN, Roberto. Afetividade na educação: psicopedagogia. 2. d. São Paulo: Allprint, 2011. Por fim, ANDERSEN, Roberto. Estudos sobre educação: inclusão responsável.

⁶⁸ O encontro ocorreu em maio de 2018 na residência do Dr. Aventino Alfredo Agostini. Na oportunidade, estiveram presentes o anfitrião o Dr. Roberto Andersen, o Leiloeiro Oficial Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos e o Prof. Dr. Mauro Gaglietti. Houve o registro desse encontro por parte da equipe do cineasta Emiliano Ruschel (Los Angeles, EUA), que se prepara para dirigir um documentário acerca da vida e da obra do Dr. Aventino. Antes desse encontro, o Dr. Roberto Andersen conversou com as crianças e com as professoras da Escola Saber Fazer, ficando encantado com o que viu. Na ocasião, disse ele: “só vi algo parecido – em termos de educação na Primeira Infância – na Dinamarca”.

ligadas à criança demonstram de fato muito amor à criança. É o amor com muito afeto que irá garantir o estabelecimento do equilíbrio emocional ao longo da vida. Portanto, a equação da futura felicidade dependerá da adição do amor mais conhecimento, investidos na Primeira Infância.

No que se refere ao primeiro ano de vida, quanto ao desenvolvimento do corpo da criança, da capacidade de movimentos, diferentemente de diversos outros animais, o ser humano, ao nascer, é considerado “imatur”, já que, para sobreviver, depende totalmente da mãe. Diante disso, assinala-se que todos os feixes nervosos responsáveis pelo controle motor vão se desenvolver após o nascimento, durante o primeiro ano de vida. Assim, ocorre a evolução no âmbito do controle, por parte da criança, do seu próprio corpo. No caso, a criança inicia, gradativamente, o comando de seus próprios movimentos, passando pela fase de engatinhar e, em seguida, contando com o controle de equilíbrio mais bem desenvolvido, coloca-se em pé e, prosseguindo, inicia os primeiros passos. A criança passa por um complexo processo de desenvolvimento até garantir – com um ano de idade aproximadamente – alguma autonomia comportamental, inaugurando um conjunto de preocupações com as mães, pais, familiares e demais pessoas que convivem com a criança.

A par desse processo de desenvolvimento - corporal e comportamental -, seguir um ritmo mais distinto, um tanto quanto adotando uma direção mais rápida, “precoce”, surge outro singular desenvolvimento: da mente, da capacidade intelectual da criança. Assegura-se, ainda, que, desde que o bebê se encontra no útero materno, já demonstra algum entendimento de linguagem e, principalmente, consegue reconhecer diversos

tipos de sensações⁶⁹. Outra boa diferença entre o ritmo do desenvolvimento do corpo e da mente está relacionada ao cérebro no momento em que a criança nasce, já esteja praticamente pronto no que se refere ao tamanho e a complexidade da mente, ensejando que muitas outras conexões ainda possam ser realizadas durante toda a infância, adolescência e, ainda, durante a juventude, finalizando apenas por volta dos trinta anos de idade.

O psicanalista René Spitz⁷⁰, ao trabalhar em um orfanato, observou que bebês alimentados e vestidos, mas que não recebiam afeto e não eram colocados no colo, tinham dificuldades no seu desenvolvimento físico. Faltava-lhes apetite, não ganhavam peso e, com o passar do tempo, perdiam o interesse por se relacionar. Foi o que Spitz denominou de Síndrome de Hospitalismo⁷¹. No caso, o hospitalismo é o conjunto de perturbações que o bebê pode sofrer devido a carências maternas. Na ausência da mãe, as reações da separação podem provocar uma depressão devido à falta da figura materna.

Quando crianças de idades muito precoces são sujeitas a uma privação de contato com os seus entes mais próximos, seja em situação de um abandono materno, seja em uma temporada passada num hospital, vão sofrer de problemas tanto físicos quanto psicológicos que podem afetar o desenvolvimento normal, como o atraso no desenvolvimento corporal, insônias, queda de peso, alteração do seu estado geral, incapacidade de adaptação ao meio, fragilidade e menor imunidade a doenças infecciosas. Nos casos de total

⁶⁹ LENT, Roberto, 2008, p.100-106.

⁷⁰ In: Hospitalism: an inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood, 1945.

⁷¹ Os estudos efetuados por René Spitz apontam que, em 1945, houvesse uma primeira reforma das condições de hospitalização de crianças pequenas e, em 1950, a Organização Mundial de Saúde passasse a incluir em suas orientações um documento de nome “Cuidados maternos e saúde mental”, no qual se afirma: “[...] fica claramente demonstrado que os cuidados maternos no decurso da primeira infância desempenham um papel essencial no desenvolvimento harmonioso da saúde mental.”

carência afetiva, ligada à falta de qualquer vínculo maternal, os distúrbios podem levar à morte. A doença é sentida como um castigo, como uma falta cometida por algum ato, que lhe cria culpabilidade, e da qual agora está sofrendo as consequências. A criança sente que está sendo punida por alguma falta que cometeu.

O que está em jogo do ponto de vista psicológico é a perda de identidade do ser, já que a criança não usufrui da presença da figura materna. Nesses casos, nas suas relações, faltou o rosto do outro, porque este está ausente e, conseqüentemente, as crianças ingressam em um processo de grande depressão, não têm um sentimento de continuidade e estabilidade nas relações com o outro; pelo contrário, o que vivenciam é uma separação, uma distorção da realidade que conheciam e uma descontinuidade nos cuidados prestados pelos pais. A separação da família e do seu lar é uma experiência dolorosa para o bebê.

Assim, percebe-se que é no primeiro ano de vida que ocorrem as conquistas fundamentais para as crianças. De acordo com Spitz⁷², é nessa fase da vida que ocorrem: “El tránsito del lenguaje de comprensión al inicio del lenguaje activo; Movimientos coordinados, inicio de la marcha aún no perfeccionada; Manifestación afectiva ante extraños y conocidos; Se apropian de normas en relación con el comportamiento social; son capaces de comprender lo que pueden o no hacer; Manipulación de objetos, hasta llegar al uso de la pinza digital, para agarrarlos y moverlos.”

Em consonância a esses estudos, o pesquisador Charles Nelson⁷³ utilizou os aportes da neurociência para medir o crescimento do cérebro em bebês que também viviam em orfanatos sob

⁷² Ver: VARONA, *Revista Científico-Metodológica*, n. 50, p. 65-70, jan./jun. 2010. SPITZ, R. *El primer año de vida del niño*. Madrid: Editorial Aguilar, 1961. SPITZ, R. *Congreso de Psicoanalistas de Lenguas Romanas*. New York, 1953.

⁷³ In *Anguish of the Abandoned Child*, Scientific American, 2013.

condições de extrema negligência, sem estimulação adequada e interação afetiva com o cuidador. Os estudos demonstraram grandes prejuízos ao desenvolvimento infantil, sobretudo no crescimento e na linguagem. Os bebês estudados tinham seus cérebros atrofiados e apresentavam problemas psiquiátricos como ansiedade e transtorno de déficit de atenção. Tudo isso é muito importante, mas, como já dito, não basta. É preciso dar a mesma atenção aos aspectos psicossociais e cognitivos, para que a criança pequena tenha um desenvolvimento pleno e saudável.

Como fazer isso? Antes de tudo, é preciso que exista vontade política e compromisso dos gestores do município em traçar, estruturar, implementar e sustentar programas e políticas públicas voltados ao desenvolvimento infantil integral. Você já sabe que a eficácia e efetividade dos programas sociais é tanto maior quanto maior é a participação dos diversos atores e instituições locais – dos profissionais da educação, da saúde e do desenvolvimento social, dos Conselhos de Direitos, dos Conselhos Tutelares, das ONGs e também das famílias. Uma mesma criança é atendida pelos diversos serviços do município – e, com certeza, mais de uma vez, sobretudo entre a gestação e os três primeiros anos de vida. Por isso, o município tem de pensar em estratégias claras para melhorar as condições de saúde física e emocional da gestante e do bebê, o que envolve acompanhamento do pré-natal, assistência ao recém-nascido e à mãe, vacinas, registro de nascimento, promoção do aleitamento materno, entre outras iniciativas. É essencial, também, a criação de espaços lúdicos e educativos, acolhedores e seguros, com equipe capacitada e a promoção de atividades que envolvam os pais no brincar e no aprendizado dos filhos. A criação de espaços de escuta das famílias grávidas ou com crianças pequenas, por meio de grupos ou

outras estratégias, pode cumprir um papel muito importante no fortalecimento das famílias para o cuidado para com seus filhos. Todas as famílias precisam de orientações sobre como agir para que seus filhos recebam a atenção e os estímulos necessários ao seu desenvolvimento, especialmente as mais vulneráveis. Mas, para isso, o município tem de mapear e fortalecer sua rede de apoio, bem como divulgá-la amplamente. Não adiantará oferecer bons serviços à população se esta desconhecer ou tiver dificuldade de acesso às oportunidades disponibilizadas à criança pequena. A criação e utilização de fluxos e protocolos de atendimento alinhados à visão da promoção do desenvolvimento integral da criança é uma poderosa ferramenta de apoio e qualificação do trabalho dos profissionais. É importante também informar a população da cidade sobre a relevância dos primeiros anos de vida e sobre os programas voltados à primeiríssima infância⁷⁴.

Acreditamos que esses são os caminhos para investir na Primeira Infância para termos um País melhor.

⁷⁴ Os resultados da pesquisa *Percepções e Práticas da Sociedade em Relação à Primeira Infância*, realizada pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) em parceria com o Ibope e o Instituto Paulo Montenegro em 2012, demonstram que, quando o foco é a criança de zero a três anos, a maioria dos entrevistados (51%) considera as dimensões físicas do desenvolvimento mais importantes que as dimensões cognitivas e psicossociais. “Levar ao pediatra e vacinar”, “amamentar” e “alimentar” foram apontadas como ações de maior relevância do que “brincar e passear”, “conversar”, “estabelecer limites e rotinas”. Um maior equilíbrio de visão sobre a relevância dessas variáveis certamente criaria oportunidades melhores para o desenvolvimento integral da criança pequena no Brasil. Além disso, a pesquisa aponta que a maioria da população considera que a criança só começa a aprender depois dos seis meses de vida, o que mostra que ainda é preciso muito trabalho de sensibilização pela importância dos primeiros estágios da vida. Acesse o link e conheça todos os resultados da pesquisa *Percepções e Práticas da Sociedade em Relação à Primeira Infância*. <<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/acervo-digital/Paginas/Primeir%C3%ADssima-Inf%C3%A2ncia--uma-pesquisa-da-FMCSV-e-Ibope.aspx>>.

REFERÊNCIAS DE AUTORIA DO DR. AVENTINO ALFREDO AGOSTINI

- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *A imunologia do comportamento*.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *O cálice de Sôphía*. Passo Fundo: Armando Araujo Annes Casa Editorial, 1994.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *Para além dos répteis*. Passo Fundo: Berthier, 2004.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *A humanidade da natureza humana*. Passo Fundo: Passografic, 2011.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *Angiostrongilíases: da Biología ao enfoque clínico*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *O pecado da omissão e direitos da Primeira Infância*. Passo Fundo: Berthier, 2015.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *Nobel da convivência*. Porto Alegre: Nova Eva, 2016.
- AGOSTINI, Aventino Alfredo. *Direitos da Primeira Infância (ex educação infantil)*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M. D. S.; BOWLBY, J. An Ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 1997.
- ALVES, C. R. L. et al. Qualidade do preenchimento da Caderneta de Saúde da Criança e fatores associados. *Cad Saúde Pública*, v. 25, p.583- 595, 2009.
- ANDERSEN, Roberto. *Afetividade na educação: psicopedagogia*. 2. ed. São Paulo: Allprint, 2011.
- AVERBUCH, A. R. *Adaptação de bebês à creche*. O ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- BARBOSA, P. *Dicionário de terminologia médica portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequenas. In: ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA DA REGIÃO SUL, 9., 2012. *Anais...* 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1234/318>>. Acesso em: 16 out. 2012.
- BÉBE, Maurice. *O meu filho dos 12 meses aos três anos*. Porto: Porto Editora, 1981.
- BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BOUFFARD, Pierre. *A criança até aos 3 anos – como cuidar da criança no dia-a-dia*. 4. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- BOWLBY, J. *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Tradução S. M. Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BOWLBY, J. *Apego e perda*. Apego: a natureza do vínculo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOWLBY, J. *Apego e perda*. Tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1980. v. 3.
- BOWLBY, J. *Apego e Perda*. Perda: tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. v. 3.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- BOWLBY, J. *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno. *Gestões e gestores de políticas públicas de*

atenção à saúde da criança. 70 anos de história. Série 1. História da Saúde. Brasília, DF, 2011.

BRAZELTON, T. Berry. *O Grande Livro da Criança – o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

BROW, T. A. *Um enfoque molecular*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

CANIATO, C. *O Cén*. São Paulo: Ática, 1990.

CARVALHO, Maria de Lurdes Dias de. *Efeitos de estimulação multissensorial no desempenho de crianças de creche*. 2005. Tese (Doutorado em Estudos da Criança - Ramo do Conhecimento), 2005.

CARVALHO, M. F. et al. Acompanhamento do crescimento em crianças menores de um ano: situação nos serviços de saúde em Pernambuco, Brasil. *Cad Saúde Pública*, v. 24, n. 3, p. 675-685, 2008.

CASSIDY, J. The nature of child's ties. In: CASSIDY, J.; SHAVER, P. (Org.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*. New York: The Guilford Press, 1999. p. 2-3.

CASTOLDI, L. *As configurações familiares e a história de perdas e separações na família: implicações para a adaptação da criança à pré-escola*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLBORN, T.; DUMANOSKI, D.; MYERS, J. P. “O futuro roubado”. Porto Alegre: L&PM, 2002.

DAWKINS, R. 1976. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE MASI, D. *A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DE MASI, D. *O futuro chegou*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

DIDONET, Vital. *Creche: a que veio... para onde vai. Educação Infantil: a creche, um bom começo*, Brasília, DF, 2001. v. 18.

FEDERATIVE COMMITTEE ON ANATOMICAL TERMINOLOGY. *Terminologia anatomica*. Stuttgart, Georg Thieme Verlag, 1998.

GARDNER, H. *Multiple Intelligences: The Theory in Practice*. New York, 1993.

GESELL, Arnold. *A criança dos 0 aos 5 anos – o bebê e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento antissocial. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. (Org.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea, 2003. p. 21-60.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. *O cuidado com bebês*

- e crianças pequenas na creche*: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas. 9. ed. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2014.
- GRAY, J. *Cachorros de Palha*. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1948.
- GRIFFEY, Harriet. *O seu filho dos 12 aos 24 meses – um guia pormenorizado para os pais*. Porto: Editora Civilização, 2002.
- JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- KLEIN, R. G.; EDGAR, B. *O despertar da cultura*: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LEAKEY, R. *A origem da espécie humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- LENT, Roberto. *Neurociência da mente e do comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- LINHARES, A. O. et al. Avaliação dos registros e opinião das mães sobre a caderneta de saúde da criança em unidades básicas de saúde, Pelotas, RS. *Revista da AMRIGS*, v. 56, n. 3, p. 245-250, 2012.
- LORENZ, K. *A agressão*: uma história natural do mal Monoele limitado. São Paulo, 2002.
- MCHENRY, H. M.; COFFING, K. Australopithecus to Homo: transformations in body and mind. *Annual Review of Anthropology*, v. 29, p. 125-146, 2000.
- MACLEAN, P. D. The triune brain, emotion and scientific bias. In: SCHMIDTT, F. O. (Ed.). *The Neurosciences Second Study Program*. New York: The Rockefeller University Press, 1970.
- MACLEAN, P. D. *The triune brain in conflict*. Bethesda (US): Psychother. Psychosom, 1977.
- MACLEAN, P. D. *The triune brain in evolution*: role in paleocerebral functions. Nueva York: Plenum Press, 1990.
- MALAGRIS, L. E. N.; CASTRO, M. A. Distúrbios emocionais e elevação de stress em crianças. In: LIPP, M. E. N. (Org.). *Crianças estressadas*: causas, sintomas e soluções. Campinas: Papirus, 2000. p. 65-100.
- MAHLER, M. *O processo de separação-individuação*. Tradução H. M. Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MATTA, Isabel. *Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- MATURANA, H. *El sentido de lo Humano*. Santiago do Chile: Ediciones Pedagógicas Chilenas, 1992.
- MATURANA, H. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.
- MATURANA, H. O que se observa depende do observador. In: THOMPSON, W. I. (Org.). *Gaia*: uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 2000. p. 61-66.

- MATURANA, H.; BLOCH, S. A. *Biologia del emocionar e alba emoting*. bailando juntos. Santiago do Chile: Dolmen Ediciones, 2003.
- MATURANA, H.; PODOZIS, M. *Origen de las Especies por medio de la Deriva Natural*: o la diversificación de los linajes a través de la conservación y cambio de los fenotipos ontogénicos. Santiago do Chile: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 1992.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *El árbol del conocimiento*: las bases biológicas del conocimiento humano. Madrid: Debate, 1990.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *De máquinas e seres vivos*. Autopoiese, a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.
- MOORE, R.; GILLETTE, D. *Rei, guerreiro, mago, amante*: a redescoberta dos arquétipos do masculino. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- MORIN, E. *O método III*: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MORIN, E. *O enigma do Homem*: para uma nova Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.
- MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: *Para navegar no Século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.
- MUCCHIELLI, Roger. *A personalidade da criança*: sua formação do nascimento até ao fim da adolescência. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1992.
- ORIONTE, I.; SOUZA, S. M.G. O significado do abandono por crianças institucionalizadas. *Psicol Rev*, Belo Horizonte, 2005.
- PANKSEPP, J. Neuroevolutionary sources of laughter and social joy: modeling primal human laughter in laboratory rats. *Behavioural Brain Research*, v. 182, n. 2, p. 231-244, 2007.
- PAPALIA, Diana; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *O mundo da criança*. 8. ed. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.
- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- PINTO, P. A. *Dicionário de termos médicos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. Científica, 1962.
- PIRES, A. L. D.; MIYAZAKI, M. C. O. S. Maus-tratos contra crianças e adolescentes. Revisão de Literatura para profissionais de saúde. *Arq Ciênc Saúde*, v. 12, n. 1, p. 42-49, jan./mar. 2005.
- PORTUGAL, Gabriela. *Crianças, Famílias e Creches*: uma abordagem ecológica da

- adaptação do bebé à creche. Porto: Porto Editora, 1998.
- PORTUGAL, Gabriela. Educação de Bebés em Creches – perspectivas de formação teóricas e práticas. *Infância e Educação*, n. 1, jan. 2000.
- PORTUGAL, Gabriela. Desenvolvimento e aprendizagem na infância. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Org.). *Relatório do estudo: a educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: Ministério da Educação, 2009.
- PORTUGAL, Gabriela. No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços. In: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Org.). *Actas e Seminário - Educação das crianças dos zero aos três anos*. Lisboa: Ministério da Educação, 2011.
- PORTUGAL, Gabriela. *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade, 2012.
- ROJO, Carmen Calvo et al. *Lua cheia 2-3 anos*. Material de apoio didáctico. São Domingos de Rana: Mundicultura, 2006
- SABBI, D. J. *Sinto, logo existo*. Porto Alegre: Alcance, 1999.
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SANTOS, S. L. A. *O Exercício da puericultura*. In: Manual de Puericultura do Departamento de Pediatria da FMABC. São Paulo: Faculdade de Medicina do ABC, 2010.
- SCHADY, Norbert. *Desenvolvimento da Primeira Infância na América Latina e no Caribe*. Acesso, resultados e evidência longitudinal do Equador. BID, 2014.
- STEINER, Rudolf. *Waldorf Education for Adolescence*. São Paulo: Kolisko Archive Publications, Bournemouth, England, 1980.
- UNESCO. *A criança e o seu desenvolvimento desde o nascimento até aos 6 anos – conhecê-la melhor para melhor a ajudar*. Lisboa: Educação do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal com a Colaboração da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1978.
- VASCONCELOS, Teresa. Conselho Nacional de Educação – Recomendação n. 3/2011 – A Educação dos 0 aos 3 anos. *Diário da República*, 2ª série, n. 79, 21 abr. 2011.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

- VILLENEUVE, I. M. Una nueva vacuna: la vacuna del autoconocimiento. Bases neurobiológicas de la conducta humana. El juego entre el cerebro instintivoemocional y el cerebro racional. *Revista pediatría atención primaria*, Madrid, v. 18, n. 70, abr./jun. 2016.
- WEINGARTEN, S. P.; PENAT, H. O. *Cognitive psychology research developments*. New York: Nova Science Publishers, 2009.
- WHIFFEN, V. E.; MADNOSH, H. B. *Mediators of the link between childhood sexual abuse and emotional distress — a critical review*. Trauma Violence Abuse, 2005. Disponível em: <<http://www.mcmpovos.com.br/site>>. Acesso em: 26 abr. 2014.
- WILHELM, R. I Ching. *O livro das mutações*. São Paulo: Pensamento, 2009.
- WINNICOTT, D. W. *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Org.). *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- ZWEIG, C.; WOLF, S. *O jogo das sombras: iluminando o lado escuro da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

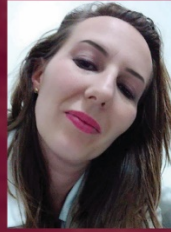
Formato: 14,8 cm x 21,0 cm
Tipologia: Projeto Passo Fundo
Corpo: 11 pt
Entrelinhas: 16,5 pt
Fontes Títulos: Nexa
Fontes Texto: Book Antiqua
Mancha: 11 cm
Papel Pólen



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

projetopassofundo@gmail.com

<http://projetopassofundo.com.br>



**ARLÉIA
BELLINI**

**Diretora e Só-
cia Proprietá-
ria da Escola
Saber Fazer.**

Graduada em

Pedagogia/UPF. Pós-Gradu-

ada em Psicopedagogia/UPF.

É Professora de Educação

Infantil na rede pública muni-

cipal junto a SME – Secreta-

ria Municipal de Educação da

Prefeitura de Passo Fundo.

Com o Dr. Aventino Agostini

aprendeu que os direitos da

primeira infância garantem

liberdade à criança para brin-

car e imaginar, tendendo a

formar um adulto melhor

*Qual é o segredo para criar
e educar uma criança ajustada
aos tempos modernos?*

*Essa leitura vai mostrar que
há um modo sim, fundamen-
tado nas ciências e nas artes
de se criar um filho. Além de
se preocuparem se estão fa-
zendo o certo e se seus filhos
serão pessoas “bem-sucedidas”,
precisam, antes, pres-
tarem atenção se seus filhos
saberão se relacionar com
outras pessoas por meios
que não sejam os virtuais.*

O contato com esse livro pode despertar uma criança a provar o sabor e o saber de uma escola de educação infantil guiada pela concepções científicas que vêm sendo formuladas - nas quatro décadas mais recentes - pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini. Tais diretrizes constituem o método *Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância* a partir do estudo de sua experiência enquanto médico patologista associada aos estudos junto às pessoas que passaram os seis primeiros anos de suas vidas na Escola de Educação Infantil Saber Fazer, fundada em 1998 em Passo Fundo (RS). Na verdade, esse guia teórico/prático contempla seis direitos da primeira infância voltados à aprendizagem e ao desenvolvimento. Sua formulação envolveu conhecimentos transdisciplinares (medicina, biologia, veterinária, psicologia, pedagogia, neurociências, entre outras tantas áreas contempladas em suas pesquisas). Então, o que a criança irá encontrar na Escola idealizada pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini: 1 - Um espaço de convivência com outras crianças e adultos no pátio, ao sol, ao vento; 2 - Momentos nos quais uma criança aprende com a outra, brincando. Brincar cotidianamente de diversas formas e em diferentes espaços, preferencialmente em contato com a terra, plantas, animais, plantar moranguinho, colher, comer a fruta; 3 - Envolver-se ativamente no planejamento das atividades propostas pelo educador; 4 - Oportunidades para explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos e elementos da natureza; 5 - Momentos para expressar suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, interesses, hipóteses, descobertas, opiniões, saber formular um pedido e questionar; 6 - Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural. Preparar os recursos humanos da escola para valorizar os saberes e conhecimentos fundamentais a serem propiciados às crianças, assim como a associação deles com suas experiências anteriores. No caso, a formação e a capacitação prepara o corpo docente para acionar os campos de experiências que definem os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: "o eu, o outro e o nós"; "corpo, gestos e movimentos"; "traços, sons, cores e formas"; "escuta, fala, pensamento e imaginação" e "espaços, tempos, quantidades, relações e transformações". Tais preceitos encontraram, mais recentemente, acolhida junto ao portfólio da escola de educação infantil contemplada no BNCC (Base Nacional Comum Curricular - MEC), motivo de alegria e esperança para todos nós em se poder propiciar melhores condições para o desenvolvimento humano.

ISBN 978-858326425-5



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre